

REVISTA CIENTÍFICA
ELETRÔNICA
DE PSICOLOGIA



REFLEXÕES
PSICO
LÓGICAS

Ψ

2019

VOLUME 32. NÚMERO 1
MAIO 2019

REVISTA CIENTÍFICA
ELETRÔNICA
DE PSICOLOGIA

VERSÃO DIGITAL. ISSN 1806-0625

GARÇA/SP

**Revista Científica Eletrônica de Psicologia- RCE. PSI-
ISSN: 1806-0625**

CURSO DE PSICOLOGIA
Sociedade Cultural e Educacional de Garça
Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF

Administração Superior
Presidente: Wilson Shimizu
Vice-presidente: Dra. Dayse Maria Alonso Shimizu

Direção da FAEF – Dra. Vanessa Zappa
Vice direção – Msc. Augusto Gabriel Claro de Melo

EDITOR CHEFE

Rui Mesquita Neto – Coordenador do Curso de Psicologia da FAEF

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Wellington Silva Fernandes
Dra. Chayrra Chehade Gomes
Dra. Juliana Baracat
Ma. Débora Elisa Parente Freitas
Me. José Wellington dos Santos
Me. Juliana Alvares
Me. Thais Yazawa

REVISÃO DE TEXTO

Jéssica Alves Alvarenga

REVISÃO GERAL

Suellen Nogueira Martins Alves

PROJETO GRÁFICO

Euceny Caroline Pedroso Saccá

Revista Científica Eletrônica de Psicologia / Publicação científica
do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e
Formação Integral. Edição 32, v. 32, n. 01 (2019). -- Garça:
FAEF, 2019.

Semestral
Texto em português
ISSN: 1806-0665

1. Psicologia I. FAEF

CDD 150

Ficha Catalográfica Elaborada pela Biblioteca da Instituição.

SUMÁRIO

Apresentação	01
Um estudo conceitual sobre contratransferência em Sigmund Freud e em Paula Heimann	02
SANTOS, Fernanda Aline Nascimento dos; BARACAT, Juliana	
Sabina Spielrein: Um breve histórico de uma pioneira da psicanálise	13
MELO, Jaqueline Galdino; BARACAT, Juliana	
As influências da mídia social na adolescência: um estudo sobre o impacto da tecnologia sobre o adolescente contemporâneo	22
SANTOS, Daniela Luise Nicolau; BARACAT, Juliana	
Feminicídio x Homicídio passional: um estudo da vitimologia e do perfil do agressor	42
FREITAS, Michele F.; MESQUITA NETO, Rui	
Contemporaneidade e formas relacionais: um estudo sobre afetividade e relacionamentos amorosos na pós modernidade	55
PAVANI, Joyce Breda; FREITAS, Débora Elisa Parente	
Organizações não governamentais – a atuação do psicólogo no terceiro setor	66
NARDELLI, Marina Barbosa; BARACAT, Juliana	
Terapia de casal e a caracterização de relacionamentos conjugais abusivos	75
SOSSOLOTE, Patrícia Camilo; FREITAS, Débora Elisa Parente	
Swing: um estudo sobre configurações amorosas heterodoxas	87
VIEIRA, Iris Silva; BARACAT, Juliana	

Libras: o falar com as mãos – a importância do atendimento psicológico para pessoas com deficiência auditiva **99**

RIBEIRO, Michele Aparecida; BARACAT, Juliana

Aspectos gerais da lesão medular e o uso da psicologia como agente de qualidade de vida do paciente **117**

GUILHERME, Thaís Amanda; CRUZ, Reinaldo Pereira da

Mulheres de meia-idade: a não aceitação da idade cronológica e as transformações psíquicas e biológicas **132**

PRATES, Elisangela; YAZAWA, Thaís

Neuromarketing **141**

CARVALHO, Gustavo Ferreira; BORGES, Lígia Cristine Ferreira; BORGES, Luciano

APRESENTAÇÃO

Enquanto ciência, a psicologia é um campo de inúmeras possibilidades de estudo, não podendo ser delimitada por um único objeto de estudo. É possível o estudo das funções mentais e psíquicas, práticas culturais, comportamentos, questões emocionais, doenças psíquicas, o leque é imenso! Tais estudos possibilitam um entendimento macro do ser humano, abarcando todas as suas nuances, o que nos aproxima de uma compreensão mais geral das demandas emocionais.

Desta maneira, o profissional da psicologia deve estar sempre em atualização; estudando e atento às mudanças sociais, produzindo conhecimento científico que permita que a sua prática (clínica ou social) seja sempre eficaz.

Assim, apresentamos esta 32ª edição da Revista Científica Eletrônica de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF) que traz como tema central **Reflexões Psicológicas**. Nesta edição, temos artigos que tratam de diversos assuntos, relacionados desde à inclusão, um tema tão pertinente no âmbito da intersecção da psicologia com a pedagogia, quanto às práticas sexuais enquanto tabu dentro da sociedade do século 21. Ainda temos temas polêmicos e atuais quanto às diferenças entre o feminicídio e o homicídio passional e relacionamentos conjugais abusivos. Essa nova edição é resultado das pesquisas realizadas dentro da instituição, cumprindo com a nossa função social de produção de conhecimento científico.

Boa leitura!

Atenciosamente,
Corpo Editorial

UM ESTUDO CONCEITUAL SOBRE A CONTRATRANSFERÊNCIA EM SIGMUND FREUD E EM PAULA HEIMANN

SANTOS, Fernanda Aline Nascimento dos
BARACAT, Juliana

RESUMO

Este trabalho apresenta a contextualização da Transferência e da Contratransferência, elaborados estes por Freud em 1912, juntamente com as considerações e interpretações sobre ambos, apontados por Paula Hermann em 1950, que apresenta não somente a existência dos mesmos na clínica psicanalítica, mas também, a que se deve o estabelecimento de tal fenômeno. Além disto, é apresentado um enquadre sobre como o analista se utiliza de tais ferramentas trazidas pelo paciente, juntamente com a duplicidade nas consequências decorrentes da contratransferência, e as influências do analista no desenvolver da mesma.

Palavras-chaves: Psicanálise, Transferência, Contratransferência.

ABSTRACT

This work presents the contextualization of Transfer and Countertransference, elaborated by Freud in 1912, together with the considerations and interpretations on both, pointed out by Paula Hermann in 1950, which presents not only their existence in the psychoanalytic clinic, but also the that is due to the establishment of such phenomenon. In addition, a framework is identified on how the analyst uses such tools brought by the patient, along with duplicity in the consequences arising from the countertransference, and the influences of the analyst under the development of the same.

Keywords: Psychoanalysis, Transfer, Countertransference

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise é o mecanismo de investigação que consiste na busca pela significância dos gestos, palavras, desejos, delírios e expressões humanas exteriorizadas pelo indivíduo e que representam vontades, traumas ou marcas de seu inconsciente. A consulta clínica é conduzida pelo analista, que observa e investiga os possíveis fatores inconscientes, detectando assim os motivos que conduzem as ações no presente e porque elas ainda são relevantes em sua vida. A tendência natural do paciente é fugir destes porquês interiorizados e para isso ele utiliza, mesmo que involuntariamente, defesas que não permitam fazê-lo reviver experiências traumáticas do passado.

A defesa é conceituada pela psicanálise como toda a ação que conduz à fuga do sofrimento trazido pelas próprias lembranças do paciente, esta resistência age

através do ego e impulsiona o analisando a retrair ideias e pensamentos que rebusquem traumas e sejam obstáculos no tratamento. A transferência é um tipo de defesa, estabelecida antes mesmo do primeiro contato entre o analista e seu analisado e é neste processo que o paciente passa a ver o médico com olhos afetivos, enquanto que o profissional se transforma num depositário do saber de seu paciente. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970)

Freud (1912/2006) definiu a transferência como uma resistência ao tratamento, e viu na questão afetiva, transferida do paciente ao médico, uma barreira não proposital que vincula à figura do analista existiam aspectos significativos do passado do analisando, e que assim não possibilitam uma análise verídica dos fatos ligados ao paciente.

Como resposta à transferência existe a contratransferência, que é explanada por Freud como a reação do analista a este relacionamento inconsciente entre seu paciente e ele. Há, segundo ele, grande dualidade quanto a esta questão, que poderá ser positiva ou negativa, tanto na facilitação da compreensão do paciente no processo terapêutico, quanto na interferência total no tratamento, o que gera barreiras que atrapalham a veracidade da análise, predominando a ideia de evitamento do médico para com seu paciente. (FREUD, 1912/2006)

Paula Heimann nasceu em Dantzig, na Polônia, em 1899. Era filha de pais russos e a única mulher dentre seus quatro irmãos. Concluiu seus estudos em medicina e especializou-se em psiquiatria, estando sempre voltada a tratamentos de pacientes psiquiátricos. Através de seus professores Fenichel, Sachs, Alexander, Horney e Radó, docentes já interessados em relacionamentos entre médico e paciente, foi que Paula Heimann recebeu apoio científico para iniciar suas pesquisas relativas à contratransferência (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A teoria sobre a contratransferência de Heimann colaborou para que a dualidade de interpretações trazidas por Freud fosse desenrolada e que uma definição sobre a postura do analista na conduta contratransferencial fosse estabelecida. Até então, a contratransferência era vista como um problema a ser resolvido ou uma dificuldade técnica a ser afrontada pelo analista, e a partir dos estudos de Heimann esta visão foi modificada (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Sendo assim, Paula Hermann (1950/1995) traz à contratransferência uma nova interpretação e é diante desta abordagem que o presente trabalho fará uma

explicação sobre o conceito de contratransferência, além de caracterizar a transferência e a contratransferência em Freud, e os mesmos conceitos em Heimann. Por tratar-se de pesquisa de revisão conceitual foram buscadas em pesquisas bibliográficas que aludem tais comportamentos de defesa ao tratamento, sugerindo assim uma visão positiva na contratransferência de Heimann.

2.1 A Transferência No Enquadre Psicanalítico

A psicanálise é um método de investigação que consiste na evidênciação do significado inconsciente das palavras, ações, fantasias, delírios e sonhos de um indivíduo. A técnica para a interpretação do sujeito pode ser a associação livre e a interpretação de atos expressos que acompanhem os vários sintomas acompanhados por mecanismos de defesa, dados patológicos, estruturas de personalidade e ações de transferência e contratransferência. Os sintomas são manifestações patológicas ou sofrimentos do paciente, situações decorrentes de atividades psíquicas que muitas vezes são desconhecidas pelo indivíduo e que interferem completamente em suas ações e pensamentos. Para tanto, o analista é o profissional que interage com estes fatos e provoca a cura do sujeito a partir de práticas que repararem os danos psíquicos intrínsecos ao paciente. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970).

Foi Freud quem primeiro designou a transferência na psicanálise e deu a ela o título de sinônimo de resistência, que desloca um saber para o outro e que persiste em resistir dentro das próprias lembranças intrínsecas ao indivíduo (CUNHA; MARTINS, 2012).

O conceito da transferência é bastante trabalhado no âmbito psicanalítico e entendê-lo é de suma importância para a perfeita aplicação clínica da psicanálise. Esta concepção surgiu mediante o tratamento de pacientes histéricas e foi apresentado por Freud (1895/2006a) como um tipo de resistência na psicoterapia, sendo expressada por ações inconscientes de transferência de afeto do paciente a seu analista, ao ver nele a figura importante de uma pessoa de seu passado (transferência de falsa ligação). No entanto, esta concepção sobre o tema foi a primeira ideia apresentada pelo autor, e este ainda não a havia nomeado como transferência, era um protótipo do conceito, a ênfase sobre a importância de um bom relacionamento entre o médico e o paciente.

Freud aborda o conceito da transferência em obras como *Repetir, Recordar e Elaborar* (1914/2010) e *A Dinâmica da Transferência* (1912/2006) e transcreve esta temática como uma suposição do paciente quanto ao saber direcionado ao analista, em outras palavras, é quando o analisando deposita um conhecimento sobre si mesmo em seu discurso inconsciente e o direciona ao analista como falta, como não-sabido.

Lacan (1961/2010) utiliza-se do conceito do “Sujeito Suposto Saber” para também explicar a transferência, que segundo ele é compreendida como aquilo que o analisando supõe que o analista saiba a seu respeito, o que o induz a dizer tudo o que sente em desordem como defesa, ao mesmo tempo em que nada retém sobre si mesmo.

A defesa é entendida pela psicanálise como toda ação usada pelo analisando como tentativa de escapar do sofrimento trazido por suas próprias lembranças. A defesa, ou também chamada de resistência, age através do ego, ou seja, o ego do paciente tenta sempre fugir destas más recordações ou ideias patogênicas, o que faz dele um eterno omissor de seus pensamentos, sendo sua resistência um ato que o permite fugir da dor, de ideias e de pensamentos causadores de traumas, sendo a função do analista chegar ao foco do problema através destas pistas (CUNHA; MARTINS, 2012).

A transferência é descrita como um fenômeno espontâneo e próprio da psicanálise, sendo o analista o diretor do tratamento, mas não o guia do paciente, o que dá a ele apenas a garantia de que a regra fundamental de análise esteja presente e seja aplicada, como afirma Lacan (1998, p. 596): “é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.”

De acordo com Cunha e Martins (2012), a transferência é estabelecida antes mesmo do primeiro contato entre o analisando e o analista e é neste processo que a função do profissional é autorizada pelo paciente que passa a vê-lo com olhos afetivos e deposita todas as suas informações no psicanalista. Este, por sua vez, passa a ser um depositário do saber e o representante desse saber inconsciente do sujeito.

Como já abordado anteriormente, o termo transferência foi designado por Freud como uma resistência do paciente ao tratamento, em circunstâncias onde ele

transfere afeto ao analista e vincula à sua figura importâncias como de alguém significativo de seu passado (FREUD, 1895/2006a).

A falsa ligação é considerada por Freud uma forma específica de resistência a ser compreendida dentro do funcionamento sintomático. Como parte dos mecanismos de defesa, ela se faz presente na resistência aliada ao sintoma e atua contra o rememorar das representações inconscientes de natureza aflitiva que surgem no conteúdo da análise. Essas representações aflitivas são vinculadas ao analista “quando a relação entre o paciente e o médico é perturbada e constitui o pior obstáculo com que podemos deparar” (ZAMBELLI et al 2013)

A presença do analista é o que promove o fenômeno da “falsa ligação” ou transferência, colocando entre o paciente e o médico, obstáculos que interferem no caminhar verídico da análise. Quando a presença do analista não transmite confiança ao paciente, logo suas lembranças traumáticas não são recordadas facilmente, assim como as representações aflitivas não são memorizadas através da fala, o que criam obstáculos devido à autocensura do analisando e só podem ter este quadro revertido através da mudança da postura do analista (FREUD, 1895/2006).

Essa influência afetiva do médico no vencimento das resistências do paciente é claramente reconhecida por Freud (1895/2006a, p. 296):

Além das motivações intelectuais que mobilizamos para superar a resistência, há um fator afetivo, a influência pessoal do médico, que raramente podemos dispensar, e em diversos casos só este último fator está em condições de eliminar a resistência.

Além disso, a transferência ou resistência acompanha todo o tratamento, sendo elementos que precisam ser trabalhados para não influenciarem negativamente o tratamento:

A resistência acompanha o tratamento passo a passo. Cada associação e ato da pessoa em tratamento tem de levar em conta a resistência e representa uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do restabelecimento e as que se lhe expõem (FREUD, 1912, p. 115).

Há, segundo Freud (1895/2006), dois importantes elementos na conduta médica que podem influenciar positivamente o analisando no exercício de sua transferência: a cordialidade e o empenho. Estes dois fatores, posteriormente, serão considerados elementos fundamentais da contratransferência positiva defendida por

Lagache (1980/ 1990), o que expõe a importância da postura do analista em suas abordagens mediante as ações de transferência do analisando e suas resistências à situação transferencial.

A transferência positiva é dividida em sentimentos de afeto ou amistosos, sendo que o afetivo faz sempre alusão a situações eróticas, que segundo Freud (1912/2006), estão em sua totalidade ligadas à sexualidade, uma vez que o inconsciente reconhece apenas os objetos sexuais nele contidos e estes elementos incluem as pessoas reconhecidas como importantes e admiráveis em nossa vida. Sendo assim, em casos onde a transferência no tratamento é negativa ou composta por impulsos eróticos reprimidos, a resistência consciente desliga a pessoa do médico dos: “componentes do ato emocional; o outro componente admissível à consciência e irrepreensível, persiste, constituindo o veículo de sucesso na psicanálise” (FREUD, 1912/ 1996, p. 117).

Posteriormente, inferiu-se e à transferência novas posturas que extrapolam o universo clínico-analítico e considera que ela também abrange a forma de investir afetivamente nas relações, através da identificação dos objetos de primeiro amor *versus* as repetições de clichês estereótipos despejados no presente, o que fez com que o conceito de transferência atingisse um maior destaque na psicanálise por não estar mais vinculada apenas a um lugar (clínicas) (FREUD, 1912/2006).

Em outras palavras, Freud (1912/2006, p. 138) descreve a consciência e a sua associação com a transferência:

Inferimos desta experiência que a ideia transferencial penetrou na consciência à frente de quaisquer outras associações possíveis, porque ela satisfaz a resistência. [...]. Reiteradamente, quando nos aproximamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada em primeiro lugar para a consciência e defendida com a maior obstinação.

A transferência como resistência ao tratamento clínico possui diferentes intensidades e a sua persistência causam efeitos e expressões de oposição ao tratamento, mesmo que inconscientes, por isso e de acordo com Freud (1912/2006), é necessária a distinção entre a transferência positiva e a negativa para tratá-las de maneiras diferentes.

Em 1914, Freud (1914/2006) faz novos apontamentos sobre a transferência para o tratamento da neurose, priorizando a administração das resistências e suas variações dentro da psicanálise, para tanto afirma que o analista não deve ter seu foco em um problema ou momento específico do paciente, mas sim assinalar suas resistências para trabalhá-las de maneira interpretativa.

A análise das diferentes transferências pode ajudar consideravelmente o tratamento dos analisandos através do rastreamento dos conteúdos que foram esquecidos ou que ainda podem ser esquecidos (pois nunca foram conscientes), sendo assim a transferência para a figura do médico e toda a reflexão do paciente sobre sua vida atual podem ser tratadas fidedignamente (FREUD, 1914/2006f).

2.2 A Contratransferência no enquadre psicanalítico: as visões de Freud e de HEIMANN

O primeiro registro da utilização do termo “contratransferência” foi relatado em uma carta escrita por Sabina Spielrein a seu analista Carl G. Jung, discípulo de Freud, onde ela solicitava um encontro entre os dois para tratarem sobre o caso amoroso que tinham, e sobre esta situação Freud (1909 *apud* McGuire, 1976, p. 281) relata:

[...] embora penosas tais experiências sejam necessárias e difíceis de evitar. É impossível que, sem elas, conheçamos realmente a vida e as coisas com as quais lidamos. [...]. Elas nos ajudam a desenvolver a carapaça de que precisamos e a dominar a contratransferência que é afinal um permanente problema.

Este trecho evidencia a importância do analista em experimentar sentimentos relacionados ao paciente, pois somente assim é que será capaz de compreender os processos psíquicos que interferem na vida do analisando, fornecendo, muitas vezes, condições mais enfáticas para que o paciente possa lidar com seus traumas inconscientes (FREUD 1909 *apud* MCGUIRE, 1976),

No entanto, para o segundo trecho desta mesma carta de Sabina Spielrein a Carl G. Jung, Freud (1909 *apud* MCGUIRE, 1976) se mostra contraditório à sua ideia e afirma que a contratransferência é sim um problema permanente, relevante e que deve ser resolvido a partir do reconhecimento do mesmo:

As outras inovações na técnica relacionam-se com o próprio médico. Tornamo-nos cientes da “contratransferência”, que, nele, surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contratransferência, em si mesmo, e a sobrepujará (FREUD, 1910/2006, p. 150).

A contratransferência é definida como a resposta do analista para o fenômeno de relacionamento inconsciente do seu paciente para com ele, fruto das consultas analíticas influenciadas pela transferência do analisando durante as sessões. Sua definição consiste nas reações emocionais inconscientes do analista diante das investidas afetivas do paciente, sendo estas reações consideradas obstáculos no tratamento analítico, devendo ser reconhecidas e diferenciadas das emoções do paciente (FREUD 1910/ 2006).

Também, segundo Freud (1909 *apud* MCGUIRE 1976), são estas emoções vivenciadas no contexto terapêutico pelo analista que irão viabilizar uma melhor compreensão do psíquico do paciente, sendo estas sensações fortes intrusas positivas ou negativas no processo terapêutico, devendo assim ser controladas. Há uma forte dualidade quanto ao benefício da contratransferência e a relação transferencial existente e transferida ao analista, figura esta que passa a ser um combatente da barreira entre ele e o paciente.

Esta duplicidade conceitual permitiu que a contratransferência fosse classificada como clássica e contemporânea, sendo a clássica identificada como um obstáculo de resistência inconsciente do analista em associações livres onde a análise aconteça. Esta categorização surgiu com base na publicação do texto “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica” de Freud (1910/2006), onde a técnica da contratransferência é citada como um aviso aos terapeutas para que evitem aproximações com seus pacientes, a exemplo de Carl G. Jung, narrando esta situação como errônea e passível de desejos inconscientes que atrapalhem o andamento do método analítico.

Heimann (1950/1995) definiu que o medo e a culpa dos analistas quanto a demonstrarem sentimentos pelos pacientes interferia em suas posturas durante o tratamento, ou seja, expressões de desapego e frieza eram comuns por parte dos médicos na tentativa de evitar a contratransferência. Sendo assim, Heimann

apresentou um novo conceito sobre esta postura com o intuito de eliminar o estigma apático do analista.

Diante disso, Heimann (1950/1995 *apud* Zambelli *et al.*, 2013, p. 190) definiu:

[...] a diferença entre a relação analítica e as outras relações afetivas não está na presença de sentimentos e afetos em apenas uma das partes, mas sim na forma como esses sentimentos são vivenciados na relação e no uso que é feito desses sentimentos e afetos.

A partir desta definição, Heimann esclareceu que deixar de compartilhar os sentimentos dos pacientes não resolveria a questão da contratransferência, mas sim o analista saber como administrá-los é o que seria crucial para a definição do que a transferência significaria para o médico.

Essa nova concepção sobre a relação analítica permitiu que a terapia deixasse de ser unilateral e passasse a ser uma relação comum entre duas pessoas: “A resposta emocional do analista ao seu paciente na situação analítica representa uma das ferramentas mais importantes para seu trabalho. A contratransferência do analista é um instrumento de pesquisa dirigido ao inconsciente do paciente” (HEIMANN, 1950/ 1995, p.75)

O conceito de contratransferência em Heimann (1950/1995) é constituído através da totalidade das respostas emocionais do analista quanto às expectativas de seu paciente. O médico passa a ser um recipiente de projeções que devem ser contidas e dominadas de maneira a não conduzir à contratransferência por parte do analista. Toda esta questão estará ligada à competência do ego do profissional em tolerar tais sentimentos sem evitá-los ou julgá-los, podendo assim acompanhar os movimentos inconscientes e fantasiosos do paciente, o que permitirá a abertura de um novo pensar sobre a relação analítica e que invocará na comunicação afetiva e inconsciente da relação transferencial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Transferência e a Contratransferência, elementos estes presentes em qualquer psicoterapia de base psicanalítica, sempre foram impulsores do desenvolvimento e até mesmo do desencaminhamento do trabalho do analista, cabendo ao mesmo saber a melhor maneira de vivenciá-los e manejá-los. Ao reunir as considerações e elaborações de Freud (1895/2006) com os enquadres descritos

por Hermann (1950/1995), percebemos a responsabilidade do analista ao lidar com tais fenômenos de forma benéfica ao paciente, sem demonstrar ao mesmo a imagem de um indivíduo sem sentimentos e expressões, mas sim, como um ser humano profissional que sabe como utilizar-se da primeira e talvez mais importante ferramenta de trabalho presente no ambiente psicoterapêutico.

REFERÊNCIAS

CUNHA, L. P.; MARTINS, G. M. Resistência e Transferência no Processo Psicanalítico: De um discurso a um discurso. 3ª Edição. **Revista de Psicologia** - ISSN 2177 4552. 2012. Disponível em:< <http://npa.newtonpaiva.br/psicologia/e3-15-resistencia-e-transferencia-no-processo-psicanalitico/> >. Acesso em 11 de abr. 2018.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In:_____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago. Vol. XII 1996 p. 111- 119, Edição standard brasileira das obras psicológicas Sigmund Freud, Vol. 12, 1912.

MCGUIRE, W. **Freud/Jung: correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. **Psicoterapia da histeria**. Obras completas, ESB, v. II - 1895. Imago: Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. **A dinâmica da transferência**.Obras completas, ESB, v. XII - 1912. Imago: Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**.Obras completas, ESB, v. XII - 1914. Imago: Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HERMANN, P.Sobre a contratransferência. **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**(Jussara Schestatsky Dal Zot, Trad.), 21, 171-177 – 1950, 1995.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, **Escritos** (pp. 1958 - 591-652). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAGACHE, D.**A transferência** - 1980. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970

MEZAN, R. A transferência em Freud: apontamentos para um debate. In: SLAVUTZKY, A.(org.). **Transferências** (pp. 47-77). São Paulo: Escuta, 1991.

MORAIS, M. K. **Considerações sobre o conceito de transferência na contemporaneidade**: do Sujeito Suposto Saber ao Inconsciente Real. São Paulo: Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP, 2014. Disponível em: < clipp.org.br/arquivos/monografia_mayra.pdf >. Acesso em 12 de abr. 2018.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ZAMBELLI, C. K.; TAFURI, M. I.; VIANA, T. C.; LAZZARINI, E. R. Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p. 179-195, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/12.pdf>>. Acesso em 13 de abr. 2018.

SABINA SPIELREIN: UM BREVE HISTÓRICO DE UMA PIONEIRA DA PSICANÁLISE

MELO, Jaqueline Galdino de
BARACAT, Juliana

RESUMO

Este artigo visa apresentar um breve histórico da vida e da obra de Sabina Spielrein, psicanalista russa assassinada pelo exército nazista na II Guerra Mundial. Primeiro, abordamos aspectos importantes de sua vida, como: seu adoecimento psicológico no início da juventude, seu tratamento e posterior relacionamento com Jung, sua iniciação psicanalítica com Freud e o desenvolvimento de sua prática. Depois, focaremos nos principais temas expostos em sua obra, dentre eles: a elaboração do protótipo do conceito de pulsão de morte, seus trabalhos que falam de temas diversos, como a relação entre sogras e noras e os relatos de casos de esquizofrenia. A obra de Spielrein ainda está em processo de tradução e divulgação no Brasil, portanto, contamos apenas com o volume um de sua obra, já disponível em livro. Assim, esperamos com esse artigo incentivar o interesse dos psicólogos interessados na psicanálise a conhecer melhor esta autora e sua trajetória.

Palavras chave: Freud, Jung, psicanálise pioneira, revisão histórica, Spielrein.

ABSTRACT

This article aims to present a brief history of the life and work of Sabina Spielrein, a Russian psychoanalyst murdered by the Nazi army in World War II. First, we discuss important aspects of his life, such as: his psychological illness in early youth, his treatment and later relationship with Jung, his psychoanalytic initiation with Freud and the development of his practice. Afterwards, we will focus on the main themes exposed in his work, among them: the elaboration of the prototype of the death drive concept, his works that speak of diverse themes, such as the relation between mothers-in-law and daughters-in-law and the reports of cases of esquizofrenia. Spielrein's work is still in the process of being translated and disseminated in Brazil, so we only count on volume one of his work, already available in a book. Thus, we hope with this article to encourage the interest of psychologists interested in psychoanalysis to know better this author and her trajectory.

Keywords: Freud, Jung, pioneer psychoanalysis, historical review, Spielrein.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar um breve histórico da vida e da obra de Sabina Spielrein, psicanalista russa assassinada pelo exército nazista na II Guerra Mundial. Primeiro, abordamos aspectos importantes de sua vida, como: seu adoecimento psicológico no início da juventude, seu tratamento e posterior relacionamento com Jung, sua iniciação psicanalítica com Freud e o desenvolvimento de sua prática. Depois, focaremos nos principais temas expostos em sua obra, dentre eles: a elaboração do protótipo do conceito de pulsão de morte, seus trabalhos que falam de temas diversos, como a relação entre sogras e noras e os relatos de casos de esquizofrenia. A obra de Spielrein ainda está em processo de tradução e divulgação

no Brasil, portanto, contamos apenas com o volume um de sua obra, já disponível em livro. Assim, esperamos com esse artigo incentivar o interesse dos psicólogos interessados na psicanálise a conhecer melhor esta autora e sua trajetória.

A história de Sabina Nikolajevna Spielrein, psicanalista de origem russa, nascida em Rostov em 1885 e filha de uma família de comerciantes judeus, conta a história de uma jovem que passou de paciente a psicanalista. Graduou-se em 1911 em Medicina na Áustria, defendendo uma dissertação sobre um caso de esquizofrenia e no mesmo ano foi aceita como membro da Sociedade de Psicanálise de Viena. Importante dizer que Sabina conseguiu tal conquista após sofrer graves males psiquiátricos na juventude, quando foi internada e tratada como esquizofrênica (CROMBERG, 2014; ROUDINESCO; PLON, 1998).

Desta forma, foi paciente de Carl Gustav Jung na clínica Burghölzli, e com ela testou pela primeira vez os métodos de Freud no hospital psiquiátrico de Zurique com sintomas histéricos, fazendo experimentos de associação livre e dialogando com ele sobre as ideias de Freud. Tal relação medico-paciente rapidamente se transformou numa relação amorosa, gerando sérios conflitos entre Jung e Freud (CROMBERG, 2014).

O seu pioneirismo em relação à psicanálise russa se dá em relação à psicanálise com crianças. Também conta sua história que Sabina foi docente da universidade de Moscou onde era chefe do Departamento de Psicologia Infantil e fundadora de um primeiro Jardim de Infância psicanalítico. Foi também uma das fundadoras da Sociedade Psicanalítica de Moscou tendo sido uma das primeiras analistas, muito se perdeu da história desta grande mulher que ficou entre Freud e Jung, os maiores marcos até hoje da Psicologia que conhecemos, sabe-se que em 1911, Sabina Spielrein era a mais jovem mulher escrevendo e publicando artigos sobre Psicanálise, tendo 26 anos na época (CROMBERG, 2014; LEAL, 2014).

Contribuiu firmemente com Freud, porém foi esquecida pela história da psicanálise e foi relegada aos rodapés Sabina passou como sombra na história, ressaltando outras psicanalistas que vieram depois como Klein, Ana Freud e outras esta Psicanalista, pioneira em seus recursos, marcou a Psicanálise com suas inúmeras contribuições com crianças e aspectos da histeria que atualmente estudamos, Sabina foi uma grande mulher e psicanalista e a vida e obra dela, ainda escassa não pode ficar de fora do nosso conhecimento. Este trabalho se baseará no estudo da obra da autora e em suas contribuições e o porquê da vida desta ilustre mulher ter sido esquecida em meio a tantas colaborações (CROMBERG, 2014; LEAL, 2014).

O amor entre Carl Jung e Sabina foi tema do filme “Jornada da alma” em 2003, e “Um método perigoso”, em 2011. Sua história com seu analista rendeu muitos filmes e livros por terem um aspecto diferente e significativo para o estudo da Psicanálise. A obra de Sabina permaneceu em esquecimento durante muitos anos, e foi encontrada pelo Psicólogo Aldo Carotenuto, por acaso, onde ao publicar suas escrituras abriu uma possibilidade de um resgate literário de uma pioneira da Psicanálise que fora esquecida com o passar dos anos e ressurgindo atualmente com obras completas e uma possibilidade para compreender obras complexas de Freud e Jung com base nos estudos de caso e contribuição de Sabina. (LEAL, 2014).

Assim, neste trabalho contamos com a publicação do volume 1 de suas obras completas, traduzida e organizada por Renata Cromberg (2014), cuja edição apresenta ensaios biográficos e críticos da pesquisadora, como também os poucos

artigos encontrados nas bases de dados em português sobre Sabina, o que nos indica a importância de se fomentar a pesquisa sobre essa autora.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1. A Vida de Sabina Spielrein

Sabina Nikolajevna Spielrein nasceu em Rostov no ano de 1885, gerada em uma família de comerciantes, teve três irmãos mais novos e também uma irmã, que morreu de tifo muito cedo. (CAROTENUTO, 1984 apud CROMBERG, 2014)

Teve uma relação difícil com seus pais. Nikólai, seu pai, trabalhava como comerciante e era considerado um homem muito agressivo com a jovem, igualmente como Eva sua mãe. A educaram seguindo os princípios patriarcais da época, em que se pregava que as meninas não tivessem contato algum com a sexualidade, ou tivessem conhecimentos que englobassem o ato ou a prática sexual. A rigidez de seus pais fez com que chegassem a mudar a grade teórica escolar para que não tivesse contato com nenhum tipo de saber sobre a reprodução dos seres humanos e nem a reprodução das espécies, na disciplina de biologia. (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011; HOLST; NUNES, 2012).

Segundo Carotenuto (1984, apud CROMBERG, 2014), Sabina apresentou indícios de doenças psíquicas já na primeira infância, quando apresentava sintomas como a retenção de fezes, alucinações, masturbação de ordem desordenada e excitação ao ver as mãos do seu pai. Carotenuto ainda afirma que em sua bibliografia Sabina com 18 anos evitava contato visual com as pessoas em geral, e crises de choro excessivo, risos e gritos descontrolados, quando seus pais a internaram no Hospital Psiquiátrico em Burghölzli.

Talvez Sabina em sua época foi uma das mais importantes pioneiras em muitas coisas do que fez, Médica, psicanalista e estudiosa, Sabina Spielrein (1885-1942) iniciou profissões numa época que era difícil para qualquer mulher trabalhar, numa sociedade machista e patriarcal Sabina batalhou muito para ter seu reconhecimento. Porém mesmo tendo trabalhado e estudado tanto Sabina ficou conhecida apenas pelo caso amoroso que teve com analista, Carl Gustav Jung, num momento em que havia poucos estudos sobre o elemento transferencial entre analisando e analista, Sabina e Jung tiveram um caso amoroso durante a análise dela, quando ela estava internada no Instituto Burghölzli, em Zurique (HOLST; NUNES, 2012).

Mesmo com o caso com Jung abalado seis anos depois da recuperação, ela se formou em medicina e se tornou a primeira mulher a apresentar uma tese com enfoque psicanalítico, um estudo de caso de esquizofrenia entendido à luz da psicanálise.

Segundo o site *Mente & Cérebro*: “O que ainda hoje chama atenção e provoca debates é que, apesar de sua produção intelectual significativa, tornou-se mais conhecida como amante de Jung.” (LEAL, 2014)

A relação com Jung durou anos, entre idas e vindas e teve a participação indireta de Freud em vários momentos. Sua análise com Jung durou três anos, de 1904 a 1907. Durante este período, ela e Jung se apaixonaram e tinham na lenda alemã de Siegfried uma inspiração conjunta. Sabina, apesar de ter melhorado com o tratamento com Jung passou a investir secretamente na fantasia de ter um filho com ele, que se chamaria Siegfried, herói ariano dos países germânicos. Mas é

importante notar que a transferência terapêutica ainda era pouco esclarecida nos meios psicanalíticos da época, sendo prática recorrente psicanalistas atenderem parentes e filhos, ou mesmo se envolverem com pacientes, como também ocorreu com Ernest Jones e Sándor Ferenczi (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011).

Porém, depois de receber uma carta anônima sobre o caso de seu discípulo favorito com uma paciente, carta que possivelmente tenha sido enviada pela esposa de Jung, Freud passou a investigar o que estava ocorrendo. Pesquisadores da história da psicanálise indicam que os anos de 1907 até 1913, quando Freud e Jung romperam relações em definitivo, os dois viviam sérios conflitos sobre suas ideias em psicanálise (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011; CROMBERG, 2014; ROUDINESCO; PLON, 1998).

Neste período, Jung já se interessava pelas características místicas presentes no inconsciente, que o levaria a conceituar os arquétipos e sua ideia de inconsciente coletivo, e via o caráter sexual do psiquismo como Freud colocava como um exagero (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Quando recebe a carta sobre o caso de Jung com Sabina, Freud fica furioso e pede esclarecimentos ao discípulo por carta. Jung admite o caso, mas covardemente responsabiliza o fato em Sabina, dizendo-se seduzido pelas artimanhas históricas da jovem. Aqui ocorre uma série de maledicências que acabam chegando até Sabina, por meio de sua mãe. Sabina se revolta com Jung e busca Freud para esclarecer a situação (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011; CROMBERG, 2014).

Este primeiro encontro com Freud é frutífero, pois ele acolhe e escuta a jovem e vê os indícios da verdade que ela conta: seu amor por Jung era correspondido. Ao mesmo tempo, esta traição do amante faz despertar em Sabina a vontade de ser mais independente e se dedicar mais aos estudos em psicanálise. Assim, em 1911, já recuperada dos graves sintomas que a levaram a Burgölzli, ela inicia o curso de Medicina, especializando em psiquiatria infantil (CROMBERG, 2014).

Mesmo assim, sua relação com Jung se mantém, oras como mera amizade, oras como recaídas da paixão incontrolável. Em 1912 Sabina é convidada a participar de uma das reuniões da quarta-feira, privilégio raro para mulheres, e lá apresenta seu texto sobre A destruição como origem do devir, em que indica a existência de uma pulsão destrutiva atuante no ser humano (CROMBERG, 2014). Freud não aprova a ideia na época, mas dez anos mais tarde, quando lança a ideia de pulsão de morte, oferece os créditos da descoberta a Sabina (FREUD, 1921/1996).

Em 1914 Sabina vai para Genebra e lá se estabelece como psicanalista. Chegou a atender o jovem Jean Piaget e chegou a publicar 11 artigos em revistas de psicanálise. Ao longo da década de 1910-1920 manteve correspondência com Freud e também Jung e nessas cartas buscava reaproximar os ex-colegas e esclarecer os conflitos teóricos que os separaram (CROMBERG, 2014).

Durante a I Guerra Mundial, já casada com o médico russo Pavel Scheftel, praticou clínica cirúrgica em Genebra, enquanto o marido servia no front como médico. Seu casamento chegou a durar 7 anos, mas após a Guerra eles se separam e Sabina vai para a Suíça com as duas filhas. Interessante notar que Sabina manteve boas relações com sua sogra, cujo afeto ela analisa no artigo A sogra, de 1923.

Na década de 1930, de volta a Rússia, Sabina se estabelece como analista de crianças e empreende várias modalidades de atendimento clínico e ludoterápico

para este público. Passa seus últimos anos de vida atuando na Ucrânia, quando num dia de verão soldados nazistas invadem a pequena comunidade onde ela vivia com suas filhas Renata e Eva. Levam a população Judaica para uma sinagoga, onde todos são fuzilados. Sabina Spielrein more aos 56 anos. Em 19 de abril de 2003, foi plantado um Carvalho na Ravina da serpente onde Sabina havia expressado o desejo de ser enterrada, como expresso em seu poema:

Últimos desejos. Quando eu morrer, permiti que embalsamem minha cabeça, contanto que não tenha um aspecto muito feio. O jovem não pode estar presente durante a operação. Apenas os estudantes mais esforçados poderão assistir. Deixo meu crânio para nosso colégio, para que o coloquem na caixa de vidro e a decorem com flores perenes. Que escrevam o seguinte na caixa: “Que brinque a jovem vida à entrada do túmulo, e que a natureza indiferente brilhe com sua glória infinita”. Também lhes cedo o meu cérebro; que seja conservado em um recipiente bonito e ornado e que se escrevam as mesmas palavras sobre ele. O corpo deve ser cremado, mas ninguém deve estar presente. As cinzas devem ser divididas em três partes. Uma parte deve ser colocada em uma urna e enviada para casa; a segunda deve ser espalhada na terra, no meio de um imenso campo (perto de casa); lá deve ser plantado um Carvalho com a inscrição: “Eu também fui um ser humano. Meu nome era Sabina Spielrein”. Quanto à terceira parte, meu irmão lhes dirá. (CROMBERG, 2014, p. 59).

2.2. Aspectos da obra de Sabina

Da obra de Sabina muito se perdeu na história e no passar dos anos, porém o que os documentos encontrados revelam que a obra de Sabina é construída e analisada em 30 artigos científicos publicados, os que se destacam são *Conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*, que foi o primeiro artigo publicado com o nome de esquizofrenia pela classe de psicanalistas. Também publicou *A destruição como causa do devir*, onde fala sobre a visão dela do conceito de Pulsão de Morte. Em 1912 publica *Contribuições para o conhecimento da psique infantil*, depois que Freud publicou sobre o caso O pequeno Hans. Sabina analisou a psique infantil e publicou na sequência com base na teoria de Freud (CROMBERG, 2014).

Em 1920 Sabina quebra paradigmas e apresenta seu trabalho pioneiro sobre *A origem das palavras infantis Mamãe e Papai*, no qual ela aborda as teorias de desenvolvimento da linguagem do bebê, este processo de estudo vai até o ano de 1923 onde trabalha sobre uma analogia do processo de inconsciente. Na trajetória de trabalho Sabina também empenhou-se nos conhecimentos de Jean Piaget em relação ao desenvolvimento infantil e publicou um artigo sobre *O tempo na vida Psíquica e o Sublimar* (CROMBERG, 2014). Porém, da obra publicada no Brasil, temos apenas os textos que serão comentados a seguir.

Mesmo sabendo que estes artigos foram publicados apenas na fase em que a autora já estava de volta à Rússia, temos consciência de seu pioneirismo e sua parceria com Freud e Jung, ambos teóricos respeitados na psicanálise, e Sabina acompanhou todo o desenvolvimento psicanalítico pioneiro e foi importante na fundamentação teórica, principalmente na parte infantil (CROMBERG, 2014).

Como dito anteriormente, a obra de Spielrein ainda está em processo de tradução e publicação no Brasil, a partir da iniciativa da pesquisadora Renata Udler Crombreg, cuja tese de doutorado resultou na obra consultada para este artigo. A pesquisadora salienta alguns destes aspectos da obra de Sabina da seguinte forma:

- a) Teoria pulsional, onde relata a pulsão de morte antes da conceituação de Freud;
- b) Teoria dinâmica da angústia dos destinos da patologia, na sublimação e no amor; onde o conflito psíquico está inteiramente ligado à oposição do “Eu”;
- c) O pensamento subconsciente, que tem caráter na linguagem subliminar;
- d) o pensamento pré-conscientes que ficam recalçados nos desejos e fantasias sexuais ou pulsionais infantis.

Desta forma, iremos indicar alguns aspectos da produção de Sabina que constam no volume 1 de suas Obras completas. Neste volume temos os seguintes textos: *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*; *A destruição como devir*; *A sogra* e uma carta dirigida a Jung em dezembro de 1917.

Em *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*, Spielrein (2014 c) apresenta com detalhes um caso de uma jovem casada que apresenta seu primeiro surto após o nascimento do primeiro filho. A autora apresenta a anamnese e o diagnóstico realizado, cuja esquizofrenia é percebida pela inadequação da afetividade da moça e da linguagem confusa e delirante.

Através da análise da fala da paciente, Spielrein (2014 c) efetua interpretações tipicamente freudianas, indicando os conteúdos sexuais recalçados do sujeito, assim como dos conteúdos religiosos que geravam o conflito com a sexualidade.

Em *A destruição como origem do devir*, Spielrein (2014 a) apresenta a famosa primeira elaboração psicanalítica sobre a pulsão de morte, que ainda não fora conceituada por Freud. Neste texto, a autora constrói a ideia de uma força destrutiva a partir da ideia de devir, que seria um conceito filosófico que trata da transformação

das coisas, do processo de “tornar-se” algo diferente daquilo que se é. Para analisar esse processo, Sabina indica os aspectos biológicos, os psicológicos individuais e os mitológicos envolvidos na morte (CAROPRESO, 2016). É um texto de difícil compreensão, pois a autora carrega na incorporação de ideias filosóficas para elaborar sua argumentação, usando, inclusive, ideias de Nietzsche e a lenda de Tristão e Isolda.

O último artigo que consta no volume 1 é *A sogra* (20140b). Neste vemos a originalidade do tema e também uma contribuição à psicologia feminina, pois indica a comum rivalidade entre sogras e noras. Sabina analisa como essa rivalidade ocorre com frequência entre sogras e noras, mas não entre sogras e genros, mostrando como o complexo de Édipo da mulher, no caso a sogra, se expressa positivamente nesta relação com o “novo” filho. Diz ela que: “O motivo não está apenas na independência social da mulher, mas está no fato de que uma mãe perde o filho (para a nora), enquanto a outra, que vive a vida da filha, ganha um filho” (SPIELREIN, 2014 b, p. 356).

Na carta a Jung, de dezembro de 1917, Spielrein expõe algumas de suas ideias na época, seu forte interesse pela psicologia infantil e retoma o problema do conflito entre ele e Freud. Tal carta ajuda a esclarecer possíveis confusões acerca da relação conturbada entre os três no passado. Podemos notar que Sabina se situou muita mais como amiga de Jung, mas como discípula de Freud (SPIELREIN, 2014 d).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda história da Psicanálise, Sabina ficou escondida sob as sombras de Freud e Jung, porém depois dos anexos descobertos em cartas e publicações da época Sabina foi a peça chave para a teoria freudiana da pulsão de morte e, principalmente, chave para a psicanálise infantil tão estudada por ela e, mais tarde, continuada por Melaine Klein.

Muito se discute sobre a ética da Psicanálise da época, com o exemplo de Jung e sua relação terapeuta-paciente com Sabina, que deu início a várias teorias de Freud em relação ao desenvolvimento clínico do paciente e a aliança terapêutica entre outros, Sabina não somente ajudou Freud em questões de estudos clínicos,

mas foi pioneira em diversas buscas psicanalíticas e em psicologia do qual se dedicava tanto.

O esquecimento de Sabina por parte da história da psicanálise também encontra raízes explicativas nas destruições da II Guerra Mundial, pois muita documentação se perdeu e, no caso de família, toda sua família foi morta, das filhas, irmãos e o ex-esposo.

Assim, é importante conhecer e divulgar as pesquisas que buscam resgatar autores importantes, sejam da psicanálise ou de outra abordagem, que se perderam na história por conta de guerras e seus efeitos na memória da psicologia em geral.

REFERÊNCIAS

APPIGNANESI, L; FORRESTER, J. *As mulheres de Freud*. São Paulo: Record, 2011

CAROPRESO, F. O instinto de morte segundo Sabina Spielrein. *Revista Psicologia USP*. Vol. 27, n. 3, 2016, p. 414-419. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n3/1678-5177-pusp-27-03-00414.pdf>. Acesso em 10 de ago de 2018.

CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras completas I. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas, vol. XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996.

HOLST, B.; NUNES, M. L. T. Contribuições de Sabina Spielrein à Psicanálise. *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, n. 37, julho/dezembro 2012, p. 138-154. Disponível em: <file:///C:/Users/Julianabaracat/Downloads/2809-12647-2-PB.pdf>. Acesso em: 3 de ago de 2018.

LEAL, G. O resgate de Sabina Spielrein. *Revista Viver Mente & Cérebro*. 2014. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/o_resgate_de_sabina_spielrein.html Acesso em: 15 de jul de 2018.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. SPIELREIN, S. A destruição como origem do devir. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras completas I. São Paulo: Livros da Matriz, 2014 a.

SPIELREIN, S. A sogra. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras completas I. São Paulo: Livros da Matriz, 2014 b.

SPIELREIN, S. Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras completas I. São Paulo: Livros da Matriz, 2014 c.

SPIELREIN, S. Carta a Jung de 20 de dezembro de 1917. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras completas I. São Paulo: Livros da Matriz, 2014 d.

AS INFLUÊNCIAS DA MÍDIA SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA TECNOLOGIA SOBRE O ADOLESCENTE CONTEMPORÂNEO

SANTOS, Daniela Luise Nicolau
BARACAT, Juliana

RESUMO

Atualmente há uma grande acessibilidade nos meios tecnológicos entre os adolescentes. O artigo presente descreve sobre as influências que a área da mídia tecnológica tem sobre o adolescente, executando a partir da análise histórica e estudos que foram desenvolvidos fundamentados no tema, a maneira como a adolescência é vista pela sociedade e como isto leva situações decorrentes destas influências. Inúmeros autores foram citados e denotados pelos seus estudos que enriquecem a pesquisa bibliográfica utilizada neste artigo. Conclui-se um avanço explícito nos estudos sobre a adolescência e em como as influências sociais, culturais, a partir da tecnologia digital, interferem na vida do mesmo.

Palavras-chave: Adolescência. Tecnologia. Internet.

ABSTRACT

There are currently a wide accessibility in technological means among teenagers. This article describes about the influences that the area of technological media have on the teenager, running from the historical analysis and studies that were developed based on the theme, the way a teenager is seen by society and how this take situations arising from these influences. Numerous authors have been cited and denoted by his studies that enrich the literature search used in this article. Concluded an explicit advance in studies on adolescence and how social, cultural influences, from digital technology, interfere in the life of the same.

Keywords: Adolescence. Technology. Internet

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar sobre a vivência da adolescência na era atual e avaliar esta fase no contexto social e cultural atual. Apresentar os seus meios de acessibilidade às redes sociais. Estimar a influência que mídia digital causa na vida do adolescente. Identificar as consequências decorrentes na vida e identidade do adolescente.

O presente artigo busca compreender a relação entre a adolescência nos dias de hoje em articulação com o impacto das mídias sociais. A adolescência é uma das fases mais importantes para o desenvolvimento humano, passa por mudanças biopsicossociais, compondo-se por modificações afetuosas, físicas, biológicas, psicológicas e comportamentais. Historicamente, a adolescência não era

reconhecida como uma fase do desenvolvimento humano, até começar a ser estudada e explorada de maneiras diversas até chegar ao reconhecimento atual.

A adolescência reflete em perdas de papéis da infância, o adolescente precisa ir adaptando-se e conhecendo suas novas mudanças e perspectivas, e é nesta etapa é que o adolescente procura refúgio em grupos e outros meios sociais acessíveis a fim de encontrar a sua identidade.

A sociedade e as culturas visam a adolescência como um período considerado “rebelde”, não dando importância para as opiniões e perspectivas do adolescente considerando-o em apenas uma fase passageira. O indivíduo procura ser percebido e desempenha um papel revolucionário a fim de posicionar suas ideias e propósitos.

Na era atual o que move a globalização é a tecnologia, mídias e redes sociais, logo, a adolescência atual tem crescido com acessibilidade e estrutura nesse meio. As redes sociais não se tornaram apenas um meio acessível, mas uma maneira de viverem totalmente ligadas na internet, com facilidade de comunicação, informações e quaisquer outros desejos que o indivíduo deseja acessar influenciando diretamente na personalidade e identidade do adolescente.

A tecnologia e o acesso à internet nas redes sociais, como Facebook, Instagram, Twitter, entre outros, através de comentários, opiniões divergentes e exposições pessoais, possibilitam as manifestações de sentimentos causados no adolescente que facilitam a prática do *bullying* levando a inúmeros casos de *cyberbullying* entre os adolescentes que causam ações, reações e consequências na vida dos mesmos.

Foi realizado um estudo com metodologia de pesquisa bibliográfica visando o levantamento quantitativo e qualitativo de informações documentais, como livros, artigos, monografias, periódicos, documentários e afins, com argumentações teóricas de autores que estudaram e escreveram sobre o tema presente.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1. Caracterização da Adolescência

O estatuto do adolescente segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2014), estabelece que a adolescência se inicia aos 10 e vai até os 19 anos. A OMS descreve que a adolescência é um período da vida no qual acontecem diversas

mudanças físicas, psicológicas e comportamentais, uma fase fundamental do desenvolvimento humano, as mudanças que ocorrem durante a segunda década afetam todos os aspectos biológicos e psicossociais e por isto descreve que os adolescentes precisam de atenção específica, distinta de crianças e adultos. O cérebro adolescente tem uma notável capacidade de mudar e adaptar-se. A experimentação, exploração e o fato de assumir riscos durante a adolescência é mais uma situação normativa do que patológica existindo um potencial real para melhorar os desenvolvimentos negativos que ocorreram durante os primeiros anos de vida.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142), (EISENSTEIN, 2005).

A adolescência é uma categoria conceitual atual, forjada a partir da construção social da infância. Na Idade Média, tais fases do desenvolvimento não eram levadas em consideração, sendo que crianças eram tratadas como pequenos adultos, podendo trabalhar e frequentar espaços hoje exclusivos dos adultos, como tabernas. Era visado a infância e o adulto sem distinção, sendo considerado apenas ao ser humano dependente ditado como criança, sendo considerado dependentes apenas aos quesitos como fazer as necessidades, comer e etc. E a partir do momento em que a criança aprendesse a fazer essas necessidades sozinho, tornava-se um ser independente. Logo, passaria a realizar as atividades como um adulto, as crianças eram representadas como adultos em miniatura tendo que participar de todos os assuntos familiares, de trabalho, ou seja, responsabilidades adultas. A passagem da infância era breve e insignificante, sendo praticamente incógnito sem poder passar pela fase das primeiras apreciações do ser humano. A afetividade naquela época não era de todo fato mostrado como necessário, nem de todo importante, muito menos visto como um equilíbrio familiar, a criança era considerada apenas um ser a seguir os passos dos mais velhos (ARIES, 1978).

Esta concepção começou a ser mudada a partir das mudanças sociais trazidas pela revolução industrial, pois, leis começaram a serem implantadas, como a regularização das crianças nas escolas, passando a ser separadas das

responsabilidades da vida adulta, como o trabalho. A partir do século XVII a adolescência passou a ser reconhecida como uma categoria do desenvolvimento humano, assim como a infância, sendo assim alvo de cuidados pedagógicos e limites comportamentais, uma fase real do ser humano acompanhado do marcado movimento iluminismo.

Quando a infância passou a ser reconhecida, a adolescência passou a ser motivo de interesse aos profissionais estudiosos, sendo tal período considerado em meninos entre o período da primeira comunhão e ao regime militar, e em meninas entre a primeira comunhão e o casamento, a adolescência passou a ser considerada um motivo de preocupação perante ao indivíduo, família e a sociedade. Como uma extensão da infância, a adolescência também é vista como etapa a ser protegida e amparada, já que a juventude é considerada a base para um desenvolvimento ideal que irá eclodir na vida adulta. Os pais e a sociedade faziam questão de trata-lo com base em que o adolescente segue os passos necessários a se tornarem os adultos que a sociedade e a família desejasse, sendo que o adolescente passou a ser visto como uma fase instável e descontrolada, uma fase turbulenta. Com esta percepção de infância à adulto despertou a ideia de haver um estágio intermediário, então surgiu a visão sobre a adolescência (AMARAL, 2007; SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Hall (1904) foi o primeiro autor que visou a adolescência contrapondo além de uma fase turbulenta, ele apresentou como uma etapa comum da evolução humana, fase natural do desenvolvimento e uma transição à maturidade, vista como primitiva dada a evolução das espécies humanas, sendo desde o primitivismo animal. Estes fatores dependem principalmente do fisiológico geneticamente determinado que apesar dos fatores socioculturais há normas universais para esse ocorrido.

A adolescência denominada como “problema” afetou a sociedade e a família a tratá-los de tal maneira, como uma fase digna de ser controlável e não levada a sério. O desejo inconstante do adolescente de ser visto como significativo e ponderoso bate de frente com a visão que os adultos têm sobre si, e sua procura interminável de reconhecimento toma outro rumo. Por não ser apoiado em um local passa a procurar um outro lugar em que encontre o reconhecimento desejado.

A adolescência é o estágio do desenvolvimento da vida do ser humano da qual apresenta-se entre o infantil e o adulto. Enquanto criança, sua personalidade é

baseada na sua vivência entre os pais ou responsáveis, da qual eles dizem o que deve o que não deve e como deve ser feito. Mas quando a adolescência começa a ser desenvolvida isso não é o bastante, a visão que a criança tem dos pais começa a ser perdida, e a visualizar que estes não são tudo o que querem seguir, e seus gostos e seus quereres passam a ser priorizados e diferenciados. O adolescente não é mais criança e também ainda não é adulto, ele tem seus próprios desejos e pensamentos, mas ainda não consegue exercê-los totalmente, sua personalidade e seu corpo começa a aflorar e a intensificar, mas ainda é dependente dos seus pais ou responsáveis de várias maneiras. Começa a ter aquela dificuldade em discernir o que isso significa, e em como lidar com tudo isso que vem acontecendo e é novo nas suas perspectivas. E dessa maneira passa a procurar em outros lugares o que em casa parece ter perdido, passa a procurar pessoas, ídolos, grupos que o referencie e que o identifica, segundo Anna Freud (1958/1995).

No mundo que agora se sente acolhido tem várias personalidades e pensamentos e outros adolescentes que estão passando pelo mesmo estágio, e seu mundo, sua visão, sua personalidade começam a se modificar e a não ser mais aquilo que viu apenas dentro de casa. Nesse estágio, o adolescente não enfrenta sozinho, nesta fase os pais também precisam aprender a lidar com a mudança, e muitas vezes ela é assustadora, porém necessária, pois nesta etapa é quando a identidade do ser é estabelecida.

De acordo com Aberastury (1981) o adolescente passa por três lutos fundamentais, sendo eles, o luto pelo corpo infantil, o luto pelo papel e a identidade infantil, e o luto pelos pais da infância. A partir dessa ideia percebe-se que entrar na adolescência vai muito além de apenas ser considerada uma fase “conturbada”, é uma passagem totalmente significativa e de perdas importantes, não apenas a perda de algo, mas a perda de si mesma. Primeiramente o corpo inicia a fase de mudança, o seu organismo muda e o indivíduo não tem nenhum controle sobre isso, junto com a mudança corporal entra a mudança biológica, já que ambas caminham juntas. Mas o aspecto físico não é o único problema, tudo o que se sente e novas sensações e sensibilidades são até agora desconhecidas. Por conseguinte, acontece o luto pelo papel e a identidade infantil, é quando o adolescente percebe que precisa assumir um papel mais independente de que teve até agora, responsabilidades são impostas ao jovem, sendo que os pais já não assumem a total responsabilidade por suas

escolhas e atitudes. Essas responsabilidades são desconhecidas e de uma hora para outra ela precisa ser assumida.

Posteriormente, o luto pelos pais da infância indica a transformação desses laços pré-estabelecidos, assim como uma perda significativa do ponto de referência que antes representavam. Na infância são eles que assumem tudo que referisse à criança que agora passa pela adolescência, as responsabilidades caem sobre eles, e a criança cria um mecanismo de personalidade baseada ao que conhece pelos pais e ao que os pais ensinam (ABERASTURY, 1981). O adolescente passa a questionar tudo a sua volta, aos ensinamentos que até então eram considerados leis e começa a procurar a sua própria visão perante ao mundo, o certo e o errado, e os desejos que surgem dentro de si. O seu desejo de independência aumenta de maneira intensificada, esta independência é o meio pelo qual poderá se reencontrar e harmonizar os seus próprios conceitos, desejos e propósitos. Almejam a independência financeira, a valorização de escolher sozinho a tomada das decisões conseguintes, a liberdade de ir e voltar para onde quiserem, e a hora que quiserem, escolherem o que ser, o que seguir, o que vestir, usar, comer, gostar, ouvir, etc. A tomada da própria decisão perante tudo na vida é o desejo mais esperado conforme o crescimento da idade da criança à adolescência vai se estabelecendo, como cita Aberastury (1981, pág. 17): “o adolescente procura a solução teórica de todos os problemas transcendentais e daqueles com os quais se enfrentará a curto prazo: o amor, a liberdade, o matrimônio, a paternidade, a educação, a filosofia, a religião”.

Na adolescência os pais ainda são vistos como refúgio e proteção, porém não é apenas o adolescente que passa por essa mudança, os pais também assumem esse papel da perda, precisam aceitar o envelhecimento e o fato de que seus filhos não são mais crianças e precisam serem tratados conforme seu crescimento. Essa situação é difícil para os pais e às vezes não são lidadas de forma natural, a aceitação de que eles não são mais suas miniaturas em tudo, pode vir a ser conturbada. O adolescente percebe a instabilidade dos pais pela primeira vez e isto os leva a encontrar falhas nos próprios e não os enxergando mais como proteção excêntrica. Esse papel de perda acontece pelas duas partes e nem sempre elas contam uma com a outra para passar por ela, o que torna as coisas mais complicadas e difíceis (ABERASTURY, 1981).

Com as mudanças físicas, biológicas e emocionais criam também mudanças em todas as relações existentes, a relação do adolescente com os pais e a família muda, seu comportamento perante os demais começa a ser diferente, o que assusta os que estão vivendo a sua volta e cria preocupação em ambos. Sua relação com seus amigos e com o mundo afora também passa a ser diferente, seu ponto de vista muda, suas ideias independentes e pessoais começam a serem criadas intensamente, e o adolescente pode não conseguir adaptá-las tão rapidamente, ou não se mostrar no mesmo ritmo.

A partir dessa confusão e desenvolvimento, novas etapas, lutos, o adolescente acaba estabelecendo vários personagens, tendo sua identidade até então infantil com uma mistura de sua nova identidade ainda não estabelecida, com a escolha de uma nova identidade o adolescente passa por várias até renunciar a que fora existente e conseguir encontrar-se em apenas uma. Junto com essa junção de identidades e procura por uma que estável, cria dificuldade em resolver sua identidade sexual também. Com a nova etapa e novas escolhas o adolescente depara-se com vários obstáculos, com a família e com a sociedade. Ambos procuram métodos e maneiras de comprometer-se a atitude de escolher pelo adolescente o que ele deve ser, seguir e escolher. Com isto, pode vir-se a revoltar-se contra tudo e contra todos. Dentro da sociedade encontra meios de tratado nem sempre como preveria, junto com as escolhas existem portas, pessoais, grupos que não o aceitam como gostaria e isso torna-se um meio de ir adaptando e tentando de todas as formas ser incluso e aceito nesse meio, as vezes contra sua vontade real. As necessidades e os desejos de reformas sociais e revoltas com as coisas vem a partir dessa adaptação do seu ser com os seres sociais e com si mesmo (ABERASTURY, 1981; CALLIGARIS, 2010).

Percebe-se perante a visão dos autores acima, Aberastury (1981) e Calligaris (2010), é possível perceber, visando a diferença do ano em que foi realizada a escrita de cada um, as semelhanças entre uma e outra, mesmo havendo uma grande passagem de tempo entre um e outro. Apesar das mudanças sociais e culturais que vem se diversificando, há perspicácia dos cenários e posicionamentos da família e do adolescente em visão de si mesmo, da família, e da sociedade. A influência das mudanças sociais e culturais apesar de serem relevantes, ainda há

conjunturas de acontecimentos biológicos e característicos que se mantêm igualitário à medida da passagem dos anos.

Calligaris (2010) cita em seu livro sobre a adolescência como a cultura moderna ocidental deixa em aberto o período, ou como cita o autor, a moratória da puberdade, não sendo definido um início e um fim exato, mesmo que segundo a OMS defina as idades. Não é definição ou um ritual que transcenda os papéis, sentimentos ou ações que o tornem de fato um adulto perante a idade encontrada. A sociedade coloca-se em diversidade dos papéis e ações idealizadas para o adolescente, da qual não leva a sério o próprio querer ou visão do mesmo, que nem sempre são similares. Portanto, até a idealização da sociedade trata-se de considerar a adolescência como “uma fase rebelde”. Torna-se uma linha contraditória, ao mesmo tempo que se mostra o papel do adolescente ser o que se precisa se destacar, visto como o rebelde, que precisa criar a autonomia e a independência, a sociedade impõe o seu certo e o errado, o que deve seguir e como deve fazer. A transmissão das regras culturais e da sociedade emergem como um meio de fazê-lo não se sentir inadaptado, transmitindo os dois meios que levam o adolescente a uma crença de que a revolta é o esperado e o adulto passa a ser visto como o hipócrita.

[...] o sistema moral de cada indivíduo interfere no seu comportamento; a maneira com que o sujeito se relaciona e se comporta possui relação com as interações sociais do meio em que se encontra; a construção da moral percorre todas as fases de vida do sujeito (SILVEIRA, 2012, pg. 02).

Toda a construção moral do certo e errado, da adaptação, da maneira de pensar ou reagir é estabelecido a partir dos convívios, meio social e cultural e a estruturação de como foi criado e ensinado. A sua personalidade é construída baseada nesse contexto, sendo um ser inerentemente social, sendo este geneticamente social como defende Wallon (1988, *apud* SILVEIRA, 2012). Portanto, o meio em que convive, com quem aprende, quem segue, quem admira, lugares que frequenta, cultura que vive/nasce, influencia diretamente na personalidade e na moral do indivíduo. Quando se vive a maneira de pensar, agir e reagir da sociedade em que se habita a moral, a ética e maneira de pensar do indivíduo tende a seguir o mesmo caminho. O mundo moderno não é o mesmo de alguns anos atrás, maneiras de se viver e se pensar foram mudadas e o legado da geração atual foi nascida e

crescida neste contexto atual, vindo a pensar de maneira condizente a como se percebe no mundo. Apesar de o mundo moderno estar diferente em vários aspectos, ainda há pessoas, famílias que seguem tradições e éticas conservadas a valores um pouco antigo, da década de XX, XIX que entram em conflito com ideias atuais (SILVEIRA, 2012).

Segundo Giddens (2003), a globalização vem mudando as tradições culturais, das quais se tornaram regras, e foram feitas por inúmeras repetições que passaram a não saberem mais o motivo e a necessidade de serem seguidas, estruturas que foram criadas por grupos sociais e foram passando por gerações, geralmente, sem serem questionadas. No entanto, atualmente, essas tradições estão sendo modificadas pouco a pouco dando novos sentidos e perspectivas.

A adolescência não se trata apenas de uma fase biológica que o defina, mas a sua identidade vem a partir de uma construção social, cultural e econômica, como cita Ozella e Gonçalves (2003, pg. 34-35) em seu livro: “Não dá para falar de um único tipo de adolescente; há vários tipos, dependendo dos aspectos econômicos, sociais, culturais. [...] o adolescente de hoje é o reflexo da sociedade contemporânea”. Olhar o adolescente com estas características individuais é essencial para seu processo e compreensão do mesmo e não por comportamentos estereotipados. Cada indivíduo tem a sua própria subjetividade que não se baseia em comportamentos típicos de uma fase específica, experiências e vivências que são constituídas a partir de suas próprias ações pessoais e reações ao meio e sua inserção social. A visão do homem no meio social, cultural e econômico é primordial para os conhecimentos fundamentais do psiquismo.

O indivíduo se adapta a formas e maneiras de incluir-se na sociedade, assim como as capacidades mentais se conduzem as estruturas predispostas do meio. As funções mentais além de adaptarem-se, elas mantêm as contínuas e constantes (PIAGET, 1977 apud MUNARI, 2010). Munari (2010, p. 28) cita “[...] a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais completas, uma busca progressiva do equilíbrio entre essas formas e o meio.” A cada mudança no meio contrapõe há ações de experiências vividas anteriormente sendo desempenhada as características já concedidas elaborando-a a própria capacidade de estabelecer uma ligação ao que já foi aprendido e ao que aprenderá com as novas experiências. As

demandas instintivas seriam sempre apenas reagidas pelas tendências naturais se não houvesse toda a influência social e cultural.

A vergonha, a moral, o certo e o errado é passado para a criança a partir dos ensinamentos do adulto, do meio social, da cultura, conforme o que ela vivencia, escuta e vê. Há uma repressão da parte dos mais velhos quando a criança passa para o período da adolescência e ela começa a evoluir hormonalmente e ter outros conhecimentos, e é nesse momento em que se inicia o processo de inibição para os pais, agindo, geralmente de uma maneira perto da família e de outro com os amigos. Com a inibição e a repressão, o indivíduo precisa entrar no período de adaptação, assim como os demais, a sociedade e a família. O que não possibilita mais camuflar torna-se necessário reconhecer a existência. E é nesse período da qual o adolescente sente a necessidade de tomar por si mesmo a decisão de como reagir a isto, já que foi reprimida uma vez e agora sente que cabe a ele a deliberação. E é ainda nesse momento em que se percebe o maior impacto inicial que a sociedade, o meio e a cultura tem sobre o indivíduo.

Oliveira e Hanke (2017) destacam sobre a visão de Freud (1917/1996) e Lacan (1972-73/1985), desenvolvendo uma visão do adolescente perante a falta, algo relacionado à procura persistente e constante projetando a falta no outro, da qual não foi encontrado até então no que já foi vivido e experienciado. Ele questiona o saber dos pais, da família, do conhecido e vai à busca do que não conhece a fim de encontrar essa falta. Mas ela, porventura, dificilmente é encontrada, o que tendem a decorrer de um perfil revolucionário. Diga-se que a adolescência, ou puberdade, como prefere Freud, é o encontro diretamente do indivíduo com a realidade que o envolta, a consciência transformadora. Nisto é visto dois contrapontos, a realidade da qual torna-se revolucionária em querer ir contra o que lhe é imposto e lutar contra aquilo que não deseja, ou procurar em algo exatamente o que lhe causa conforto em seguir os padrões definidos pela sociedade ou propriamente por si como padrão, status de beleza, ou estudar o bastante no que é preciso para ser “suficiente” ou “bem visto” no que é esperado ou honrado pelos mais velhos, pela sociedade. O autor refere-se a não haver de certa forma uma posição sobre estar menos ou o mais grave na situação. Mostrando que “alienar-se no outro não é uma saída necessariamente melhor ou pior do que a ele se opor” (OLIVEIRA; HANKE, 2017, pg. 301).

Tudo isso que aparece como figuras do que a mídia chama de crise adolescente são respostas à puberdade, pelo menos se entendermos puberdade como um momento de encontro com o real. É nesse sentido que a adolescência se apresenta como uma série de respostas sintomáticas ao encontro com o real promovido pela puberdade (OLIVEIRA; HANKE, 2017, pg. 300).

Viola e Vorcaro (2015) e Vieira e Vorcaro (2014) falam sobre o momento histórico em que Freud (1914/1996) tratava da influência escolar e do seu meio no adolescente, imagina-se a importância que há na atualidade'. A partir do panorama em saber que uma boa parte da vida humana, mais especificamente na infância e na adolescência, o indivíduo passa uma boa parte do tempo dentro do contexto escolar, onde ele troca informações, vivências, experiências com inúmeros outros indivíduos da mesma idade, assim como conhecimento com indivíduos mais velhos e mais vividos. Como não evidenciar que a vivência dentro deste contexto, caracterizado como um contexto social não vem a influenciar na vida, personalidade e escolhas do adolescente. Liga-se a sociabilidade dos adolescentes entre eles mesmos e a caracterização de inúmeras diversidades de vivências e personalidades ali contendo, tal como essa diversidade pode vir a acarretar em uma confusão singela na cabeça de cada indivíduo, assim como a procura pelo ser ideal, vinda dos ensinamentos dos professores e educadores ali presentes.

Dentro desta visão apontada pelo autor Viola e Vorcaro (2015) baseada também no estudo de Freud (1914/1996) há tempos, refere-se à existência na atualidade a mudança hoje presente na busca do saber do adolescente por si próprio em contrapartida de informações transmitidas de inúmeras maneiras, por redes, opiniões, internet, em meios, às vezes, não didáticos ou formulados. Conhecimentos que não são vindos de um outro reconhecido, por herança, ou alguém em ideal, mas sim consideradas como informações por conta própria, baseado em uma procura de solução imediata e respostas quantitativas, tal como veremos no tópico seguinte.

2.2. A Mídia, Redes Sociais, Tecnologia Digital e sua influencia na Adolescência

Giddens (2000) fala sobre a globalização e seus progressos nas comunicações globais ter dado abertura para a democracia a partir do momento em

que as notícias passaram a ser repassadas para toda a parte do mundo dando a liberdade da expressão de opinião sobre as mesmas, ajudando também nas movimentações de manifestações e revoluções, desenvolvendo os crescimentos destes movimentos.

A mídia, a internet e as tecnologias digitais tem uma forte influência em toda a cultura atual, assim como uma grande facilidade de acesso e comunicação. Tudo que acontece, é falado, mostrado, liberando opiniões de qualquer um por meio das redes, tal como uma grande exposição flexível para qualquer indivíduo que a deseja, e às vezes, até para o que não deseja. “Os jovens nascidos após 1995 são “nativos” da cibercultura, inseridos num modelo de comunicação com equipamentos que operam por meio da convergência de mídias” (VERMELHO et. al. 2014, p.4). A tecnologia é usada para lazer, para trabalho, pesquisa, estudo, comunicação, entre outras. Abre um leque de opções e oportunidades, acarretando um poder negativo e/ou positivo, dependendo das ferramentas a serem utilizadas e como serão aplicadas no cotidiano. Esse meio trouxe transformações sociais, culturais, econômicas, conhecimentos, etc. (DREVES, SOUSA, 2014).

As redes sociais, atualmente, são o meio mais fácil de se encontrar o que deseja, tal como as “respostas” que desejam. Tornou-se um meio acessível para todas as coisas, e o *Facebook*, o *Twitter*, *Instagram*, entre outros, são meio de dizer, mostrar o que se sente, o que se quer e da maneira que se quer mostrar para as demais pessoas, tal como, para procurar grupos, pessoas, ideias que condizem as suas vontades e as suas crenças.

Ew et. al. (2018, p. 4) citam o relato de Moisa e Diana em sua pesquisa:

[...] em momentos específicos, por exemplo num dia que eu estou meio mal, é melhor pelo Face. Porque daí tu queres te mostrar bem, só que tu não estás bem daí tu consegues disfarçar (relato de Moisa). [...], mas algumas vezes é mais fácil tu falares algumas coisas para as pessoas, tu te sentes mais livre porque a pessoa não está te vendo. Via internet a pessoa não consegue ver tua reação (relato de Diana).

Não só o acesso se torna imprescindível nessa situação, mas tudo o que a tecnologia nos promove, nas redes sociais tudo se torna mais fácil, expressar-se, mostrar, tanto para as questões que lhe são positivas e/ou negativas, a maneira de poder bloquear, excluir, adicionar, remover, apagar, responder, gostar ou não, ofender ou elogiar, e a maneira simples de efetuar isso, meios que não são

possíveis no mundo real e pessoal. O poder exercido para este jovem atrás de uma tela concede para manifestações de "liderança" dais quais são imprevisíveis e podem tornar-se incontroláveis a certo ponto (PETIT, BOISSEUIL, IFFL, 2015). Não que toda esta questão venha a ser necessariamente vista como negativa, há dois pontos exercidos para essa acessibilidade, de um lado o poder investido que pode vir a ser baseado e constituído de uma maneira doentia ou abusadora, por outro lado, constitui em uma oportunidade de exercer um poder e aprendizagem saudável elevada a boas respostas e produtividades. Este ideal transforma o *Facebook*, e as outras redes sociais em uma ferramenta que autoriza e regulamenta o conformismo. Com isto, percebem-se estas manifestações como uma expressão do superego e sua função de censura, fala-se de uma falsa liberdade: a regra da censura é arbitrária. “Usando o ciberespaço somos livres, transeuntes em todos os lugares, somos produtores de pensamento, leitores de pensamentos, somos quem queremos e poderemos ser.” (DREVES; SOUSA, 2014, p. 2). Isso pode incentivar a construção de um superego cultural empurrado para as suas consequências extremas.

O superego cultural emerge com uma visão que pode ser denotada por Nakasu (2014, p. 3): “a cultura exige que a agressão seja introjetada e interiorizada, agressão que, por sua vez, é enviada ao superego, produzindo o sentimento de culpa”. Em 1930 (2016), Freud apresentou uma concepção de superego cultural como uma continuação do superego edipiano na civilização a partir da analogia entre o processo cultural e o caminho do desenvolvimento do indivíduo. Desde que nascemos somos criados ouvindo e sendo ensinados como viver, agir, pensar, o certo e o errado, como lidar e etc. com tudo/em tudo a nossa volta. Primeiramente isso vem dos ensinamentos paternos e a família, que são os meios mais próximos, posteriormente somos inseridos no meio social, escola, lugares públicos, adaptando-se, prestado a seguir as regras do ambiente, seja elas quais for e seja o indivíduo a favor ou não. O processo evolutivo, do desenvolvimento do ser humano segue a regra clara em conjunto com o físico próprio, mente e o meio social influenciando estas características, uma vez que o mesmo está inserido na sociedade e na sua maneira de viver. A culpa emerge-se no indivíduo a partir do momento em que estas regras são impostas e feita que deve segui-la, a culpa é o que o leva a manter-se dentro do padrão que deve ser exercido, o certo o errado, o que deve e o que não deve.

A criança e ao adolescente possui informações mais precocemente, e em muitas vezes estas informações nem partem da família, mas sim dos meios digitais. A facilidade do contato com a mídia leva o adolescente há um mundo cheio de opções e visões a seguir ou não. A tecnologia diminui, por vezes, o contato pessoal, elevando o contato que vêm por trás de uma tela, cabendo ao mesmo poder fugir da realidade e vivem um mundo não real. A ausência socioafetiva leva a uma procura incessante de preencher esta falta (VIOLA, VORCARO, 2015). Mas o que é real para o adolescente? A adaptação atual do adolescer com certeza é diferente do que há alguns anos, mesmo que o conceito e as vivências venham a ter uma base. A realidade atual trata-se de como a sociedade age perante a família, o adolescente, a escola, os grupos, as redes sociais e tudo o mais. Como cita Dreves e Sousa (2014, p.1): “O ciberespaço virtual, abstrato, distante, inacessível, passa a ser: real, acessível, próximo e cotidiano”. A precocidade pela facilidade de informações e a maneira de lidar com os problemas, as neuroses e as dificuldades, tanto do adolescente quanto dos pais e da família. Além desse meio mais próximo na infância surge os demais meios adultos que exercem o papel de autoridade no adolescente, como professores, e outros meios, como religião, arte, esporte, que exercem uma importante função na vida, experiência moral, o pensar e a evolução da personalidade.

A visão de família tem se transformada com o tempo, características atuais da quais nem todos os indivíduos acompanham. As estruturas familiares nas décadas mais antigas, da qual a família tradicional era formada por pai, mãe e os filhos, onde cada um fazia o seu papel que era exercido, a mãe dona de casa, a que cuidava das crianças, e o pai o provedor da casa e a autoridade que delimitava o que devia ou não. Apesar de até os tempos atuais ainda encontrar bastante estes papéis, há muito na sociedade que mostra outros papéis e outras formas consideradas famílias, os modelos de famílias “não-tradicionais” puderam ser mais conhecidos e vistos com outros olhos a partir da globalização. A sexualidade, igualdades de gêneros, orientações sexuais, direito da mulher, casamentos, divórcio, religião e a falta dela começaram a abrir espaços no meio e conseguirem um papel mais flexível perante as culturas atuais (GIDDENS, 2000).

Os papéis que hoje são exercidos de ambas as partes da família, como trabalhar, pagar as contas, cuidar da casa, cuidar das crianças, e etc. Em muitos casos, pais/mães separados, solteiros, pais/mães que casam novamente, homossexuais, poliamor e mais inúmeras estruturas familiares. A criança e o adolescente atual vêm adaptando-se a esse novo mundo a partir de um acesso maior fazendo-os se questionarem sobre os novos papéis exercidos pela família.

A ausência e a correria da sociedade e da família tem levado a outros meios de carência, sentimentos da qual procura-se uma forma de preencher a falta que podem vir a serem preenchidas a partir do acesso as redes sociais, aonde o adolescente usa a mesma para expor seus sentimentos e opiniões, tais pontos de vista geram discussões nas redes sociais pelo simples fato de haver ideias divergentes, propiciando assim alguns casos de *cyberbullying*.

Primeiramente, vamos compreender o que é o *bullying*. O *bullying* trata-se de uma agressão física ou verbal que incomoda e tortura algum indivíduo. O *bullying* pode ser um ataque a alguém que não seja “padronizado” ou tenha ideias diferentes do qual o outro venha a zombar. Este ato é muito comum entre os adolescentes em todos os lugares que frequenta, e tem um grande impacto na vida da vítima, assim como na vida e no caráter do agressor (MAIDEL, 2009).

O *cyberbullying* é o *bullying* causado através da tecnologia, redes sociais e afins. Anteriormente foi falado sobre a facilidade de expor as opiniões na internet e nos perfis de redes sociais, e com isto, aumenta a facilidade de se exercer o *bullying*. Nas redes vê-se uma enorme quantidade de agressões sendo feitas sem discernimento ou com discernimento do impacto que pode ter na vida de quem está por trás das telas. A agressão não é física, torna-se totalmente verbal e moral, sendo feita com facilidade e rapidez, um digito leva o agressor a ofensa. No meio de redes sociais há o chamado “perfil falso” que consiste em uma pessoa utilizar-se e passar por outra pessoa e outro nome podendo fazer e escrever o que quiser sem ser reconhecido, o que aumenta a probabilidade de utilizar ofensas sem sofrer as consequências que talvez fosse ter no meio real, e ainda mais sem tomar consciência do que seu ato acarreta na vida da vítima. Nos últimos tempos vê-se uma grande reportagem de casos que levaram vítimas da agressão virtual a casos extremos, como até suicídio (AMADO et. al., 2009).

Achei que haveria um basta. Mas foi pior. Pegaram a foto dela e botaram nas redes sociais. Fizeram o horror”, conta a mãe. Laura foi ofendida com palavras como “rata” e “demônio” nas redes sociais. “A foto da minha filha deve andar na internet. Agora, ela está com trauma, no psicólogo. Amava publicar nas redes e não posta mais. (MARQUES, 2017. Revista Estadão online, SP. s.p.)

Segunda as pesquisas dos autores Caetanoll et al. (2016) as emoções das vítimas, em maior caso, são de tristeza, humilhação e injustiça e em muitos casos, raiva e sentimento de vingança. Sofrer *bullying* pode levar à crença de que é uma pessoa que não deveria estar exposta socialmente, e o sentimento de se acuar aumenta. Viver o meio virtual sem estar exposto verdadeiramente torna uma opção viável a mostrar-se alguém da qual seja melhor “aceito”. Pode acometer também depressão, pânico, transtornos alimentares, fobias sociais, baixa autoestima, e suicídio, entre outros.

As emoções e expressões mais comuns por parte dos agressores é de indiferença para com a vítima, prazer e satisfação, e em alguns casos culpa. O *cyberbullying* por ser feito através da tela dos computadores ou *smartphones* aonde não há contato direto para com a vítima, levando-se a crença, em alguns casos, que não está prejudicando uma pessoa real do outro lado da tela. Sentimentos agressivos, desafiadores e debochados podem ser facilmente colocados afora através de redes sociais dando uma coragem talvez não estabelecida diretamente com a vítima (CAETANOLL, et al. (2016). O agressor em muitos casos já foi a vítima em alguma situação, mobilizando sentimento de vingança e impotência tornando-o agressivo. É importante perceber que o agressor apesar de não ter algum motivo aparente para realizar o bullying, é decorrido de algum sentimento que não foi manifestado.

Pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), de outubro, mediu o comportamento online de jovens. Os dados revelam que, de cada quatro crianças e adolescentes, um foi tratado de forma ofensiva na internet, o que corresponde a 5,6 milhões de meninos e meninas entre 9 e 17 anos. O porcentual cresce ano a ano: passou de 15% em 2014 para 20% em 2015 até chegar a 23% no ano passado. Segundo especialistas, as ofensas na internet podem ter impacto ainda maior na vida das crianças. “Uma postagem atinge número incontável de pessoas e isso aumenta o sofrimento da vítima. Ela não sabe quem viu ou não”, afirma a psicóloga e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Luciana Lapa. Em casos de agressão na escola, o jovem encontra refúgio em casa. “No cyberbullying, não. Onde quer que ele vá, a agressão vai junto”, diz Luciana (MARQUES, 2017, s.p.).

O Brasil foi considerado a partir de uma pesquisa feita pelo IPSOS, realizado entrevistas com 20.793 pessoas em 28 países, como o 2º maior país de casos de *cyberbullying* do mundo (MARQUES, 2018). Várias estatísticas realizadas comprovam (como citado duas acima) o aumento a partir dos anos de como as mídias tem sido utilizada; “a operadora de telecomunicações GVT, aponta que 62% dos jovens utilizam a rede todos os dias e, desses, os que estão na faixa entre 18 e 23 anos, 86% do total, acessam diariamente” (PORTELA, 2014), e como tem acontecido casos de *cyberbullying* da qual dificilmente encontra-se um adolescente que não tenha passado por este ato ao longo do uso da internet.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho descrito conclui-se que o conceito de adolescência foi mudando conforme o passar dos anos e inúmeros estudos foram aperfeiçoados. A adolescência que antes era vista como umas fases com comportamentos típicos de tais idades especificam tem sido evoluída a ideia e mostrado o quanto os quesitos sociais, culturais e econômicos interferem na identidade do mesmo, e que cada adolescente tem suas peculiaridades que vão além de características específicas de uma fase. Além da mídia e da tecnologia da qual atualmente tem grande acesso e influencia na vida do ser humano e principalmente no adolescente que busca outros meios de adaptação e cresceram na sociedade atual que é predominante da tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Adolescência normal*, por Arminda Aberastury e Mauricio Knobel. Trad. De Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

_____. (Org.). (1983). *Adolescência*. 2.ed Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AMADO, J.; MATOS, A.; PESSOA, T.; JAGER, T. Cyberbullying: um desafio a investigação e a formação. *Rev. Interações*. Vo. 13. 2009. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/409/363>. Acesso em: 26 de jul 2018.

AMARAL, V. L. *Psicologia da adolescência; Psicologia da educação* / Vera Lúcia do Amaral. - Natal, RN: EDUFRRN, 2007.

ARIES, P. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman; 2º edição. 1981.

CAETANOLL, A. P.; FREIRELL, I.; SIMÃO, A. M. V.; MARTINS, M. J.; PESSOA, M. T. Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. *Rev. Educ. Pesq.*, São Paulo, v. 42, n. 1. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0199.pdf>. Acesso em: 26 de jul 2018.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha. (Original publicado em 2000). 2010.

CHIPKEVITCH, E. Avaliação clínica da maturação sexual: adolescência, puberdade, maturação sexual. *Jornal de Pediatria* - Vol. 77, Supl.2, 2001. Disponível em: <http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-s135/port.pdf>. Acesso em: 25 de abr 2018.

DREVES, A. T.; SOUSA, J. F. Jovens, Mídias e Tecnologias: o perfil do consumo de internet dos estudantes de Jornalismo da UFAC e da UNESP. *Intercom – XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES*. 2014

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Rev. Adolescência & Saúde*. Vol. 2, nº 2, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/DANIELA/Downloads/v2n2a02.pdf>. Acesso em: 10 de abr 2018.

EW, R. A. S.; HAMANN, C.; GOMES, G. A.; PIZZINATO, A.; ROCHA, K. B. Mídias sociais: construção de narrativas de si de adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, vol. 30, 2018.

FERRÃO, V.S; POLI, M. C. Adolescência como tempo do sujeito na psicanálise. *Rev. Adolesc. Saúde*. 2014;11(2):48-55

FRANK, A. *Diário de Anne Frank de 12 de junho de 1942 a 1 de agosto de 1944* (I. Losa, Trad.). Lisboa: Editora Livros do Brasil, 1958.

FREUD, A. Adolescência. Trad. MEIRE, A. M. G. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 1995. (Trabalho original publicado em 1958)

_____. Algumas reflexões para a psicologia do escolar. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 246-250). Rio de Janeiro, RJ: Imago. 1996. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *Obras psicológicas completas Edição Standard Brasileira*. Editora Imago, Ed. Digital, 2016. (Trabalho original publicado em 1930).

GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIDDENS, A. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença, 2000.

HALL, G. S. (1904). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* (Vol. 2). New York: D. Appleton and Company.

LIMA, M. C. P. O declínio do mestre e sua relação com o saber na adolescência. In R. Gurski, M. D. Rosa, M. C. Poli (Orgs.), *Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social* (pp. 161-170). Curitiba, PR: Juruá. 2012.

MAIDEL, S. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. *Revista electrónica de investigación y docencia* (reid), 2, pp. 113-119, 2009. Disponível em: <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n2/REID2art7.pdf>. Acesso em: 05 de ago 2018.

MARQUES, J. 1 em cada 4 crianças já sofreu ofensas na internet; cyberbullying desafia pais. *Rev. Estadão*. São Paulo, 17 de dezembro, 2017 | 03h00. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,1-em-cada-4-criancas-ja-sofreu-ofensas-na-internet-cyberbullying-desafia-pais,70002122721>. Acesso em: 25 de ago 2018.

MARQUES, P. Brasil é o 2º país com mais casos de bullying virtual contra crianças. *Rev. R7, tecnologia e ciência*. 11 de julho, 2018 | 04h00. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/brasil-e-o-2-pais-com-mais-casos-de-bullying-virtual-contra-criancas-11072018>. Acesso em: 25 de ago 2018.

MUNARI, A. *Jean Piaget / Alberto Munari*; tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

NAKASU, M.V. P. Para uma genealogia do superego: contribuições da reflexão freudiana da cultura. *Rev. Transformações em psicologia*, São Paulo, vol. 5 (n. 1), 2014. Disponível em: http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/Revista_Transformacoes/v5n1/6%C2%A_A_Ed._Artigo_4_-_Genealogia_do_Supereu.pdf. Acesso em: 17 de jun 2018.

NOMINÉ, B. *A adolescência e a queda do anjo*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos; 2001.

OLIVEIRA, H. M.; HANKE, B. C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Rio de Janeiro*, v. 20, n. 2, p. 295-310, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200295&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 de abr 2018.

OZELLA, S. GONÇALVES, M. G. M. Concepções sobre a adolescência. In: OZELLA, S. *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003, pg. 17-41.

PETIT, L.; BOISSEUIL, A.; IFFL, S. Adolescents and Facebook: Narcissus without (an) echo. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 18(4), 663-678, dez. 2015.

PORTELA, G. Cyberbullying e casos de suicídio aumentam entre jovens. Agência Fiocruz de notícias. 24 de fevereiro, 2014. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/cyberbullying-e-casos-de-suic%C3%ADdio-aumentam-entre-jovens>. Acesso em: 25 de ago 2018.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos Séculos. *Rev. Elet. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2>. Acesso em: 02 de abr 2018.

SILVEIRA, A. F. *A moral e a importância das interações sociais para a sua construção*. Psicologia PT, 2012.

TREINTA, F. T.; FILHO, J. R. F.; SANT'ANNA, A. P.; RABELO, L. M. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. *Revista Production*, v.24, n. 3, p. 508-520, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prod/v24n3/aop_prod0312.pdf. Acesso em: 15 de set 2018.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A. P. M.; BONKOVOSKI, A.; PIROLA, A. *Refletindo sobre as redes sociais digitais*. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 06 de jul 2018.

VIEIRA, A. A.; VORCARO, Â. M. R. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. *Psicol. USP*. Vol. 25, n. 2, 2014.

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, A. M. R. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 62-70, 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 de abr 2018.

WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1988.

WHO: WORLD HEALTH ORGANIZATION. Health for the World's Adolescents; A second chance in the second decade. *Ed. Imprensa*, 2014. Disponível em: www.who.int/adolescent/second-decade. Acesso em 10 abr 2018.

FEMINICÍDIO X HOMICÍDIO PASSIONAL: UM ESTUDO DA VITIMOLOGIA E DO PERFIL DO AGRESSOR

FREITAS, Michele.Ferreira¹
MESQUITA NETO, Rui²

RESUMO

Até pouco tempo atrás quando ocorria um homicídio contra a mulher se falava somente de Homicídio Passional, que tem como característica principal ser cometido em intensa emoção, o que á partir de março de 2015 com a sanção da Lei 13.104 que qualifica o homicídio contra a mulher em razão de sexo feminino, onde menciona que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: violência doméstica e familiar; menosprezo ou discriminação à condição de mulher, com pena de reclusão de 12 anos a 30 anos., mas será que todo homicídio contra mulher é Feminicídio?

Esse artigo tem como objetivo diferenciar o Feminicídio do Homicídio Passional e levantar um perfil da vítima e do agressor, a luz da Psicanálise.

Palavras chave: Feminicídio, homicídio passional, perfil da vítima e do agressor

ABSTRACT

Until a short time ago when a homicide occurred against the woman it was spoken only of Passion Homicide, which has as main characteristic to be committed in intense emotion, which as of March of 2015 with the sanction of the Law 13,104 that qualifies the homicide against the woman on the grounds of the female sex, where she mentions that there are reasons for female sex when the crime involves: domestic and family violence; contempt or discrimination to the condition of woman, with imprisonment from 12 years to 30 years, but is every murder against a woman a Femicide? This article aims to differentiate the Femicide from Passion Homicide and raise a profile of the victim and the aggressor, the light of Psychoanalysis.

Keywords: Femicide, passionate homicide, profile of victim and offender

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a diferença do Feminicídio e do Homicídio Passional, levantando o perfil da vítima e do agressor. A violência contra a mulher acontece desde o princípio da humanidade, se caracterizando de formas diversas de acordo com cada época, mas há alguns anos vem sendo um crescente na sociedade, culminando na maior parte das vezes em homicídio, surgindo assim a necessidade de tipificar o tipo de homicídio.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral - FAEF

² Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF. E-mail: neto334@gmail.com

Surge então a Lei do Femicídio, sancionada no Brasil em março de 2015:

“A lei do Femicídio foi sancionada no Brasil em março de 2015, através dela foi implementado no código penal brasileiro, o inciso VI, no parágrafo segundo do artigo 121, na qual qualifica o homicídio contra a mulher em razão de sexo feminino, e ainda o parágrafo segundo – A, incisos I e II do supracitado artigo, onde menciona que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: violência doméstica e familiar; menosprezo ou discriminação à condição de mulher, com pena de reclusão de 12 anos a 30 anos. Assim passando a fazer parte do rol de crimes hediondos, determinados na Lei 8.072 de 1990. Ressaltando ainda que não admite anistia, graça ou indulto, tais medidas que beneficiam o acusado, não sendo possível também a aplicação de fiança.” (AGUIAR; PAES, 2018)

Femicídio se configura quando as causas do homicídio são exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando a mulher é morta exclusivamente por ser mulher.

Geralmente esse tipo de crime origina-se da condição de posse, na inaptidão do agressor em lidar com o término de relacionamento. O agressor geralmente vai minando a autoestima da mulher, o que é alicerçado na cultura machista que ainda é base de nossa sociedade e que por mais conquistas que as mulheres tenham adquirido ao longo da história, ainda persistem no inconsciente coletivo, principalmente masculino. Minando a autoestima, o agressor tem por objetivo criar e manter um relacionamento de dependência na qual ele mantém o controle sobre a mulher. Quando essa relação de dominância é rompida de alguma forma, o agressor reage cometendo o homicídio, pois não consegue aceitar a perda, assim configurando o homicídio passional como uma tipificação do Femicídio, onde o agressor leva a crueldade ao extremo, acreditando estar fazendo justiça, recobrar ou lavar sua honra.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Revisão de Literatura

O Presente trabalho é uma Revisão de Literatura que consiste em utilizar resultados de pesquisas realizadas e publicadas, além de documentos, para elaborar outro trabalho científico com o objetivo de investigar o tema Femicídio x Homicídio Passional, levantando um perfil da vítima e do agressor.

. Para tanto, procedeu-se a revisão bibliográfica de materiais úteis em sites de pesquisa como Scielo, Google acadêmico, Lilacs, e a biblioteca da FAEF sobre o tema, levantou-se matérias nos jornais e Revistas Eletrônicas.

Como apresentado acima, o termo Femicídio, diz respeito ao homicídio praticado contra a mulher e se configura quando as causas do homicídio são exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando a mulher é morta exclusivamente por ser mulher.

A sanção da lei ocorreu em 09 de março de 2015 (Lei nº 11.104), que qualifica o Femicídio como crime hediondo com pena de reclusão de 12 a 30 anos, o que infelizmente não foi capaz de diminuir a ocorrência dos homicídios contra as mulheres.

Infelizmente os casos de violência continuam com dados alarmantes, e a aplicação da Lei Maria da Penha não tem conseguido coibir os atos contra a vida, mesmo com a de medidas restritivas deferidas em até 48 horas, o que continua ocorrendo devido ao despreparo das autoridades em fazer valer com rigor.

2.1.1 Histórico da Violência contra mulheres

A violência contra as mulheres ocorre desde o início da humanidade, a sociedade machista e paternalista enxergava a mulher como propriedade, obrigando-as a se ocuparem apenas de afazeres domésticos, taxando aquelas que se atreviam a buscar outro tipo de atividade de forma pejorativa e discriminatória, subjugando-as e oprimindo-as.

Com as conquistas obtidas pelas mulheres ao longo das décadas, o que teve início com a revolução feminista e no movimento emancipatório, que juntamente com a descoberta de métodos contraceptivos permitiram uma nova concepção de família e transformando a sociedade antes patriarcal em igualitária, onde homens e mulheres tem os mesmos direitos e responsabilidades com a família, pois ao entrar no mercado de trabalho, a mulher passou a cobrar do homem que assumisse a responsabilidade dentro do lar, gerando uma mudança nos padrões pré estabelecidos e aumentando o nível de violência nas relações de gênero.

Na sociedade ocidental o homem é colocado em situação de poder sobre a mulher, que mesmo após a conquista de direitos ainda é tida como propriedade o

que motiva os diversos tipos de agressões contra mulheres podendo culminar no homicídio.

Devido ao alto índice de violência e homicídios contra a mulher, foram instituídas a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), considerada pela ONU uma das três Leis mais efetivas ao enfrentamento da violência contra mulheres do mundo, e mais recentemente a Lei do Femicídio (Lei 13.104 de 2015), que classifica como hediondo os homicídios contra a mulher tipificando-os.

2.2 Formas de violência contra a mulher

Segundo o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006 são formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Tipifica ainda as formas de violência como:

- Violência contra a mulher - é qualquer conduta - ação ou omissão - de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.
- Violência de gênero - violência sofrida pelo fato de se ser mulher, sem distinção de raça, classe social, religião, idade ou qualquer outra condição, produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.
- Violência doméstica - quando ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação.
- Violência familiar - violência que acontece dentro da família, ou seja, nas relações entre os membros da comunidade familiar, formada por vínculos de parentesco natural (pai, mãe, filha etc.) ou civil (marido, sogra, padrasto ou outros), por afinidade (por exemplo, o primo ou tio do marido) ou afetividade (amigo ou amiga que more na mesma casa).
- Violência física - ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa.
- Violência institucional - tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades.
- Violência intrafamiliar/violência doméstica - acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima. As agressões domésticas incluem: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono.
- Violência moral - ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.
- Violência patrimonial - ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.
- Violência psicológica - ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.
- Violência sexual - ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade

peçoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

2.2.1 Estatísticas

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado em agosto de 2018, foram 4.539 casos de homicídio contra mulher no ano passado contra 4.245 no período anterior, com aumento nos casos de Femicídio de 929 para 1.133 em todo o país, um aumento de 6,1% em relação a 2016 e 2017, com uma média nacional é de 183,7 casos para um grupo de 100 mil mulheres.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2013, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstra que as mulheres tendem a sofrer violência de pessoa conhecida.

No Brasil, a proporção de mulheres de 18 anos ou mais de idade que sofreram alguma violência ou agressão de pessoa conhecida nos 12 meses anteriores à data da entrevista foi de 3,1%, enquanto, entre os homens, a proporção foi de 1,8%. Já a proporção de pessoas que sofreram alguma agressão ou violência de pessoa desconhecida foi maior entre os homens que entre as mulheres.

Conforme aponta a pesquisa Violência doméstica e familiar contra a mulher – 2015, realizada pelo Instituto Data/Senado, do Senado Federal, quase uma em cada cinco mulheres já foi vítima de algum tipo de violência doméstica.

2.2.2 Femicídio

O crescente índice de violência corrobora para cada vez mais homicídios contra mulheres e segundo Aguiar e Paes (2018), o Femicídio pode ser classificado em três situações:

- Femicídio íntimo: quando há uma relação de afeto ou de parentesco entre a vítima e o agressor;
- Femicídio não íntimo: quando não há uma relação de afeto ou de parentesco entre a vítima e o agressor, mas o crime é caracterizado por haver violência ou abuso sexual;
- Femicídio por conexão: quando uma mulher, na tentativa de intervir, é morta por um homem que desejava assassinar outra mulher;

Para coibir os atos crescentes de crimes contra a mulher, foi sancionada a presente lei:

“O Femicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.” Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013)

O Femicídio é um ato covarde em que geralmente o agressor é uma figura de confiança que deveria proteger a vítima.

A lei do Femicídio tem gerado polemica no âmbito jurídico, pois segundo alguns juristas é falha quando tipifica todo o homicídio contra a mulher como Femicídio.

Cabe aqui esmiuçarmos o tema Homicídio Passional e diferenciá-lo do Femicídio.

2.2.3 Homicídio Passional

O Homicídio passional é o crime cometido sob intensa emoção, geralmente alicerçado no ciúme, na paixão e sentimento de posse, ocorrendo na maioria das vezes após a não aceitação de um termino de relacionamento.

Segundo Eluf (2007, pg.156):

“Certos homicídios são chamados “passionais”. O termo deriva de “paixão”, portanto crime cometido por paixão. Todo crime é de certa forma, passional, por resultar de uma paixão no sentido amplo do termo em linguagem jurídica, porém convencionou-se chamar de “passional” apenas os crimes cometidos em razão de relacionamento sexual ou amoroso.”

Ainda segundo Manzoni (2010), o homicídio passional é cometido quando existe a rejeição por alguma das partes e os sentimentos de egocentrismo, egoísmo, egolatria e ódio são despertados, a paixão se transforma em ódio, por ter sido rejeitado, e o ódio, cerceado pelo ciúme que provoca raiva e humilhação, leva ao homicídio.

A diferença principal entre o Femicídio e o Homicídio Passional é que no primeiro a motivação é somente ligada ao gênero, a vítima é morta somente por ser mulher, há somente a relação de dominação e ódio, apesar da lei tipificar a violência doméstica. O Homicídio Passional sempre é motivado por uma ligação afetiva, pelo

sentimento de rejeição após o rompimento de um relacionamento, pelo ciúme e pela paixão.

A seguir passaremos ao estudo da vitimologia, do perfil do Agressor

2.2.4 Vitimologia

Segundo Cruz (2015), entre 1980 e 2013 os quantitativos passaram de 1.353 homicídios para 4.762, um crescimento de 252,0%. Considerando o aumento da população feminina no período, o incremento das taxas foi de 111,1%.

Em relação ao gênero, em 2013 foram assassinadas 66,7% mais meninas e mulheres negras do que brancas.

Outro dado importante é em relação a baixa escolaridade, desempregadas ou em profissões não reconhecidas ou em fase de reconhecimento, como o de empregada doméstica.

O Homicídio é anunciado pois ocorre após vários tipos de violência doméstica, dentre elas a psicológica, a emocional e a física.

Segundo o perfil psicológico, as vítimas geralmente são dependentes, inseguras, tem baixa autoestima, e até podem desenvolver depressão dependendo do tipo e do tempo de violência doméstica ao que são submetidas, o que as levam a continuar ao lado dos agressores e não quebrar a ciclo de violência que são submetidas até culminar no homicídio.

2.3 Perfil do Agressor

O agressor, seja o autor do homicídio passional ou do Femicídio, tem características de personalidade muito parecidas.

Luiza Nagib Eluf (2007, p.198), relata que o agressor:

É homem, geralmente de meia idade, é egocêntrico, ciumento e considera a mulher um ser inferior que lhe deve obediência ao mesmo tempo em que a elegeu o “problema mais importante de sua vida”. Trata-se de pessoa de grande preocupação com sua imagem social e sua respeitabilidade de macho. Emocionalmente é imaturo e descontrolado, presa fácil da idéia fixa. Assimilou os conceitos da sociedade patriarcal de forma completa e sem crítica.

Segundo Neto (2018) pode-se elencar o ciúme como um dos fatores de maior impacto quando tratamos da violência de gênero.

Freud (1922, p.271) diz que, embora possamos chamá-lo de “normal”, o ciúme não é, em absoluto, completamente racional, isto é, derivado da situação real, proporcionado às circunstâncias reais e sob o controle do ego consciente; isso por achar-se profundamente enraizado no inconsciente, ser uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança e originar-se no Complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual.

Importante ressaltar que os sentimentos que predominam no agressor são o ódio, o ciúme, a vingança, o rancor, o egocentrismo, a autoafirmação, a prepotência, a intolerância, a preocupação com a imagem social e a necessidade de exercer o poder..

Nos estudos sobre os homicidas passionais, seu perfil psicológico aponta para indivíduos extremamente machistas, egoístas e acima de tudo narcisista.

Manzzon (2010), afirma que o homicida passional é narcísico e extremamente apaixonado por si mesmo, não admite o abandono por se considerar muito acima dos outros e geralmente tem um histórico de violência contra a mulher que se repete graças à impunidade, até chegar ao cometimento do homicídio.

“ Os homicidas passionais trazem em si uma vontade imensa de autoafirmação. O assassino não é amoroso, é cruel. Ele quer, acima de tudo, mostrar-se no comando do relacionamento e causa sofrimento a outrem. O assassino não vê limites e apenas se satisfaz com a morte do suposto traidor, os homicidas passionais padecem de amor obsessivo, de desejo doentio, engrandecimento de seu suposto ego, transformando o ser amado em ideia fixa, em única razão de existir”. ELUF (2007, P.117)

A maioria os agressores são pessoas de conduta ilibada perante a sociedade, e se acham no pleno direito de matar. Geralmente confessam o crime, pois para eles de nada adianta matar a mulher adúltera se a sociedade não souber que sua honra foi defendida, pois apesar da evolução cultural, ainda tem interiorizado valores machistas.

A questão de posse, de objetivação da mulher fica evidente, a mulher não é vista como um ser humano, mas como um objeto a ser usado pelo homem, que não aceita perde-la e prefere destruí-la.

Outro elemento importante nos motivadores da violência contra a mulher e do Femicídio é a Sexuação.

Segundo Plaza Pinto (2015), um dos pontos centrais da teoria de gênero consiste na dissociação entre o gênero e o sexo anatômico. Mais uma vez, este parece, à primeira vista, ser um ponto comum entre essa teoria e a psicanálise, já que a tese subjacente a tal concepção é a noção do corpo enquanto determinado pela linguagem, não apenas no sentido descritivo, mas pelo fato de que a linguagem molda a própria noção que temos do corpo, ela o constitui.

“O corpo não é um dado da natureza, por mais tentados que possamos ser de dar sentido à palavra natureza. Lacan o formula em O Aturdido: « É um efeito da arte ». Dito de outro modo, ele se fabrica com o discurso; produz-se o que ele mesmo chama « a raça dos homens », quase da mesma maneira que se produz o cachorro e o cavalo, que são raças que, ao longo do tempo, evoluem e se aperfeiçoam”. (PLAZA PINTO, 2015, p. 34).

Lacan faz uma releitura de textos de como Freud considera as diferenças sexuais, sobretudo em textos como “Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos (1925) ”.

“A diferença anatômica funcionaria como um dado bruto, cujo primeiro reconhecimento por si só não seria determinante, mas deflagraria o processo da sexuação cujo resultado seria a diferença simbólica, que estabelece uma dissimetria no que concerne ao desejo e ao gozo.” (FREUD, 1925).

Segundo Neto (2018), entende-se aqui que qualquer tipo de violência não existe de per si, nem é descolada de um determinado contexto histórico, social e cultural. O ato violento é sempre antecedido de condutas discriminatórias, as quais são praticadas com fundamento em julgamentos preconceituosos, que, por sua vez, são formulados nas mentalidades das pessoas em razão das ideologias em que estamos inseridos. Se alguém acredita, por exemplo, que mulheres dão causa a ataques sexuais por conta de um determinado comportamento (ideologia), julgará negativamente qualquer mulher que tenha um comportamento associado a esta ideologia (preconceito) e não a terá em seu círculo de relacionamentos pessoais ou deixará de contratá-la para uma atividade profissional (discriminação) ou até mesmo praticará um ataque sexual (violência) – e tudo pela motivação de gênero.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal diferença entre o Femicídio e o Homicídio Passional é que no primeiro o agressor mata somente pela questão de gênero (quando analisada ao pé da letra) e no Homicídio Passional o agressor mata pela perda do seu objeto de prazer, por ciúmes.

Após o estudo da Lei do Femicídio, e do Homicídio Passional, podemos concluir que o que antes era classificado como Homicídio Passional e, portanto, passível de atenuantes na aplicação da pena, devido a ser cometido sob forte emoção, hoje é uma tipificação do Femicídio, o que coloca o agressor no rol dos crimes hediondos e de uma condenação mais severa.

Alguns estudiosos do direito criticam a classificação dos crimes por ciúmes em Femicídio, por não o classificarem como crimes de gênero, mas se analisarmos a luz da Psicanálise entendemos que o gênero é ligado a representação do feminino, de uma forma diferente de gozo a que os homens não estão preparados para entender e, portanto, tem tanta dificuldade de amar.

Traçando o perfil da Vitimologia, constatamos entre 1980 e 2013 os quantitativos passaram de 1.353 homicídios para 4.762, um crescimento de 252,0%. Considerando o aumento da população feminina no período, o incremento das taxas foi de 111,1%.

Sobre o perfil psicológico, as vítimas geralmente são dependentes, inseguras, tem baixa escolaridade, tem baixa autoestima, e até podem desenvolver depressão dependendo do tipo e do tempo de violência doméstica ao que são submetidas, o que as levam a continuar ao lado dos agressores e não quebrar a ciclo de violência que são submetidas até culminar no homicídio.

O agressor é geralmente alguém que deveria protege-las, um companheiro, pai, padrasto, amigo...está em todas as classes sociais, é extremamente egoísta, narcísico, machista, e o homicídio geralmente ocorre após histórico de violências domésticas anteriores e está ligado a um sentimento de posse que vem à tona após um rompimento afetivo, não aceita ser preterido. (Ver exemplo de caso ocorrido em Marília em anexo).

A violência contra a mulher por ser atemporal e ligada muito mais a feminilidade da mulher, a uma forma única de gozo que envolve muito mais que

sexo, envolve ser e estar no mundo enquanto sujeito de direitos, portanto faz-se necessários mais estudos sobre vitimologia e motivações das diversas formas de violência contra mulheres a fim de aprimorar as leis e as políticas de prevenção e enfrentamento aos diversos crimes contra mulheres a fim de preservar vidas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, DE M.D; PAES, J. **A aplicação da lei do Femicídio e sua relação com o homicídio passional: um estudo da Lei 13.104/151.** Revista Eletrônica Jus Navegandi, maio de 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/66488/aplicacao-da-lei-do-Femicidio-e-sua-relacao-com-o-homicidio-passional-um-estudo-da-lei-13-104-151>. Acesso em: 10 out. 2018.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 09/08/2018. Disponível in: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2018/>. Acesso: 15 out. 2018.

Cresce o número de mulheres vítimas de homicídio no Brasil. Veja On Line, 09/08/2018. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/cresce-61-o-numero-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil/>. Acesso in: 10 out. 2018.

CONGRESSO NACIONAL. **Comissão Parlamentar de Inquérito: Relatório Final: Violência contra as Mulheres.** Institucional- Biblioteca Digital.07/2013.

CRUZ, DA ABS. R. **Qual é o perfil das mulheres vítimas de homicídio/Femicídio?** Justificando Revista Eletrônica. 27/11/2015. Disponível in: <http://www.justificando.com/2015/11/27/qual-e-o-perfil-das-mulheres-vitimas-de-homicidioFemicidio/>. Acesso em: 10 out. 2018.

ELUF, L.N. **A paixão no banco dos réus: casos passionais celebres de Pontes Vergueiro a Pimenta Neves.** 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

FERREIRA, S.D. **Mulheres em relacionamentos violentos, contribuições da Psicanálise.** Colegiado de Psicologia UNIME – Itabuna/BA. 2017. Disponível in: <http://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/21293/1/04%20-%20Mulheres%20em%20relacionamentos.pdf>. Acesso: 12 out. 2018.

FRANCESCO, W. **Uma verdade abandonada: nem toda mulher que morre é vítima de Femicídio.** Revista Eletrônica Jus Brasil, 2016. Disponível in: <https://wagnerfrancesco.jusbrasil.com.br/artigos/437272188/uma-verdade-abandonada-nem-toda-mulher-que-morre-e-vitima-de-Femicidio>. Acesso em: 10 out. 2018.

FREUD, S. **Alguns Mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo.** (1922. In: E.S.B., Rio de Janeiro: Imago, 1996).

FREUD, Sigmund. **O eu e o Id “Autobiografia” e outros textos [1923-1925]. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.** (1923). Companhia das Letras. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo, vol. 15.

GAIA, L.G. **Crimes Passionais.** In: Regrad- Revista de Graduação da Univem.Vol.1- Ano 2, 2009

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível in: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 15 out. 2108.

LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015. Disponível in: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em: 15 out. 2018.

MANZZON, A.C. **Homicídio Passional: Motivações prováveis para o crime.** 49 fls. 2010. Psicologia – Faef, Garça, 2010.

NETO, M.F.M.F. Do Crime de Honra ao Femicídio: Aspectos psicológicos, jurídicos e socioculturais na compreensão da violência contra a Mulher. **Psicologia Revista Eletrônica.** Abr/2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1192.pdf>. Acesso em 12 out. 2019.

PLAZA PINTO, J. **O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala.** Disponível em: www.campopsicanalitico.com.br. Acesso em: 05 de out 2015.

RIGUINI, D.R; MARCOS, M.C. Cinco Notas sobre o Femicídio a partir da Psicanálise. **Revista Subjetividades.** Ed. Especial: 1-12, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6174/pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

CONTEMPORANEIDADE E FORMAS RELACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA PÓS MODERNIDADE

PAVANI, Joyce Breda
FREITAS, Débora Elisa Parente

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa é entender como se dão as formas de relacionamentos na contemporaneidade, esclarecendo importantes conceitos sobre a afetividade. Pretende-se ainda, com base no referencial teórico da pesquisa explicar conceitos sobre as formas de relacionamento na modernidade e aferir quais foram as mudanças significativas e como elas se estruturaram a partir da idade moderna até os dias atuais. Como se dá a disposição afetiva dos sujeitos em suas relações? Quais foram os principais aspectos que influenciaram as relações amorosas na atualidade? Como se dá a manutenção das relações na modernidade e nos pós modernidade? Pretende-se apresentar também o conceito sobre o que é o amor e como as relações lidam com seu conceito dentro das relações afetivas e amorosas.

Palavras chave: Formas de relacionamento; Contemporaneidade; Relações Afetivas.

ABSTRACT

The main objective of this research is to understand how the forms of relationships in contemporary life are given, clarifying important concepts about affectivity. It is also intended, based on the theoretical reference of the research, to explain concepts about the forms of relationship in modernity and to assess what were the significant changes and how they were structured from the modern age to the present day. How does the affective disposition of the subjects in their relationships occur? What were the main aspects that influenced love relationships today? How is the maintenance of relations in modernity and post modernity? It is also intended to present the concept of what love is and how relationships deal with their concept within affective and loving relationships.

Keywords: Ways of relationship; Contemporaneity; Affective Relationships.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca a compreensão das formas relacionais na atualidade de maneira a elucidar importantes conceitos relacionados à afetividade. Estudiosos têm abordado a respeito de novas formas de se relacionar, como por exemplo, a disposição afetiva humana ou até mesmo a ocorrência da troca frequente de parceiros nos relacionamentos contemporâneos.

As relações amorosas da atualidade, se comparados aos relacionamentos do final do século XIX, assumem diferentes aspectos. Vários formatos influenciaram

essas mudanças percebidas então na atualidade. Nesse contexto, questiona-se o que é o amor? Essa interrogação varia conforme a cultura, vivência, percepção e contexto que cada indivíduo tem desse sentimento (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

Conforme Rosset (2004) o amor não tem um único significado, ele se define de acordo com a subjetividade de quem o vivencia, ainda que existam no amor diversas concepções, a sua maioria é revestida de ilusões romantizadas e idealizações que são as expectativas que dizem respeito ao outro.

Bauman (2004) discute em seus estudos a respeito de uma forte transformação sobre o amor, sendo que nos tempos modernos, alterou-se de um estado sólido para o líquido. Evidencia-se, então, o conceito do “líquido mundo moderno”. O amor líquido, segundo o autor, que faz uma reflexão sobre o cotidiano do homem moderno, ressalta “a fragilidade dos laços humanos” e deverá ser abordado neste estudo.

Segundo Ferry (2007) atualmente as uniões são amparadas apenas no amor. Como não há uma nova ordem que se estabeleça, se o amor se findar, acaba-se o relacionamento. Assim, abre-se um espaço para que outro amor se instale, justificando então a grande troca de parceiros nos relacionamentos mais jovens.

Rosset (2004) ao discorrer a respeito do amor e paixão, descreve que a paixão é a idealização do parceiro. No início do relacionamento os parceiros mostram apenas o lado bom que existe em si e com o passar do tempo, através da afinidade, intimidade adquirida entre ambos, os parceiros passam a mostrar realmente quem são e é notável que ambos não têm apenas coisas boas a oferecer. O tempo da paixão varia para cada tipo de relacionamento, depende muito das formas em que os indivíduos se relacionam da maneira de cada um aceitar as qualidades e defeitos do parceiro. No amor é querer bem, é apreciar, valorizar, respeitar, conceder espaço e mimar. Envolve confiança, amizade, cumplicidade, ternura, compaixão e delicadeza. Entretanto, embora o amor não seja uma tarefa fácil, ele tem que ser uma conquista diária e com isso ele passa a ser uma fonte de prazer e bem-estar para o indivíduo.

Existe uma grande divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Na literatura encontra-se, eventualmente, a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento, aparentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das

vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (TASSONI, 2000).

Sobre os padrões de casais existentes, Rosset (2004) informa que a partir do momento em que o indivíduo firma um relacionamento, os parceiros aos poucos vão estruturando uma maneira funcional de casal. A maneira funcional do casal é a forma que ambos usam para lidar com situações do dia a dia, situações da vida e situações relacionais. Conseguir se perceber como indivíduo e como casal ajuda a minimizar problemas que o casal possa ter, pois possibilita notar os riscos e as dificuldades que o casal poderá enfrentar e com isso, ajuda-los na prevenção. No processo de casal, em um relacionamento, as dificuldades serão presentes constantemente e para que haja um entrosamento entre os relacionados há a necessidade de vivenciar e superar diariamente. O contato com as dificuldades pessoais de um e do outro traz para o relacionamento uma dosagem de aprendizado e superação no desenvolvimento do casal. Ser um passivo em um relacionamento fica sujeito a mudanças e aceitação do ativo. A autoconsciência é o ato de se autoconhecer e conhecer seus pontos positivos e das suas competências, agregando e proporcionando o enriquecimento da relação de forma fácil e agradável. Aprimorar-se com o que há de pior do outro é aprender com as falhas do parceiro, possibilitando a superação tanto individual como de um casal, ingerindo a um amadurecimento e respeito entre a relação e o indivíduo. Respeitar e conhecer os aspectos do outro que lhe incomoda é um ingrediente básico para a conservação do relacionamento.

Este estudo teve como objetivo compreender as diferentes visões e contribuições a respeito das relações afetivas e formas relacionais busca elucidar de maneira teórica e a partir de um levantamento bibliográfico, importantes contribuições a respeito da maneira de se relacionar e o afeto na sua evolução e na contemporaneidade.

2 AFETIVIDADE E MANEIRAS RELACIONAIS

Wallon (1968) considerou a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento humano. O teórico traz importantes contribuições a respeito das emoções e da afetividade ao identificar as primeiras manifestações afetivas do ser humano, suas características e a grande complexidade que sofrem no decorrer do desenvolvimento, assim como suas múltiplas relações com outras atividades psíquicas. A afetividade, segundo o autor, abrange sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade estrutura-se durante o desenvolvimento da criança, quando surgem os elementos simbólicos, e é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos.

Na filosofia, o afeto é entendido como emoções positivas que se referem a pessoas e que não tem o caráter dominante da paixão. As emoções podem se referir a pessoas e objetos e os afetos são emoções acompanhadas de relações interpessoais, cuja fica excluída o domínio pela paixão. Daí o tempo contribui para a forma afetuosa, como, a benevolência, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc (CORRÊA, 2005).

Segundo os autores Rodrigues e Chalhub (2009) a possibilidade de vinculação está relacionada diretamente a um sistema comportamental, que visa obter segurança pessoal semelhante as suas origens da infância. As crianças que tem um maior vínculo afetivo e relação emocional segura com a mãe, pode ter danos significativos com a separação desta, e isso poderia ser um fator que contribui para o surgimento de problemas amorosos no futuro.

Entende-se que, o sentimento de segurança é influenciado pela maneira que o indivíduo recebe e internaliza o afeto parental. Estudos investigaram os efeitos nocivos que acarretavam a separação de crianças pequenas de suas mães, depois de um vínculo afetivo forte e notou-se que a separação de ambos poderia ser um fator de problemas amorosos no futuro da criança, pois a criança teria prejuízos com a separação (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

A experiência que o indivíduo vivencia, principalmente na infância, interfere na competência de construir e manter relações interpessoais e segurança pessoal e acaba influenciando na construção da personalidade do indivíduo. O indivíduo seguro desenvolve uma relação mais segura pelo fato de não ter encontrado

maiores dificuldades em se relacionar na infância e isso faz com que o mesmo se sinta confortável ao interagir. O indivíduo inseguro fica mais à vontade para realizar as tarefas quando não tem pessoas por perto, pois assim, pode se sentir mais seguro e efetuar o trabalho com mais êxito. Já os indivíduos ambivalentes como não tiveram estabilidade emocional vinda de seus parentescos, eles tendem a dirigir a atenção para outras pessoas e mantêm o nível de autoestima mais rebaixado e podem tornar-se mais propensos a criar dependência em relacionamentos futuros (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

Estudos elucidam que o indivíduo depois de adulto procura se relacionar para suprir o afeto e proteção vivida na infância e conseqüentemente vê o parceiro como aquele (a) que pode garantir a sobrevivência e minimizar o medo da solidão. Conforme Rodrigues e Chalhub (2009) não somente as crianças, mas também quando adultos, a pessoa amada é vista como “mais forte e sábia” e como quem pode garantir a sobrevivência e proteção do indivíduo podendo suavizar o medo da solidão que foi se padronizando na construção de quando criança. O amor que mantém os adultos ligados pode ser um processo de apego que tem a necessidade de proteção e o cuidar do outro.

Estudiosos discutem o quanto os adultos iniciam uma relação conjugal pela necessidade de sentir-se amado, amparado e consolado. Ademais, apontam que a maneira de vivenciar essa afetividade é baseada nas experiências adquiridas na infância, podendo o afeto então, sofrer influências das primeiras relações parentais e sociais.

3 AMOR LÍQUIDO E RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

No atual século XXI, Bauman (2004) nos diz que vivemos em uma era de “modernidade líquida”, os indivíduos querem relacionamentos efêmeros e ao mesmo tempo de alta intensidade, descartando a construção de relacionamentos duradouros.

Segundo Bauman (2004) o relacionamento a longo prazo pode ser uma armadilha, pois ao se comprometer, embora seja sem entusiasmo, possivelmente estará deixando outras possibilidades de relacionamento passar, talvez mais completas e satisfatórias. As promessas a longo prazo são irrelevantes, pois não há

exigência de compromisso, o intuito é usufruir do momento e manter as portas abertas para novas experiências de relacionamentos.

Nota-se que vivemos em tempo de liquidez, os relacionamentos estão cada vez mais frágeis e desinteressantes, o ficar é mais fácil e mais prazeroso do que assumir um relacionamento duradouro que nem sempre vai oferecer prazer e satisfação. A troca do parceiro proporciona experiências e prazeres diferentes e quando a satisfação não é total, o melhor a se fazer é descartar o parceiro ao invés tentar concertar o que não está mais proporcionando prazer.

De acordo com o Bauman (2004), o “amor líquido” tem sua justificativa, o consumismo, dá aos indivíduos a ideia de que as coisas têm que ser trocadas constantemente e em curto prazo, pois haverá melhores opções a ser adquirida e usufruída momentaneamente.

Segundo Bauman (2004, p.21):

E assim numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas quase deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem não há amor.

Ou seja, é mais fácil a troca de parceiros do que assumir um relacionamento duradouro, pois amar não é uma tarefa fácil, já os parceiros de relacionamento efêmeros estão disponíveis para satisfazer seus desejos instantâneos.

Bauman (2004) relata que, na construção do “amor líquido” o indivíduo busca a satisfação e o divertimento com o outro sem fronteiras, cujo objetivo seria aproveitar o presente. Portanto não há necessidade de se preocupar com o passado e o futuro da relação, já que o presente é vivido sem limites. O compromisso com o outro, seja no namoro como no projeto de vida, não tem uma boa perspectiva, porque o mesmo limita a liberdade individual.

Vivemos em uma sociedade individualizada marcada pelo consumismo, desigualdade e principalmente fragilizada pelos laços humanos. A transição ocorrida no século XX conhecida como sociedade de consumo, colocou suas ideologias e mercado, em evidência na nossa cultura. Os relacionamentos, inclusive sofreram as

influências da cultura de mercado. O contato presencial foi substituído pelo conceito de network, as redes de contato (MASSON, 2016).

Outra influência sofrida pelo relacionamento é a mercantilização dos relacionamentos. Os relacionamentos passam a ser considerados como investimento, espera-se da relação um benefício como retorno. Quando o relacionamento exige alto investimento e retorna pouco, é facilmente descartado. Quando percebido o prejuízo daquela relação, ambos podem escolher por abandonar o vínculo (MASSON, 2016).

Novas formas de se relacionar se opõem as antigas, segundo as autoras Moreira e Moucci (2012) a família patriarcal, vivida no século XIX era exercida pelo poder dos homens, todos os membros da família eram subordinados ao arbítrio do patriarca: os genros, os escravos, os afilhados e os agregados. As mulheres só poderiam assumir o poder patriarcal na ausência do homem. Os casamentos no contexto patriarcal não davam espaço para o romantismo, a escolha do cônjuge era de acordo com os patriarcas envolvidos da família, pois era uma decisão muito importante para ser feito sozinho. Foi com o fim da escravidão que houve uma queda da família patriarcal, já que era uma família com características do ambiente rural, tendia ao desaparecimento a medida que a urbanização criava novas formas de convivência.

Ainda segundo as autoras Moreira e Moucci (2012) em meados do século XX, os padrões de família constituíam-se em casal e seus progenitores, onde no início do século XX se difunde perante a burguesia nacional, percorrendo um longo caminho onde se permanece o modelo predominante na sociedade como um todo. Em meados de 1916 o homem é considerado o chefe da família trazendo consigo o poder sobre a mulher e seus filhos, a mulher, portanto fica ao posto de subordinada ao homem, sendo legalmente considerada parcialmente capaz de tomar decisão, não obtendo autonomia sobre se quer a própria vida. Para o exercício de uma profissão, cabe decisão do marido ou pai conceder, exceto profissões como, professora, enfermeira, telefonista. No ano de 1967 entra em vigor o “Estatuto da Mulher Casada”, fazendo com que a mulher não tenha mais a necessidade da autorização, constituindo uma igualdade conjugal. A relação conjugal era pontualmente marcada por respeito e não pela sensualidade e prazer, colocando uma barreira natural contra a infidelidade e doenças venéreas.

No século XXI denominado como família pós-moderna, ambos os sexos passam a ter os mesmos direitos e o poder exercido pelo homem é rompido. O homem pode ser dono de casa, a mulher pode ser chefe de família, pai e mãe solteiros, casais homossexuais, casais sem filhos por opção e outras evoluções. O casamento deixa de ter um comprometimento e passa a ser solúvel (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

Há uma grande diferença do modelo familiar nos séculos transcorridos. Do século XIX ao século XXI houveram grandes evoluções nos direitos exercidos pelas mulheres. As mulheres que eram submissas aos homens e não tinham o direito de trabalhar e sim apenas ficar cuidando da casa, filhos e marido, atualmente tem o livre arbítrio em tomar decisões, de trabalhar, casar e até optar por não ter filhos.

Estudos mostram que, as pessoas com baixa autoestima têm mais dificuldades em se relacionar. Quando vivenciam relações afetivas mais próximas, essas pessoas tendem a se queixar da vida e fazem cobranças de afeto, respeito e consideração, induzindo que as pessoas a sua volta não as valorizam. Esse tipo de comportamento incomoda quem está por perto, pelo fato de sentir-se incapaz de agradar o outro (SILVA; MARINHO, 2008).

As pessoas com baixa autoestima são carentes de afeto e essa carência geralmente é decorrente do afeto que os pais proporcionaram ao indivíduo quando criança. Muito provavelmente esse indivíduo foi desprovido de afeto e com isso sente-se desprotegido. E para que o indivíduo se sinta protegido, ele vai em busca do outro pois o mesmo encontra-se numa condição de fragilidade (SILVA; MARINHO, 2008).

A baixa autoestima pode gerar sentimentos de inferioridade, podendo surgir angústia ao se posicionar frente ao outro. Este estado pode gerar sentimentos de incapacidade, sendo prejudicial às habilidades de socialização do indivíduo, levando ao estado de isolamento. Frente a isto, puderam-se perceber mudanças na maneira de se relacionar no século presente. Atualmente as relações acontecem para satisfazer o prazer e o desejo imediato, visto que posteriormente o indivíduo deverá buscar novos parceiros e novas experiências. Estabelecer um relacionamento duradouro seria então uma ameaça, pois estaria comprometendo a liberdade do indivíduo e impedindo que o mesmo viva novas experiências relacionais ou até mesmo conheça novos parceiros.

4 CONCLUSÃO

Perante as contribuições elucidadas em diversos estudos, compreendeu-se que atualmente os relacionamentos estão “descartáveis” e se alteraram, comparativamente, de um estado sólido para líquido. Os laços humanos estão fragilizados e os indivíduos estão preocupados em satisfazer seus prazeres momentâneos e vivenciar experiências diferentes com pessoas diferentes. Quando esses prazeres não são mais satisfeitos, o indivíduo vai em busca de alguém que proporcione bons momentos e prazer e, com isso, torna-se um ciclo vicioso de troca de parceiros em busca de satisfação pessoal. O compromisso com o outro, seja no projeto de vida ou relacionamento duradouro é encarado como uma ameaça, pois poderá ferir a liberdade individual.

Estudos têm apontado que, muitas pessoas adultas vão a busca de um parceiro pela necessidade de sentirem-se amadas, de forma a preencher o vazio existente dentro delas. O parceiro passa a ser um alicerce, uma segurança de que o indivíduo não estará só. E a maneira de vivenciar esse afeto pode estar relacionada às suas bases da infância, através das relações afetivas vivenciadas nesta fase.

Entretanto, vivemos em uma sociedade regida pelo consumismo e fragilidade dos laços humanos. O relacionamento é visto como forma de investimento, espera-se da relação um retorno benéfico e quando é exigido muito dessa relação a mesma é facilmente descartada.

Novas formas de se relacionar se opõem às antigas, a transição do século XIX até o século atual tem uma grande ênfase na mudança da forma relacional. No século XIX a mulher era submissa ao seu patriarca, ou seja, o pai ou a figura masculina da casa era quem escolhia seu parceiro e a relação, muitas vezes, não era mantida pelo afeto e sim pela submissão do sexo masculino. Em meados do século XX, a partir do ano de 1967 a lei “Estatuto da Mulher Casada” entra em vigor e a mulher passa a vivenciar um novo modelo de submissão do seu cônjuge, assim, é constituído uma igualdade conjugal marcada pelo respeito. Atualmente ambos os sexos passam a ter o mesmo direito, a mulher ganha autonomia e independência e pode fazer suas próprias escolhas.

Houve grandes evoluções nos séculos transcorridos, atualmente percebe-se a mulher com posturas mais independentes, realizando suas próprias escolhas, entre elas, escolhas de se casar, ter filhos, trabalhar ou ser mãe independente.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2004.

BOWLBY, John, 1907 -. **Apego e Perda. A natureza do vínculo, a trilogia do apego**. V. 1. Tradução de Álvaro Cabral. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORRÊA, Carlos Pinto. **O Afeto no Tempo**. Estudos de Psicanálise: Rio de Janeiro n. 28, p. 61-68. Setembro 2005.

COSTA, Elis Regina; MELLO, Magda Medianeira. **DESDOBRAMENTOS DO DESAMPARO NA CONTEMPORANEIDADE**. O portal dos Psicólogos, 22/01/2017.

DA SILVA, Antônio Isidro; MARINHO, Geison Isidro. **Auto-estima e relações afetivas**. Universitas: Ciências da Saúde, v. 1, n. 2, p. 229-237, 2008.

FERRY, Luc. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MASSON, Andrey Caetano. **A fragilidade dos laços humanos e a construção de vínculos religiosos na cibercultura**: um diálogo entre os fenômenos da modernidade líquida e ciber- religião. Centro universitário Adventista de São Paulo – EC, SP, 18/08/2016.

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira; MEUCCI, Simone. **História do Brasil: sociedade e cultura**. Ed. Intersaberes, 2012.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Masculino e feminino na família contemporânea**. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004.

RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. **Amor com dependência**: um olhar sobre a teoria do apego. O portal dos Psicólogos, 02/01/2017.

ROSSET, Solange Maria. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Editora Sol, 2004.

SMEHA, Luciane Najar; OLIVEIRA, Micheli Vieira. **Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens**. Psicologia: teoria e prática, v. 15, n. 2, 2013.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno.** Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

WALLON, Henri. (1968). **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70.

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS – ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO TERCEIRO SETOR

NARDELLI, Mariana Barbosa
BARACAT, Juliana

RESUMO

O crescimento acerca do terceiro setor no século XX já é visto como algo universal, organizações voluntárias sem fins lucrativos, formando as ações de iniciativas privadas, com origens e conceitos de variadas formas, mas unidos em um único objetivo, todos os movimentos que abordam esse novo âmbito da sociedade, com o intuito de pacificar a questão social. A situação que se encontram essas organizações é muitas vezes precárias e sem incentivos. A inserção da psicologia no cenário brasileiro, se deu como forma de controle, se desenvolvendo mais no campo da medicina e da educação, a psicologia precisa melhorar mais sua atuação no cenário social brasileiro que possui muitas condições desiguais. A atuação do psicólogo nesse setor necessita ter um bom embasamento teórico para atuar de forma coerente e em consonância com o segmento do setor, para que possa desenvolver um bom trabalho.

Palavras chave: inserção, psicólogo, social, terceiro setor.

ABSTRACT

The growth of the third sector in the twentieth century is already seen as universal, voluntary non-profit organizations, forming the actions of private initiatives, with origins and concepts of various forms, but united in a single objective, all the movements that approach this new scope of society, in order to pacify the social issue. The situation of these organizations is often precarious and without incentives. The insertion of psychology in the Brazilian scenario, as a form of control, developing more in the field of medicine and education, psychology needs to improve its performance in the Brazilian social scene that has many unequal conditions. The performance of the psychologist in this sector needs to have a good theoretical basis to act in a coherent way in line with the sector segment, so that it can develop a good job.

Keywords: psychologist, social, third sector.

1 INTRODUÇÃO

O terceiro setor vem crescendo e tendo um papel de grande relevância em meio a intervenção na sociedade. Ao se falar de terceiro setor, deve-se primeiramente ter um olhar acerca das ciências sociais, que vai muito além de apenas montar e gerir uma organização e sim ter uma visão sob um panorama da economia, sociologia, ciência política e por fim psicologia social. A responsabilidade

social está envolta em inúmeras mudanças e transformações no cenário social brasileiro. (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009)

A desigualdade de renda, a falta de empregabilidade, o crescimento da violência, condições precárias a diversos setores como a educação e a saúde. O setor referenciado, por meio de junções com diversos segmentos da sociedade, tem como intento a diminuição da pobreza e da exclusão social que aumenta cada vez mais no país. Deve-se olhar mais para esse setor, aumentar os estudos em torno desse assunto. Mesmo tendo a visão de esse ser um campo novo, mas que está crescendo rapidamente. Tendo como regime político, o liberal democrático. (PAIVA; YAMAMOTO, 2008)

Como um novo perfil, as ações institucionais eram resguardadas pela ética de administração, sendo guiadas por administradores com qualificações, com planejamento, desenvolvimento, com ações e programas que se enquadrem nos recursos a eles disponibilizados. Deve-se também ter em mente que são empresas do terceiro setor, são sociedades sem fins lucrativos. (PAIVA; YAMAMOTO, 2008)

Neste novo contexto, vai se encaixando o papel do psicólogo, começa-se a ter uma dimensão do papel social desta profissão, surgindo assim, as indagações. Assim a psicologia precisa ainda se definir neste meio, pois vive em uma realidade muitas vezes inexistente, necessitando atuar em algo mais adequado ao contexto atual, identificando seus limites. (PAIVA; YAMAMOTO, 2008)

Mesmo a psicologia sendo vinculada a questões sociais, na sociedade brasileira, começa a se questionar, qual o real compromisso da psicologia social. A psicologia começa a se voltar para as elites, sendo construída como uma ciência e uma profissão para o controle, a categorização e a diferenciação, mas as contribuições para a desigualdade na sociedade são poucas, sendo considerado o lucro e a reprodução de capital. (BOCK, 2003)

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O terceiro Setor

Este artigo aborda a atuação do psicólogo no terceiro setor, neste sentido é muito importante compreender o que venha a ser o terceiro setor. Como afirma Coelho (2000), Terceiro Setor é toda atividade não-governamental e sem fins

lucrativos, desenvolvido fora do setor “Estado”, chamado primeiro setor, e fora do âmbito empresarial, chamado segundo setor. São também chamadas de Organizações Não-Governamentais – ONGS, e seu maior desafio é estabelecer um diálogo com os outros dois setores, criando parcerias, mas de forma independente (TENÓRIO, 2000).

Quando se pensa em criar uma instituição do Terceiro Setor, ou organização não-governamental como também é chamada, é necessário que aja um processo de criação, implantação e manutenção, este exigirá atenção e dedicação a cada etapa estabelecida.

Na fase de criação é necessário pensar em um “esboço” a ser formatado e colocado em prática; nesse momento o importante pode ser pensar na função e na utilidade de tal organização para a cultura, para a sociedade e para o sistema ao qual ela estará vinculada, ou seja, qual sua missão. Também nessa fase cabe a busca do valor de atuação, que será definido como a abrangência a um grupo específico, a uma localidade ou a determinada situação problema (LADIM, 1988).

Dentre a relação conturbada no Brasil, entre o estado e a sociedade, tem sido evidenciado pelo patrimonialismo, a utilização de serviços que são pertencentes ao domínio público, (casos de corrupção), pelo autoritarismo (estado onde não se existe a democracia), e um das vertentes que mais assola o país, o elevado desnível social, a falta de oportunidade que alguns cidadãos tem em se beneficiar com seus direitos. Aspectos como esse que define o perfil da sociedade brasileira, bem como a cultura e a política. Relações como público e privado, o cidadão e a sociedade onde vivem, espelham a necessidade de um intervenção social, necessidade de movimentos sociais e da inserção do segmento do terceiro setor na sociedade. (PUC RIO).

De acordo com Violante (2013) o ponto de vista psicanalítico, não existe a possibilidade de se fazer uma separação, colocando a família e o indivíduo de um lado e a sociedade de outro, já que o sujeito se desenvolve primeiramente no seio da família e a família constitui-se como sociedade inclusiva. Ainda segundo a autora, a sociedade brasileira está organizada de uma maneira que não tem o que se oferecer aos novos indivíduos. A própria estrutura exclui o indivíduo se ele não se enquadra nos padrões estabelecidos, a culpa do fracasso é voltado para ele mesmo.

No Brasil, entre o fim da década de 80 e início de década de 90, inicia-se a reforma do estado, nesse processo surge o termo terceiro setor, para denominar o conjunto de entidades de sociedade civil sem fins lucrativos, juntamente com o primeiro setor, que é o Estado e o segundo setor que é o mercado. (LEITE, 2003). Pode-se notar em informações em PUC-Rio, dizendo que nesta mesma época instala-se novo cenário social, novos movimentos, neste segmento da sociedade, sendo estabelecidas novas relações e novos desafios.

A diferença entre o primeiro setor e o terceiro é que composto por entidades mas são privadas e a diferença com o segundo setor é que essas entidades não visam lucro. As Santas Casas de Misericórdia são exemplos de obras sociais, que iniciaram seus trabalhos antes do surgimento deste termo. Nos anos 70, iniciaram as ações não governamentais, que são as ONGs, mesmo sendo de um princípio diferente das instituições não governamentais tradicionais, elas se uniram para trazer uma realidade mais intensa e constante.

“As organizações da sociedade civil sem fins lucrativos tiveram quase sempre papel marginal, vistas ou como forma de assistencialismo e caridade, associada sobretudo à religião, ou como forma de movimento político, associada a ONGs, ou ainda, de defesa de interesses corporativos, relacionadas a sindicatos e associações”. (LEITE, 2003).

O fato dos serviços públicos serem cada vez mais insatisfatório a demanda existente, essas organizações surgem com o intuito de demonstrar o valor da responsabilidade social, nas condutas ineficientes de atendimento que o Estado dá aos “excluídos”, o autor ainda salienta que as pessoas tem papel de suma importância no desenvolvimento social. (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009) Segundo Leite, (2003), o terceiro setor surge com uma grande expectativa, a renovação do espaço público, o resgate da solidariedade e da cidadania. Já Galegare e Silva Junior, (2009) evidenciam que nos anos 90, esse setor, vem como um recente e grandiosa promessa: “a renovação do espaço público, o resgate da solidariedade e da cidadania, a humanização do capitalismo e, na medida do possível, a superação da pobreza.” No pequenos gestos pode-se ver essa nova realidade, como o voluntariado e a filantropia, com uma visão corporativa, relevando fatores como desigualdade das classes sociais

As organizações que atuam nesse cenário, vivem em condições precárias, vivem em meio a uma instabilidade, sem saber se poderão continuar a atuar,

vivendo com a necessidade de conseguir fundos para dar continuidade em seus projetos. (PAIVA; YAMAMOTO, 2008)

No Brasil o processo de chegada do terceiro setor se deu por volta dos anos 90, o processo de de fora para dentro, financiadas por instituições que não eram de origem brasileira, com incentivo do Banco Mundial, solicitava ao governo a estabelecer e desenvolver relações com as ONGs com o intuito de incentiva-las. O terceiro setor se fixou através de uma reforma de governo, na gestão de Fernando Henrique Cardoso, chamado de Plano Diretor de Reforma do Estado, de responsabilidade do Ministério da Administração e Reforma do Estado (MARE), coordenado pelo ministro Luis Carlos Bresser Pereira, o conceito era de que a administração pública era muito burocrática e em virtude disso propõe o conceito de 'administração pública gerencial', pautada pela eficiência e qualidade, descentralizada e com foco no cidadão. (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009)

No caso brasileiro, tivemos algumas adequações, entre elas a Lei 9.790/99 (Ferrarezi, 2002) – conhecida como lei do Terceiro Setor –, que qualifica as entidades sem fins lucrativos perante o Poder Público como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e “introduz uma nova concepção de esfera pública social, que possibilita firmar parcerias entre Estado e sociedade civil sobre novas bases mais condizentes com as atuais exigências de publicitação e eficiência das ações sociais.” (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009).

Em 1997 inicia-se o marco legal do terceiro setor no país, por meio de muitas reuniões, com o Conselho de comunidade solidária, verificando as primeiras dificuldades, no ano seguinte enviou-se um projeto de lei, delimitando sobre as instituições de pessoas jurídicas sem fins lucrativos, passando a serem Organizações da sociedade civil de interesse pública – OSCI, sancionada em 1999 como lei nº 9.790/99, buscando um novo olhar para essas instituições pautadas pela ética, trabalhando com profissionais remunerados desenvolvendo ações e planejamentos. (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009)

São organizações de direito privado, dentre as instituições que formam este cenário, observa-se, como Organizações Não-Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), Fundações, Instituições Filantrópicas, Associações, dentre outras. (PAIVA e YAMAMOTO, 2008) Todas as instituições estão associadas a um mesmo ideal, com o objetivo de

viabilizar o Brasil, o terceiro setor nasce de iniciativas de ações privadas e governamentais, visando um novo conceito de filantropia. (GALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009)

Algumas divisões do setor:

- 1) empreendimentos de mão-de-obra do Terceiro Setor;
- 2) cidadania empresarial e fundações empresariais;
- 3) ONGs e movimentos sociais;
- 4) para-estatais;
- 5) igreja e instituições religiosas;

Essas instituições são organizações privadas, que presta serviços ao setor público, são instituições com variados objetivos, formas de organização, modo de atuação, compromisso, forma administração, metodologia e planejamento, diferenciado. (PUC RIO).

2.2 A psicologia – atuação no terceiro setor

A psicologia começa a se desenvolver no campo da medicina e educação. Com o crescimento sem infraestrutura, começam a aparecer doenças, miséria, prostituição e loucura. As ideias da psicologia no século XIX, buscavam uma higienização moral da sociedade, a educação buscava práticas disciplinares e moralistas, colocava o indivíduo como eixo da construção, fazendo da escola, laboratórios. Já na medicina falava-se de degeneração de raças e a imoralidade que este fato causava a sociedade. As guerras, fizeram com que fosse desenvolvido os testes psicológicos, fazendo com que a psicologia se regulamentasse e se tornasse um profissão reconhecida. Mediante a esses fatores, a psicologia surge na sociedade moderna, como uma profissão conservadora, sendo algo corretivo, instalados apenas quando desvios e patologias sejam manifestados, não como algo preventivo, fazendo assim, com que a psicologia se afaste de um projeto, de construção social. (BOCK, 2003)

A profissão de psicólogo é consideravelmente algo recente quando comparada com outras profissões, e mesmo assim, por inúmeras vezes o psicólogo fora considerado um agente da classe elitista.

Paralelo ao desenvolvimento do campo psicológico, o país assistiu um declínio social causada pelas crises decorrentes, períodos de recessão, economia

fragilizada pela alta taxa de juros, tudo isso sendo gerador de um pujante desequilíbrio social. Essas mudanças fazem nascer um fenômeno social interessante, a sociedade civil começa a se engajar e se responsabilizar pelo seu meio. Segundo (YAMAMOTO, 2007), a responsabilidade pelas sequelas da "questão social" no projeto neoliberal deixa de ser do Estado – ou ao menos, exclusividade do Estado – sendo dividida com dois outros "setores": o mercado (privatização) e a sociedade civil (ação solidária, filantrópica, voluntária).

Conforme pesquisa realizada pelo conselho federal de psicologia, o Brasil possui cerca de 147 mil psicólogos, deste número 86,3% tem possui emprego na área, nota-se que a maior área onde a profissão exerce um domínio maior é na educação, saúde e serviços sociais, a atuação de psicólogos por área de atuação demonstrada no gráfico abaixo. (CFP, 2016)

Tabela 1 - Relação de distribuição e estimativa de números dos psicólogos desenvolvendo suas tarefas com com ensino superior, segundo número de trabalhos Brasil - 2014

Setor de atividade	Psicólogos (as)		Ocupados(as) com ensino superior	
	Em número	Em %	Em número	Em %
Indústria de transformação	(1)	(1)	1.157.454	8,2
Comércio e reparação	(1)	(1)	1.470.557	10,5
Transporte, armazenagem e comunicação	(2)	(2)	434.115	3,1
Administração pública	26.470	18,0	1.715.240	12,2
Educação, saúde e serviços sociais	109.742	74,8	4.903.315	34,9
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	(1)	(1)	594.016	4,2
Outras atividades	(1)	(1)	2.803.482	19,9
Total	146.721	100,0	14.060.741	100,0

Elaboração: DIEESE - Contrato de Prestação de Serviços DIEESE – Conselho Federal de Psicologia

De acordo com Bock, (2003) mesmo os dados demonstrando que a atuação do psicólogo na área da educação, saúde e serviços sociais são em maior número, muitos ainda atuando em consultórios particulares, o atendimento privado torna-se um serviço inacessível para as pessoas carentes do país. E a inserção do psicólogo social é pequena, em vista do potencial humano e técnico. "... o que define uma atuação abrangente é o quanto a atuação reflete o potencial da utilidade e de contribuição da profissão na sociedade." A psicologia encontra-se afastada da construção de um projeto de transformação social, pois adota um visão naturalizante do homem, fazendo com que a psicologia não tivesse um posição social pautada. O surgimento da psicologia comunitária serviu para um avanço neste sentido, fazendo

com que a profissão tivesse um olhar social como princípio da ciência e da psicologia. (BOCK, 2003)

Mediante pontos levantados historicamente em relação a atuação e desenvolvimento da profissão do psicólogo, como referência os autores Paiva E Yamamoto, 2008, pode-se indagar os seguintes levantamentos; será que os ideais da psicologia estão dentro da realidade. Na realidade das ciências sociais, não existe um embasamento crítico suficiente, para entender suas possibilidades e campos existente de atuação, independente da instância social de atuação, em um sistema fragmentado do terceiro setor, a forma de atuação é encoberta por preceitos filantrópicos e políticos. Não se trata que a profissão se conformou com a forma de atuação da área, “uma psicologia comprometida com o social não precisa se prover de escudos e espadas, na postura cavalheiresca de querer “salvar o mundo”, mas precisa rever seu contexto de atuação, rever suas posturas e buscar soluções reais...”, pois é necessário andar por si só. Para os profissionais do campo da psicologia, não basta somente grandes utopias, mas também ter elementos críticos, teóricos, técnicos e políticos necessários para desenvolver um bom projeto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que há muito o que estudar a cerca deste emergente setor, onde está em construção, estudar e analisar as ONGs, seus diversos segmentos, entendendo as necessidades do público alvo, é necessário entender as necessidade sociais, seu comportamento, sua realidade. Deve-se buscar garantir o direito básico da população, direitos esses adquiridos e garantidos. A construção do homem não deve ser somente um conceito natural e sim um processo de construção de visão de mundo, em suas experiências obtidas nas ideologias culturais, sistêmicas e sociais. O mundo psíquico deve de alguma forma estar atrelada a construção social do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguiar e SILVA JUNIOR, Nelson. **A “construção” do terceiro setor no Brasil:** da questão social à organizacional. Rev. psicol. polít. [online]. 2009, vol.9, n.17, pp. 129-148. ISSN 1519-549X.

COELHO, Simone de Castro Tavares. **Terceiro Setor: um estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos.** São Paulo: SENAC, 2000.

Departamento intersindical de estatísticas de estudos sócio econômicos. Contrato de Prestação de Serviço DIEESE - Conselho Federal de Psicologia. **Projeto 2 – Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro. 2016.** <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Relat%C3%B3rio-final-Projeto-2-1.pdf>

LADIM, Leilah (Org.) et. al. **Sem Fins Lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil.** Rio de Janeiro: Iser, 1988.

LEITE, Marco Antônio Santos. **O terceiro setor e as organizações da sociedade Civil de interesse público – OSCIPS.** Assembleia Legislativa do estado de Minas Gerais, 2003.

PAIVA, Ilana Lemos de e YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Os novos Quixotes da psicologia e a prática social no “terceiro setor”. Rev. psicol. polít. [online]. 2008, vol.8, n.16, pp. 231-250. ISSN 1519-549X.

TENÓRIO, Fernando (Org.). **Gestão de Ongs: principais funções gerenciais.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. **A Perversidade da Exclusão Social.** 2013.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **Políticas Sociais, “Terceiro Setor” e “compromisso social”: Perspectivas e limites do trabalho do psicólogo.** Psicologia & Sociedade. Universidade federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2007.

TERAPIA DE CASAL E A CARACTERIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS ABUSIVOS

SOSSOLOTE, Patrícia Camilo
FREITAS, Débora Elisa Parente

RESUMO

O objetivo deste estudo é fazer uma análise de como relacionamentos conjugais abusivos são construídos, quais são as consequências psicológicas e de que maneira a terapia comportamental de casal, pode proporcionar caminhos que levarão parceiros a encontrarem soluções para seus anseios e necessidades emocionais. A metodologia usada para alcançar o objetivo proposto baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista o caráter bibliográfico do estudo. Sugere-se, para discussão e reflexão, o uso da terapia comportamental como intervenção e proposta a tal problema que atinge grande parte dos relacionamentos, sendo percebido pelos parceiros ou não. Como resultado, observa-se que o uso adequado de ferramentas por parte dos profissionais da área de psicologia define o sucesso da terapia, no entanto há extrema importância na participação dos agentes envolvidos e na pretensão dos mesmos em enfrentar o problema.

Palavras-chave: Relacionamento Abusivo; Terapia de Casal; Terapia Cognitivo - Comportamental.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze how abusive marital relationships are built, what are the psychological consequences, and how couple behavioral therapy, can provides ways that will lead partners to find solutions for their longing and emotional needs. The methodology used to reach the proposed objective is based on bibliographic research, considering the bibliographic character of the study. It is suggested, for discussion and reflection, the use of behavioral therapy as an intervention and proposal to such problem that reaches a large part of the relationships, being perceived by partners or not. As a result, it is observed that the appropriate use of tools by the psychology professionals defines the success of the therapy, however there is a extremely importance participation of the agents involved and in the pretension of the same ones to face the problem.

Keywords: Abusive Relationship; Behavioral Therapy of Couple; Cognitive - Behavioral Therapy.

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo visa contribuir para a pesquisa e reflexão sobre o tema Terapia de Casal e a Caracterização de Relacionamentos Conjugais Abusivos, a fim de melhorar a compreensão do problema e produzir respostas que possam servir como respaldo na assistência de pessoas que sofrem abusos em relacionamentos amorosos. Em decorrência do objetivo geral, buscamos: Caracterizar a construção

de relacionamentos abusivos; informar as consequências psicológicas que tal tratamento pode causar nas vítimas; apontar um aspecto teórico e contextual sobre o tema; levantar questionamentos e possíveis intervenções que a terapia com ênfase na abordagem cognitivo-comportamental pode proporcionar. Este artigo é de pesquisa bibliográfica que consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas aos trabalhos já publicados em artigos científicos, revistas, jornais, teses e monografia.

Segundo Porchat (2006), Relacionamentos amorosos existem desde a fundação do mundo e nunca deixaram de ter seu papel na sociedade humana. Desde a pré-história, onde o objetivo principal era garantir a sobrevivência e procriar, homens e mulheres possuíam papéis definidos em uma relação e mesmo que a mente e as emoções humanas não fossem totalmente entendidas, havia a instituição da família e do laço afetivo. Assim, como forma de gerenciamento dessas relações conjugais humanas, a terapia comportamental de casal se pontuou na história para trazer luz e auxílio.

Os estudos e práticas voltados à relacionamentos conjugais por muito tempo teve sua importância reduzida, mas, recentemente, pesquisas aplicadas a essa área têm tomado força e se mostrado cada vez mais necessárias no âmbito psicológico, deixando-a em evidência.

Segundo Porchat (2006), devido aos danos que a Segunda Guerra Mundial causou na estrutura familiar e a crise de valores da sociedade inglesa, pesquisas e abordagens voltadas à psicologia familiar se iniciaram criando, a partir de então, uma cadeia de indagações e preocupações que diziam respeito à saúde mental de casais e à saúde mental da família tradicional da época.

Há, também, mudanças notáveis na formação e na manutenção de relacionamentos que evidenciam que a terapia comportamental de casal surgiu em decorrência da independência e autonomia que as mulheres conquistaram. Em virtude da liberdade, mudanças profundas apareceram na relação conjugal, exigindo adaptações necessárias que conseguissem lidar e resolver situações que acompanharam essa emancipação feminina. Os países que deram início a tal estudo e apreciação foram os Estados Unidos e Inglaterra entre os anos de 1950 e 1960, entretanto as contribuições ocorridas nos EUA, foram expressivas, pois foi

onde se expandiu o aconselhamento matrimonial, que auxiliava o tratamento psicológico das relações amorosas (VANDENBERGHE,2006).

Ao mesmo tempo, abusos sempre coexistiram com tais relacionamentos e não é necessário provas concretas para evidenciar que diferentes tipos de abusos pudessem ocorrer no âmbito conjugal desde o princípio de todas as trocas de relações humanas. Com o passar do tempo e com a observância de casos de relacionamentos abusivos, pode-se perceber que ele tem estado presente na vida de milhares de pessoas mesmo quando há leis e um senso comum que asseguram maior estabilidade nos relacionamentos (VANDENBERGHE,2006).

Vandenberghe (2006), pontua que as circunstâncias sociais, econômicas e familiares podem influenciar na maneira em que qualquer pessoa expõe suas emoções e sentimentos, podendo causar condutas inadequadas e intenções que irão ser manifestadas em parceiros e amigos. Entre os danos psicológicos que as vítimas podem sofrer estão: perda de identidade, perda de autoestima, depressão, medo, estresse, crise de angústia e insônia. Portanto, deve-se ter atenção redobrada a esses danos, pois são de extremo prejuízo às pessoas que sofrem fazendo com que seja necessário adequado amparo para sua saúde mental. Atualmente, o tratamento para os casos de relacionamentos abusivos tem se tornado uma opção vantajosa para aqueles que desejam sair de tal situação, com o avanço de estudos e contribuições em pesquisas de profissionais da área, a terapia comportamental de casal tem se tornado cada vez mais eficaz e exata no auxílio de casais.

Em virtude da recorrência de pessoas que procuram por esse serviço, a atenção e pesquisa dedicadas a essa área se justificam por compreender a demanda de solicitações que existem. A realização desse estudo mostra sua importância ao se preocupar em desenvolver um tema que analise e apresente contribuições que possam somar no entendimento que se refere ao tratamento de indivíduos que sofrem de abusos e procuram por ajuda através da terapia comportamental (VANDENBERGHE,2006).

2 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: COMO SE DESENVOLVEM

A palavra relacionamento significa o ato ou efeito de relacionar-se ou a capacidade de interagir bem com as pessoas (MICHAELIS, 2015). Ela descreve o

ato que é caracterizado pelo convívio harmônico entre indivíduos. Dessa maneira, relacionamento não se limita apenas a relacionamentos amorosos vivido por casais, ele representa toda a ligação pessoal, seja ela conjugal, familiar, social ou profissional.

Portanto, para um entendimento mais abrangente e geral, devemos entender que um relacionamento abusivo é constituído por uma relação entre parceiros, onde há excessos de manipulação e agressões morais, psicológicas e físicas. Nele, há um abusador que humilha, controla e usa o abusado e ainda faz com que ele se sinta culpado, depressivo e mal consigo mesmo. Infelizmente, muitas pessoas tendem a rotular tal relação com um único e ideal agressor: o homem, mas nem sempre a mulher é a vítima. O abuso pode ocorrer com pessoas independentemente de raça, classe, gênero ou orientação sexual.

Segundo Hirigoyen (2006), a fase inicial de uma relação amorosa sempre mostra as intenções mais belas e cuidadosas, nela há um comportamento natural e não-intencional que faz com que ambos os lados não demonstrem inicialmente suas verdadeiras perspectivas, vontades, desejos, atitudes e intenções. No entanto, há sinais que podem evidenciar e trazer pequenas pistas sobre o caráter e a verdadeira personalidade de alguém. No caso das relações amorosas, a fase inicial dada pelo namoro já pode mostrar atitudes preocupantes. O ciúme em quase todos os casos é o primeiro aspecto que já deve ser notado. Devemos saber separar um comportamento ciumento em duas partes: uma onde o parceiro demonstra preocupação e cuidado, mas não invade nenhum espaço pessoal e se limita à vontade do outrem e outra onde o parceiro demonstra ciúmes excessivos, limitações impostas ao outro, abuso verbal e proibições que não são de comum acordo e fogem da verdadeira vontade do parceiro.

Segundo Hirigoyen (2006), Seguindo do comportamento ciumento não-saudável, podemos perceber o abuso emocional. Nele, as considerações pelos sentimentos e pensamentos do parceiro passam a não ter importância e são deixados de lado. Como foi dito pelo poeta e novelista francês Victor-Marie Hugo: "As palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade." Não há preocupações com cada palavra dita, elas são lançadas com a intenção de magoar e ferir. Todas essas variáveis iniciais podem ser constantes e crônicas ou podem acontecer esporadicamente, mas se não tratadas, o que antes não era constante se torna até mesmo diário.

Pode haver, em alguns casos, relacionamentos que apenas possuem o abuso emocional e, nesse caso, o abusador constantemente tenta inferiorizar a vítima fazendo-a sentir abaixo dele e denotando a ideia de inutilidade da mesma. Também é recorrente o discurso de incapacidade, com falas que depreciam as aptidões intelectuais, emocionais e a aparência física. Mas, mesmo que um relacionamento não seja caracterizado por abusos prejudiciais ao estado físico como o abuso sexual e o abuso físico, as consequências podem ser tão impactantes quanto se houvesse tais abusos (VANDENBERGHE, 2006).

Por possuírem apenas um dos tipos de abusos, as pessoas tendem a encontrar dificuldades ao caracterizar seu relacionamento como abusivo. A falta de conhecimento ou a percepção podem estar tão comprometidas e manipuladas que as vítimas não conseguem distinguir o que é saudável em um relacionamento e o que é prejudicial, mas quando conseguem criam circunstâncias que as impedem de procurar resolver o problema ou acabar com a situação. Elas podem ser atingidas de

diversas formas e só notam tais abusos quando procuram ajuda ou quando são expostas a caracterização do problema (HIRIGOYEN, 2006).

2.1. Tipos de abusos

De acordo com o Dicionário Michaelis (2015), abuso significa “uso ilegítimo ou incorreto de alguma coisa; ou uso excessivo e prejudicial de atribuições e poderes.” Em um relacionamento amoroso a forma mais simples e objetiva de explicar tal termo é conceituando-o como todo o ato e intenção egoísta, violenta e prejudicial que uma pessoa demonstra e possui em relação a outra. No entanto, há diversas maneiras de evidenciar comportamentos abusivos, pois eles não se dão de forma exclusiva e única, embora cada relação traga consigo subjetividade de sentimentos e situações.

Uma pessoa pode estar passando por certo tipo de abuso sem ter ciência do mesmo, pois as formas mais extravagantes de abusos são tipificadas como únicas. Como exemplo, podemos citar uma mulher que é frequentemente bombardeada por discursos como: “*Você está muito gorda*”, “*Você não serve pra nada*”, “*É tudo culpa sua!*”. Falas como essas, fazem a vítima se colocar em uma posição de responsabilidade por todo o mal, ela pode se sentir a causadora do fracasso do relacionamento possuindo constante insegurança e, ainda assim, não conseguir enxergar tal ato como abuso verbal e psicológico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Segundo Marques (2005), pessoas que continuamente experimentam comportamentos abusivos tendem a serem vítimas de várias formas de abuso e não apenas uma, pois abuso iniciais e “imperceptíveis” evoluem de maneira progressiva para tipos de abusos extremos, uma vez que o abusado não toma a iniciativa para mudar tal situação. Deste modo, estudaremos os quatro tipos de abusos mais importantes e evidentes: o abuso emocional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso econômico.

Para Marques (2005, p.85), o abuso emocional pode ser entendido também como violência psicológica, agressão simbólica ou abuso não físico e é considerado como toda a forma que o abusador usa para torturar uma pessoa sem o uso de força física. Para tanto, temos que:

[...] O abuso emocional ameaça o limite do bem-estar das vítimas, aterroriza e provoca danos mentais. É um processo em que o agressor sistematicamente diminui e destrói o self do outro. As percepções e as características essenciais da personalidade da vítima são reduzidas constantemente. (MARQUES, 2005, p. 86).

Tal abuso é um dos mais frequentes em casos de relacionamentos conjugais abusivos, pois são considerados, erroneamente, como problemas pontuais ou problemas circunstanciais, ou seja, que não demandam muita preocupação por fazerem parte de um senso comum de que pode ser passageiro. Mas, dentre todos é o que pode causar mais danos aos abusados, pois as consequências psicológicas de determinado tratamento podem encadear comportamentos quase que imutáveis e que, geralmente, produzem seus danos a longo prazo. A violência psicológica pode colocar em risco o desenvolvimento psicológico e emocional, prejudicando principalmente a autoestima e a identidade. É caracterizado por insultos, humilhações, chantagem, desvalorização, ridicularização, privação de liberdade e manipulação. Tais atos podem também ser confundidos com doses de ciúmes que,

até certo ponto, é visto de maneira romântica, mas que depois desse ponto atravessa a linha e o entendimento do que é saudável (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

O abuso físico, também chamado por agressão física, é caracterizado por danos físicos, seja pela agressão propriamente dita e que causam problemas na integridade física ou seja por ações que causam danos à saúde. Nele pode haver, socos, empurrões, tapas, chutes e uso de armas de qualquer natureza (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Tais agressões começam com ameaças e atitudes que causam medo e estão presentes desde um simples puxão de cabelo até ao assassinato. Marques (2005), pontua que em muitos relacionamentos o abuso físico é crônico e com o tempo vai aumentando a seriedade e a frequência, passando de agressões leves para ataques preocupantes e sérios.

O abuso sexual ou violência sexual se dá quando o parceiro em uma relação é obrigado, através da força física ou ameaças verbais e psicológicas, a ter relações sexuais contra sua vontade. Pode ser considerado como estupro, assédio e violência sexual. Portanto:

[...] Ação que obriga uma pessoa manter contato sexual ou a participar de relações sexuais com o uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. (MARQUES, 2005, p. 93).

E, por fim, temos o abuso econômico, também conhecido como patrimonial ou financeiro. Acontece quando há retenção de bens, controle do dinheiro, limitação ou privação de salário, destruição ou venda de bens pessoais e comportamento que faz com que a vítima dependa financeiramente do abusador, mesmo quando a mesma possui meios de independência e subsistência. Também pode ocorrer quando o parceiro proíbe o outro de trabalhar e possui acesso e controle de todas as suas finanças e contas, o proibindo de efetuar gastos pessoais sem autorização (MARQUES, 2005).

2.2. Consequências psicológicas

Ser alvo de abusos emocionais, físicos, sexuais ou econômicos pode acarretar traumas psicológicos que, se não tratados, tendem a estar presentes durante toda a vida. Danos psicológicos são preocupantes pois afetam diretamente o comportamento e as ações das pessoas, fazendo-a até mesmo perder a razão e a percepção de coisas simples da realidade.

Segundo as Normas e Manuais técnicos do Ministério da Saúde (2002), os transtornos psicológicos causados em vítimas de violência podem desencadear, entre outras, as seguintes consequências: transtorno do sono ou da alimentação, episódios de medo e pânico, isolamento e depressão, choro fácil sem motivo aparente, conduta agressiva e irritabilidade, comportamento autodestrutivo,

comportamento submisso, tentativa de suicídio e baixa autoestima. Mas, tais consequências não se limitam aos casos de abuso físico, sendo possível também estar presentes como respostas aos outros tipos de abusos.

Os sintomas psicossomáticos podem ser específicos em cada tipo de abuso, mas em algo todos possuem o mesmo dano em comum: a falta de identidade e a falta de autonomia. Dessa maneira, a vítima sente que não há razões para se compreender e tentar sair de tal situação. Vale ressaltar que:

Podem ainda surgir ansiedade, medo e confusão, fobias, insônia, pesadelos, auto reprovação, sentimentos de inferioridade, fracasso, insegurança ou culpa, baixa autoestima, comportamento autodestrutivo - como uso de álcool e drogas -, depressão, tentativas de suicídio e sua consumação. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002, p.48).

Uma pessoa que vive em um relacionamento abusivo está completamente exposta à todas essas possíveis consequências e constantemente negligenciam seu estado físico e psicológico fazendo com que os sintomas aumentem progressivamente de acordo com a aceitação da circunstância ou de acordo com o fator impeditivo que as forçam permanecer em tal situação (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

2.3. O porquê da continuidade em um relacionamento abusivo

Segundo Porchat (2006), um dos maiores questionamentos que despertam a curiosidade de estudantes, profissionais e até mesmo leigos da área é sobre o porquê pessoas se submetem a tal situação e aceitam ser subjugadas e humilhadas por parceiros que, teoricamente, deveriam oferecer um relacionamento justo, recíproco e verdadeiro. Há diversas causas que podem nos dar pistas sobre a compreensão da escolha dessas pessoas em permanecer em relacionamentos abusivos, mas que não podem nos mostrar exatamente a razão pela qual cada pessoa escolhe viver tal situação, pois os sentimentos e razões são subjetivas e competem aos entes abusados.

Segundo o Ministério da Saúde (2002), no que se refere ao contexto familiar, há indícios de que relacionamentos e casamentos com abusadores oferecem à vítima fuga do lar e da família que não lhe traz contentamento, fazendo com que o parceiro se torne uma escolha que a tirará de uma situação desagradável e anterior

ao relacionamento. Ou a vítima pode ver em seu parceiro uma repetição de algum ente familiar na infância e buscar inconscientemente tais características. Há também questões que se referem a autoestima. Em muito dos casos, a pessoa que se sujeita a esses relacionamentos possui visões negativas sobre o seu verdadeiro valor, capacidade e desempenho, que trarão para si sentimentos de desvalorização. É comum que os parceiros abusadores também tragam conforto no que se refere ao valor social, pois as vítimas podem se sentir inferiores, inseguras e desamparadas. Tais sentimentos provocam expectativas sobre proteção, dependência e estabilidade em um casamento. Em casos de pessoas que possuem dependentes resultantes de tal relação, pode haver o medo e a incapacidade emocional em dar continuidade ao cuidado de filhos. Elas tendem a justificar a permanência em relacionamentos abusivos exaltando situações presentes que são desfavoráveis como aspectos financeiros, sociais e familiares. Além de tudo há quem possua uma dependência emocional e esperanças de que o parceiro mude de pensamentos e atitudes, pois pode haver a culpa pelo comportamento do outrem.

Nota-se um consenso e perceptível de que algumas pessoas escolhem estar nesse relacionamento devido suas situações financeiras. Pessoas que são carentes profissionalmente e academicamente, que não possuem maneiras de se manterem ou continuarem com o mesmo padrão de vida, que obtêm sucesso profissional devido a ajuda do parceiro e que mantem até mesmo dependentes com a única intervenção dos mesmos são as que normalmente, e em maior parte dos casos, aceitam a relação como está. O medo, o desamparo social e até mesmo o desamparo familiar as tornam vítimas das circunstâncias e sem nenhuma outra saída (PORCHAT, 2006).

E por fim, quando nos referimos ao motivo mais grave da permanência em tais relações, consideramos o medo advindo de ameaças que podem estar relacionados à integridade do estado de vida e integridade do estado de vida de familiares e pessoas queridas. Nesses casos, pode haver ameaças na esfera social, ou em áreas de dependência do abusado, fazendo-o sentir também incapaz de manifestar qualquer ação ou reação de negação (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

2.4. Terapia de casal e a abordagem cognitiva comportamental na solução de problemas

A terapia de casal se mostra apta quando circunstâncias individuais ou comuns em uma união amorosa tiram a instabilidade da relação e causam problemas que atingem um ou ambos os lados, mas que também podem irradiar para os entes familiares ou afetivos. Seu objetivo principal é causar qualidade de vida e satisfação para o casal, através de soluções de desordens e facilitar, também, a comunicação e anseios de ambos os lados para no fim alcançar a estabilidade emocional e expectativas almejadas. Para fins de estudo, definiremos casal, cônjuges e parceiros como a representação da relação amorosa e voluntária entre dois seres humanos e que não se limita à união de gêneros diferentes, idade, tempo de relacionamento e nem formalidades civis que atestam compromisso legal (PORCHAT, 2006).

Segundo Porchat (2006, p.13), a psicoterapia de casal possui um bom desenvolvimento quando os entes da relação procuram reestruturar um vínculo que, por algum motivo, deixou de ser efetivo e confiável. Portanto, é necessário um passo voluntário, humilde e consciente dos parceiros para o avanço e sucesso da terapia.

No decorrer dos anos tem-se notado a crescente procura por terapias de casal em decorrência de problemas conjugais. De acordo com uma pesquisa realizada em 2014 pelo portal online MundoPsicólogos.com, a terapia de casal é o serviço mais procurado dentre todos os outros oferecidos. Através de um levantamento, foi constatado que uma de cada quatro pessoas que procuram apoio psicológico estão em busca da terapia de casal, tornando esse serviço responsável por quase 28% do total de solicitações enviadas através do portal (PORCHAT, 2006).

Portanto, podemos observar que tal serviço se destaca de maneira evidente por uma razão: a recorrência de relacionamentos que necessitam de aconselhamento e ajuda na solução de diversos tipos de problemas. Os parceiros que procuram pela terapia comportamental de casal podem decidir, junto ao respaldo do profissional da área, o tipo ideal de aplicação em cada sessão.

Quando casais procuram, na terapia comportamental, uma esperança para os problemas, podem encontrar nela uma maneira de recuperar a autoestima que foi destruída e a capacidade de sair de relacionamentos destrutivos ou contribuir em

reconstruí-lo com base na reciprocidade. Para tanto, um terapeuta familiar também é importante, pois as mentes e os psicólogos dos familiares devem ser entendidos a fim de se ter uma compreensão profunda das relações entre parentes (BECK, 2013).

Segundo Beck (2013, p.25), a terapia cognitivo - comportamental surgiu no fim da década de 1950 e no início da década de 1960 quando Aron T. Beck examinava pacientes deprimidos e via que eles possuíam uma visão distorcida de si mesmos, que o fez concluir que pensamentos negativos alteram nosso humor e comportamento.

[...] O modo cognitivo propõe que o pensamento disfuncional (que influencia o humor e o pensamento do paciente) é comum a todos os transtornos psicológicos. Quando as pessoas aprendem a avaliar seu pensamento de forma mais realista e adaptativa, elas obtêm uma melhora em seu estado emocional e no comportamento. (BECK, 2013, p. 23)

Para o mesmo autor, a terapia cognitivo - comportamental possui princípios básicos que caracterizam a abordagem e que fazem com que seja possível o êxito no tratamento. Portanto, quando pessoas que possuem tal quadro de comportamento se prontificam a descartar pensamentos negativos, conseguem progresso no que diz respeito ao estado emocional que é prejudicial e que as comprometem em seus comportamentos (BECK, 2013).

Segundo Porchat (2006), tal abordagem na solução de casos de relacionamentos abusivos deve deixar claro que se uma pessoa deseja realmente sair da relação abusiva, deve entender que em um relacionamento ambos os parceiros podem possuir uma parcela de participação, mesmo que inconscientemente. O sucesso de tal tentativa se dá quando os parceiros compreendem a gravidade do comportamento e os motivos que os levam a agir de tal maneira. Ao longo das terapias deve ser planejado etapas graduais com alternativas e opções.

Portanto, a existência de um olhar realista e abrangente da verdadeira motivação e determinação dos parceiros em alterar esses padrões de comportamentos destrutivos é imprescindível. O profissional deve constantemente estimular o casal a fim de encorajá-los a responsabilizar-se por seus pensamentos, sentimentos, percepções e comportamentos para que possam desenvolver uma forma mais positiva, justa e progressiva de pensar e sentir sobre si mesmos, com o

intuito de fortalecer a autoestima e desconstruir hábitos desrespeitosos e abusivos, ou até mesmo dar um fim em um relacionamento (BECK, 2013).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda experiência na relação humana resulta em situações que sempre acabam influenciando de maneira positiva ou negativa as ações e comportamentos daqueles que são dominados ou constantemente expostos à submissão de sentimentos, ideias e valores. O relacionamento humano é a fonte de todas as satisfações ansiadas pelo homem. Procuramos no parceiro, formas de alcançar a felicidade e a estabilidade, podendo até correr o risco de não conhecer por completo a pessoa que nos acompanha. E é nessa dependência que surge os casos onde a autovalorização, o amor próprio e o cuidado pela saúde psicológica e emocional são negligenciados.

Vários motivos podem determinar a permanência de pessoas em relacionamentos abusivos, mas todos eles dependem de variáveis que podem estar relacionadas com o contexto familiar, financeiro, social e emocional, como tem sido mostrado. Tal escolha, em muitos casos, não atinge somente a vítima, mas podem ser irradiadas para os entes familiares e amigos. Nesse contexto, o cuidado, a assistência e a observância de casos de relacionamentos abusivos demandam estudos e práticas que possam ajudar a resolver problemas e reconstruir um laço amoroso ou, simplesmente, dar um fim a toda essa situação.

Com base na análise de pensamentos e intenções, podemos entender que o comportamento destrutivo das vítimas pode ser alterado, assim como as ações que causam a destruição provocadas pelo abusador. A terapia cognitivo – comportamental se pontua em entender as origens dos problemas, a absorção dos sentimentos, a manipulação dos pensamentos e por fim o padrão de comportamento que é exteriorizado pelos parceiros.

Portanto, desde que haja a disposição do casal para mudanças e o uso adequado de técnicas psicológicas que a abordagem cognitiva - comportamental pode oferecer, é possível que exista a reconstrução e o recomeço da relação afetiva ou até mesmo a interrupção do laço amoroso de maneira que seja emocionalmente saudável para ambos os lados. O sucesso se dá ao entender essas intenções,

estudar os comportamentos e visualizar de que maneira é possível colocar em prática todas as orientações e hábitos que garantirão a transformação e o passo progressivo na solução dos problemas.

REFERÊNCIAS

BECK, Judith. **Terapia Cognitivo – Comportamental**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013.

HIRIGOYEN, Marie-France. **A Violência no Casal: da coação psicológica à agressão física**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MARQUES, T. M. **VIOLÊNCIA CONJUGAL: Estudo sobre a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos**. 291f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Psicologia, 2005. Disponível em: <
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17261/1/TMarquesDISSPRT.pdf>>
Acesso em 08 de agosto de 2018.

Ministério da Saúde. **Secretaria de Políticas de Saúde**. Violência Intrafamiliar: Orientações para práticas em serviço. Brasília; 2002.

Origem da palavra relacionamento. Disponível em: <
<https://www.dicionarioetimologico.com.br/relacionamento/>> Acesso em 08 de 22 de julho de 2018

PORCHAT, Ieda. **Psicoterapia do Casal**. 1ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Terapia de Casal. Disponível em: < <https://www.psicologosberrini.com.br/terapia-de-casal/> > acesso em 21 de julho de 2018.

Terapia de casal é o serviço mais procurado. Disponível em: <
<https://br.mundopsicologos.com/artigos/terapia-de-casal-e-o-servico-mais-procurado>> Acesso em 19 de julho de 2018.

Terapia cognitivo-comportamental com casais: uma revisão. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000100009 > Acesso em 8 de outubro de 2018.

VANDENBERGHE, L. **Terapia comportamental de casal: uma retrospectiva da literatura internacional**. Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn. v.8, n.2, p. 145-160. 2006.

SWING: UM ESTUDO SOBRE CONFIGURAÇÕES AMOROSAS HETERODOXAS

VIEIRA, Iris Silva
BARACAT, Juliana

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer informações sobre casais adeptos à prática do swing, diferenciando os ciúmes e o zelo dos praticantes. Fazendo um breve levantamento histórico do início dessa prática e das mudanças históricas que ocorreram durante esse período até os dias atuais. Para praticar o swing precisa ter como princípio a cumplicidade e o companheirismo, visando a liberdade de expressão, melhorando o diálogo, a convivência e a relação do casal, pois você pode tudo e não é obrigado a nada. Se nota que ainda o principal papel do casamento é visto como uma obrigação de apenas formar uma aliança para a reprodução, aos bons olhos da sociedade, escolhas e paixões não faziam parte das decisões do casal que acabava se reprimindo ao amor, o desejo e à sexualidade. O swing veio para satisfazer o desejo de ambos os sexos, onde a mulher e o homem podem satisfazer o seu desejo sem machucar o parceiro (a) levando em consideração o respeito da relação e do diálogo do casal.

Palavras-chave: sexualidade, contemporaneidade, swing, liberdade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to provide information on couples who are adept at swing practice, differentiating jealousy and zeal from practitioners. Taking a brief historical survey of the beginning of this practice and the historical changes that occurred during this period to the present day. To practice the swing must be based on the principle of complicity and companionship, aiming at freedom of expression, improving the dialogue, coexistence and relationship of the couple, because you can do everything and are not bound to anything. It can be seen that the main role of marriage is seen as an obligation to form an alliance only for reproduction, in the good eyes of society, choices and passions were not part of the decisions of the couple who ended up repressing love, desire and sexuality. The swing came to satisfy the desire of both sexes, where the woman and the man can satisfy their desire without hurting the partner taking into consideration the respect of the relationship and the dialogue of the couple.

Key words: sexuality, contemporaneity, swing, freedom

1 INTRODUÇÃO

Ainda nos dias atuais nos questionamos sobre as questões de liberdade e virtudes na formulação do ideal do indivíduo, por trás dessa preocupação sobre o ideal de liberdade, temos nos apoiado em uma visão tradicional ligada ao conceito de direitos individuais dos cidadãos ao bem-estar da coletividade, deixando de lado as questões da capacidade do homem voltada para fora, que visa as suas

potencialidades, autorrealizações se tornando capazes de romper com as antigas tradições. (VIEIRA, 2013)

Vivemos em um mundo em que ainda se questiona o valor da ética e da moral na convivência de um casal. Tendo em vista o modelo padrão de um casamento, o casal acaba deixando de lado seus desejos e prazeres.

A ética do comportamento matrimonial surge sob um ângulo bem diferente numa série de textos que se distribuem dos dois primeiros séculos a.C. até o segundo século de nossa era, ao longo de todos os períodos em que se pôde constatar uma mudança na prática do casamento. [...] (FOUCAULT, 1984)

Não temos como identificar o que é ou não funcional em um casamento sem entender a singularidade de cada relacionamento, pois o que gera sofrimento para uns pode estar bem adaptado para outros (HECKLER, 2016).

Foucault afirma que a definição do casamento, enquanto vínculo, abrange para uma série de conjuntos ligados à integração, ao papel, à forma e à fidelidade dos atos do prazer no jogo das relações afetivas.

A prática do swing tem como princípio a cumplicidade e o companheirismo do casal, visando a liberdade de expressão, melhorando o diálogo, a convivência e a relação, e é com esse ponto de partida que escolhi esse tema. Comecei a pesquisar sobre relacionamentos, o que me levou ao conhecimento da relação voltada à prática do swing. Só que ao pesquisar mais profundamente sobre esse novo paradigma de relacionamento, encontrei muitas dificuldades por falta de materiais, não levando a prática do swing como um estilo de vida e sim voltada a sites pornográficos com apelo sexual explícito.

Podemos dizer que há uma liberdade de expressão e de desejo muito amplo no meio swingers, você pode tudo e não é obrigado a nada.

O presente artigo utiliza o referencial da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, devido ao interesse em aprofundar os estudos teóricos. As buscas foram feitas através de sites acadêmicos como o Google Acadêmico, Scielo, revistas eletrônicas de psicologia, e obras disponíveis na biblioteca central da FAEF.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1. Origem do Swing

Quando temos contatos com a palavra swing nos perguntamos de onde surgiu e o que é realmente essa prática. Não há registros literários sobre o começo disso, alguns artigos e sites de busca mencionam que esse comportamento já existia na Grécia clássica, outros artigos falam que seria um comportamento natural da espécie humana, porém com a repressão de regras tanto da sociedade quanto religiosas esse comportamento acabou sendo discriminado e banalizado.

Para Foucault, (1984) a invenção da sexualidade foi parte de alguns processos distintos envolvidos na formação e na consolidação das instituições sociais modernas. Os estudos modernos e as organizações modernas dependem do controle meticuloso das populações através do tempo e espaço. Tal controle foi gerado pelo desenvolvimento de uma “anátomo-política do corpo humano” – tecnologias do controle corporal que visam ao ajuste, mas também à otimização, das aptidões do corpo. [...].

O amor e o casamento que conhecemos, hoje, surgiu com a ordem burguesa, porém só ganhou forma no século XVIII, quando a sexualidade ganhou um espaço importante dentro do casamento.

Giddens, (1992) neste mesmo período, ao final do século, utilizou ideias e incorporou elementos do *amor passion* – amor romântico, que introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual. O conjunto de ideias associadas ao amor romântico, pela primeira vez, vinculou o amor com a liberdade, ambos sendo considerados desejáveis.

O amor tem um sentido diferente sobre a sexualidade, apesar de envolver um sentido para ambos os sexos, deixando o significado de inocência de fora de suas perspectivas, e adotando um caráter que caracteriza a outra pessoa como alguém especial.

Segundo Giddens, (1992) o amor romântico é um amor sexual, que traz uma liberdade que promove a satisfação e a felicidade no contexto sexual, especialmente na forma fantasiada do romance que tem uma forte ligação com a força erótica, a capacidade de proporcionar e experimentar a satisfação sexual, de ambos os sexos, tornam-se organizados e reflexivamente uma múltipla fonte de conhecimento, informação, aconselhamento e de treinamento sexual.

Araújo (2002) relata que o amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução.

O principal papel do casamento vista ainda como uma obrigação de apenas formar uma aliança para a reprodução, aos bons olhos da sociedade, escolhas e paixões, não fazia parte das decisões do casal que acabava se reprimindo ao amor, o desejo e à sexualidade.

Foucault (1984) relata que o princípio de ter que se casar está fora do jogo comparativo entre as vantagens e os aborrecimentos do casamento; ele se expressa como a exigência para todos de uma escolha de vida que se dê a forma universal, porque é conforme à natureza e útil a todos. O casamento liga o homem a si próprio enquanto ser natural e membro do gênero humano.

Com isso casais adeptos à prática foi se resguardando da sociedade e fazendo suas próprias alterações para que possam praticar o swing, se mantendo no sigilo e na sua própria convergência para a execução da prática.

Santos (2010) afirma, que apesar de estarem dispostos a viver uma maior liberdade sexual em seus relacionamentos, os pesquisados pretendem manter uma fidelidade amorosa. A proposta swingers incluirá uma “poligamia sexual”, com a preservação de uma “monogamia amorosa”. A separação entre sexo e amor parece ser um dos princípios fundamentais para aqueles que aderem à prática. Os limites entre o sexual e o afetivo, entretanto, nem sempre são claros e o que pode e o que não pode é, mais uma vez, parte de uma negociação de cada casal.

Conforme as leituras e o aprofundamento sobre a história do swing, podemos mencionar que o termo swing surgiu na década de 70, pois nas décadas anteriores como a de 50 e 60 era conhecida como *wife swapping* (troca de mulher e/ou noiva), na qual irei aprofundar um pouco no próximo tópico. Já adiantando para um breve conhecimento a designação desse termo surgiu nas bases militares da Califórnia, onde os homens frequentavam clubes chamados *key club* (clube das chaves). Quando o termo swing surgiu ainda desorganizado e acabou chamando a atenção da mídia, principalmente de revistas masculinas.

O Primeiro Jornal a conter um anúncio sobre o swing foi: O Primeiro Caderno da Folha de São Paulo, em 18 de agosto de 1981, na página 22 – interior –

classificados conjugados – diversos. Essas são as informações que estão descritas no anúncio (“Swing” Club. A opção exclusiva para casais modernos. Requite e descrição. De 16 às 2h. Tel 864.4580). O anúncio não mencionava endereço, apenas um número de telefone para contato (FOLHA, 1981).

A expressão swing, apesar da sua história, foi cristalizada como “troca de casais”, o que não seria a expressão correta, pois nem todos os casais swingers fazem troca de parceiros. Nos Estados Unidos, a expressão swing foi substituída por *lifestyle* (estilo de vida), já no Brasil esse novo termo não pegou, e swing continua sendo swing.

Conforme estudados, alguns textos e autores, podemos citar que o swing é um ato de cumplicidade, pois há acordo entre o casal para não fazer nada sem o consentimento do outro, se caso isso acontecer, para quem pratica é denominado traição.

Quem opta por esse estilo de vida está buscando não apenas a satisfação sexual, mas também pessoas com o mesmo interesse, onde possam ter uma relação de amizade e intimidade, podendo expressar suas fantasias sexuais, sem se preocupar com o julgamento de terceiros.

Para os participantes, há uma diferença entre fazer sexo e fazer amor. O sexo é apenas a satisfação do corpo e a libertação de suas fantasias, já o amor também é a relação sexual com sentimento, no qual eles sentem apenas com o (a) parceiro (a).

Foucault (1984) relata que o amor tende a predominar sobre o ardor sexual, o amor rompe com a sexualidade e começa assumir um novo sentido para ambos os sexos, enfatizando mais nas qualidades de caráter que distingue uma pessoa da outra como especial, pois o sexo corresponderia aos impulsos do corpo e do desejo.

Agora como diferenciar o ciúme do verdadeiro sentimento que engloba o universo do swing que é o zelo.

Zelar pela pessoa que está com você é o principal passo para aproveitar o lado positivo dessa prática, que costuma ser entendido pelo senso comum como sendo uma prova de amor, devido à conduta protetora por parte de seu parceiro(a), já o ciúme, por outro lado, pode levar o casal à separação.

O ciúme surge devido há vários fatores, entre eles, o medo de ser trocado por outra pessoa ou de a outra pessoa ser melhor. Mas se a pessoa ciumenta (o)

compreender que é única (o) e que seu (sua) parceiro (a) não a trocará por ninguém, esse ciúme se transformará em zelo, que é o cuidado e a afeição que se tem pelo seu par, chamado de zelo de amor, a pessoa tem a plena consciência de que seu par não a trocará por outra pessoa.

Segundo Marini (2001), o ciúme sexual coloca, subitamente, em causa o sentido de identidade de quem o sofre. Ser traídos fisicamente pelo companheiro assume significados mais profundos, pois ativa os sintomas de insegurança, abandono e raiva. Essas emoções são mais evidentes quanto mais baixa for a autoestima: quem foi traído chega a duvidar de si como pessoa e a pensar que não vale nada. O fato de que uma outra pessoa seja preferida em nosso lugar, nos faz pensar que falta algo em nós e nos impede de demonstrar a raiva e a cólera natural.

A muito se pergunta sobre o companheirismo, seja ele do homem ou da mulher. A busca se dá pela disputa de poder há alguns anos atrás, e vale ressaltar que essa disputa ainda é presente nos dias de hoje, em alguns casos.

A mulher era vista pela sociedade como um objeto de reprodução para dar a luz a filhos homens, onde eles tinham o poder de fazer as coisas do jeito que eles achavam que era correto, gerando frustração no marido, se caso viesse a gerar uma menina. Mulher era apenas para cozinhar, limpar a casa e cuidar dos filhos, sem ter qualquer outra função e liberdade, apenas suprimindo os desejos do marido. Essas mulheres, muitas vezes, eram infelizes, se sentindo incapazes de realizar qualquer papel fora do que eram submetidas a fazer, se queixando de incapacidade e insuficiência. Com o passar do tempo, a mulher está ganhando, cada vez mais, seu espaço na sociedade realizando todos os seus desejos que nela se encontra.

Embora a comunidade swingers venha ganhando cada vez mais adeptos ao longo dos anos e tenha sido retratada com mais frequência nos meios de comunicação, livros e filmes, a prática “ainda se mantém como uma das subculturas mais estigmatizadas e mal compreendidas na nossa sociedade” (BERGSTRAND; SINSKI, 2010).

O lema do swing é “tudo é permitido e nada é obrigado” e para poder fazer parte desse universo é necessário ter um relacionamento forte e uma autoconfiança em si próprio, para que só assim, possam desfrutar do verdadeiro significado do swing, pois apesar do lema de que nada é obrigado, o indivíduo entrará em contato com suas fantasias e desejos, que por sua vez, podem causar um desconforto em

seu parceiro (a), caso não haja um mesmo ideal de satisfação do casal. (FARIAS, 2012)

O swing veio para satisfazer o desejo de ambos os sexos, o desejo em questão seria instintivo, onde há a troca de afeto e até mesmo o coito com outros parceiros, a mulher e o homem podem satisfazer o seu desejo sem machucar o parceiro (a), levando em consideração o respeito da relação e do diálogo do casal.

Para seus adeptos há certas razões que os levam a praticarem o swing, entre eles estão: a perda da inibição, novas experiências sexuais, troca de experiências, a oportunidade de conhecer coisas novas fora dos padrões de um casal monogâmico, a possibilidade de se sentir atraente e desejado, o aumento da autoestima e até mesmo o aumento pelo interesse afetivo e sexual pelo seu parceiro. (FARIAS, 2012).

Os modelos conjugais na contemporaneidade são marcados pelo respeito à individualidade e às diferenças do outro, liberdade, igualdade e reciprocidade. Para Giddens (1996), a conjugalidade, nos dias de hoje, pode ser definida como uma “relação pura”, um laço emocional com outra pessoa que é assumido por si mesmo, como a sua própria razão de existir. De acordo com o autor, na relação pura não é o companheiro que é especial, mas sim a relação em si.

A partir do momento que começa a atrapalhar a relação-casal, os mesmos para resolver qualquer pendência que tenha surgido, busca se comunicar para melhorar a união do casal, caso haja a necessidade se afastam e até mesmo interrompem a prática, pois o swing não tem como intenção separar os casais.

Colocando em primeiro lugar a cumplicidade e a intimidade, pois sem o entrosamento não há aproveitamento dos benéficos e nem a permanência do casal sobre essa prática.

2.2. Peculiaridades do Swing

Para começarmos a entender sua origem de maneira mais clara, podemos fazer um apanhado de datas sobre sua evolução, o swing ocorreu atrás de uma evolução natural de um movimento que se iniciou no começo do século XIX, na qual se deu origem ao termo “amor livre” como um conceito prático, que colaborou para as mudanças das condições de quem viveu naquela época, afetando a vida social

como um todo, esse movimento confia na existência de um amor sem posse, controle ou rótulos. O termo de “amor livre” surgiu nas décadas de 1960 e 1970 e tinha uma forte referência ao movimento hippie, sendo que esse movimento não defendia a existência de manter relações com múltiplos parceiros sexuais ou ter uma relação de curto-prazo.

Como já mencionado o termo “clube das chaves” surgiu durante a II Guerra Mundial, criado pelos pilotos das Forças Aéreas, na qual após festas sociais, as chaves eram colocadas dentro de um chapéu e cada piloto retirava uma das chaves, determinando assim, qual das esposas de seus companheiros seria sua parceira sexual durante aquela noite.

Terry Gould (1999) encontrou nos relatos dos pilotos um gênero de “acordo” entre estes para cuidarem das suas esposas como se fossem deles, emocionalmente e sexualmente, caso morressem ou desaparecessem. Foi, então nestas comunidades de pilotos, que o conceito de compartilhamento passou a incluir a partilha do cônjuge, as interações sexuais e a troca de mulheres tornou-se comum e aceitável.

Assim, englobando uma antropologia citado por Dâmaso, (2013) o termo swing surgiu por volta do ano de 1970, justamente para quebrar o conceito de troca de esposas, pois o termo “troca” se remete a um objeto ao invés de indivíduo, colocando a mulher como algo inferior e de ser submissa, sem voz ativa e sem poder expressar seus desejos.

Na qual se começa um novo marco na história, que se denomina a era feminista, que é marcada pelo surgimento da pílula anticoncepcional, que trouxe às mulheres a ruptura de que sexo era apenas para a reprodução, deixando de lado os prazeres. Podemos alegar que o feminismo foi e é, uma contracultura intelectual, filosófica e política na qual se busca a equidade de gênero. (BARROS, 2017).

A sexualidade, é um componente básico da personalidade, que causa no indivíduo um modo particular e individual de ser, de sentir, de se comunicar, de se manifestar, de se expressar e de viver o amor. (BERGSTRAND, 2005).

O swing se consiste em um relacionamento sexual de casais estáveis, que exerce o sexo com mais de uma pessoa ou grupal com uma função recreativa ou social, como já dissemos o swing é um estilo de vida de casais adultos que

assumem essa maneira de viver para realizar suas próprias fantasias, juntamente com outros casais, compartilhando a amizade e a intimidade sexual.

No swing há uma série de variedades de práticas sexuais, as mais citadas e que se destacam em meio a prática é o exibicionismo, o voyeurismo, *ménage à trois*, *soft swing*, *hard swing* e sexo grupal. Para um maior conhecimento irei de maneira breve citar cada um deles: o exibicionismo é quando as pessoas gostam de ser observadas, tanto em situações de expressão corporal, como a dança – fazendo insinuações corporais como os *stripper* ou enquanto mantêm relações sexuais; o voyeurismo é quando se tem prazer em assistir às relações de outras pessoas que não se tem contato ou assistir seu (sua) parceiro (a) com outra pessoa; o *ménage à trois*, que na maioria das vezes é chamado de ménage, é o sexo a três, podendo envolver duas mulheres e um homem (ménage feminino) ou dois homens e uma mulher (ménage masculino); o *soft swing*, também chamado de troca leve, se dá por carícias, beijos ou sexo oral entre os casais ou apenas um membro do casal, mas sem ocorrer penetração. Já o *hard swing*, ou troca completa, envolve penetração com alguém que não seja o parceiro e representa o que é, normalmente, chamado de swing. Essas atividades apesar de serem mais comuns de acontecer no âmbito do swing, não são de exclusividades do mesmo e podem ocorrer em outros contextos. (SILVÉRIO, 2014)

Para que essa relação de cunho afeto-sexual, seja prazerosa e o casal chegar a um nível satisfatório, tem que haver um diálogo aberto entre eles. Giddens (1993) defende que “o imperativo da comunicação livre e aberta é a condição *sine qua non* – essencial - da relação pura”. Partindo de uma regra geral aos casais praticantes do swing, o diálogo, como citado várias vezes, é de extrema importância e deve haver uma abertura para conversar sobre todo o tipo de assunto, sem tabus e medos, prezando o sentir-se bem, a boa comunicação, o respeito e o saber ouvir a outra pessoa.

O swing acarreta uma série de descobertas pelo casal de novas experiências sexuais que podem ser boas ou não, a prática pode tanto fortalecer um casal como pode destruir o casamento, e essa situação irá depender muito de como esses casais conduzem a prática.

De maneira geral, o swing traz mais benefícios do que malefícios para os casais e para a sua relação conjugal, fortalecendo o vínculo, a comunicação,

aproximando-os tanto na parte emocional como na relação sexual. Outro ponto bastante pertinente é que os casais mantêm essa prática em sigilo para evitar sua exposição perante às discriminações, mantendo assim, sua “boa reputação”, e muitos relatam estarem bem com esse passo à frente por eles dados, pois não veem problema em seu estilo de vida, apenas querem se resguardar de uma sociedade que ainda não a vê com bons olhos.

Partindo de um pressuposto de perfil dos participantes dessa prática, se nota que as pessoas, normalmente, são de classe média e de classe média-alta, são seres instruídos com empregos fixos, predominantemente com posições e cargos elevados, e de etnia branca. Apresentando uma faixa etária média de mulheres acima dos 30 anos e homens acima dos 35 anos, não sendo necessariamente uma regra, mas é o que percebemos diante de relatos, e artigos lidos sobre o tema.

Não tem como estimar um número exato de praticantes do swing, pois a cada ano vem aumentando. Em setembro de 2006, a rede de televisão ABC News afirma que 4 milhões de pessoas seriam swingers nos Estados Unidos. Em Portugal, 5.000 a 7.500 casais. Na Itália, estima-se que seja mais 370 a 400 mil. No Brasil, Von der Weid (2008) reuniu informações da internet que indicavam a existência de 55 clubes de swing, sendo que 47 estavam nas regiões Sul e Sudeste. Apenas os estados do Rio de Janeiro e São Paulo concentravam 31 destes clubes, este número vem crescendo a cada ano.

Ponderando de uma maneira elementar, o vínculo conjugal serve para clarificar todo um modo de existência, impondo certos papéis aos sexos, os homens teriam que fazer funções que as mulheres não podiam realizar, e as mulheres, por sua vez desempenhavam um papel de dona de casa. Mesmo por trás desses comportamentos que diz respeito a casa e aos bens, há uma harmonização de uma vida compartilhada com a existência comum.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito o que evoluir na história sob o ponto de vista do swing, já tivemos grandes marcos e evoluções ao longo dos anos e isso nos faz repensarmos sobre a sexualidade humana e seus pontos, quebrando tabus e trazendo de maneira geral, a liberdade de expressão e de desejos. Sob o ponto de vista de encontrar

artigos sobre o tema, encontrei certa dificuldade e muitos artigos são de línguas estrangeiras, na qual dificultou um pouco mais a minha pesquisa. A maioria dos artigos traz um levantamento histórico da sexualidade, abrangendo, todo o conteúdo dessa temática sem um enfoque principal, na qual meu objetivo não era levantar dados de toda a história e sim focar na temática do meu artigo, o swing. Como mencionado, a cada ano os números de adeptos à prática do swing sobe e não tem como mencionar um número exato, pretendo me aprofundar mais sobre esse assunto e até mesmo, futuramente, fazer pesquisa de campo para agregar mais conhecimento e colaborar com a ciência para entendermos melhor o campo amplo, dos desejos, das fantasias e da sexualidade humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicologia: ciência e profissão, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002.

BARROS, Patrícia Marcondes de. **A revolução sexual nos anos 70 e o pensamento contra cultural de Rosie Marie Muraro**. Revista NUPEM, v. 9, n. 18, p. 98-108, 2017.

BERGSTRAND, Curtis R.; SINSKI, Jennifer Blevins. **Swinging in America: Love, sex, and marriage in the 21st century**.(Balançando na América: amor, sexo e casamento no século 21). ABC-CLIO, 2005.

DÂMASO, Catarina Filipa Borges. **Impacto da violação de valores conjugais na reação a praticantes de swing**. 2013.

FARIAS, Yuri Max Araújo Tavares de. **Sobre ciúme e swing: quando três não são demais**. 2012.

FOLHA de São Paulo. **“Swing” Club. A opção exclusiva para casais modernos. Requite e descrição**. Folha de São Paulo – Primeiro caderno p.22 agosto 1981.

FOUCAULT, Michel; **A mulher/ os rapazes: História da sexualidade**. Editora Paz e Terra S/A, 1997

GIDDENS, Anthony. **Transformações da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Editora Unesp, 1993

GOULD, Terry. **The lifestyle: A look at the erotic rites of swingers**.(O estilo de vida: uma olhada nos ritos eróticos dos swingers) Buffalo NY: Firefly,.(1999).

HECKLER, Viviane Iara; MOSMANN, Clarisse Pereira. **A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira.** Psicologia Clínica, v. 28, n. 1, p. 161-182, 2016.

MARINI, Dra. Mariagrazia. **Ciúmes**, site: psicoOnline, 2001. Disponível em: <http://www.psico-online.net/psicologia/ciume.htm>. Acesso em: 2018

SANTOS, Marcelo Alves dos. **Prometo-te ser Fiel no Casamento e no Swing.** Publicado em

SILVÉRIO, Maria et al. **Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais.** Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana, n. 18, p. 111-139, 2014.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola.** Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil. 2005.

VIEIRA, Cesar Romero A.; **A formação da individualidade moderna: entre a vontade e o dever.** Impulso Revista de Ciências Sociais e Humanas – Sexo e Comportamento Vol. 23, abril 2013

VON DER WEID, Olívia. **Adultério Consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Brasil. 2008.

LIBRAS - O FALAR COM AS MÃOS: a importância do atendimento psicológico para pessoas com deficiência auditiva.

RIBEIRO, Michele Aparecida
BARACAT, Juliana

RESUMO

O presente artigo aborda a necessidade do deficiente auditivo em ter acesso adequado ao tratamento psicológico, como parte da aceitação da pessoa surda como capaz e autônoma, fazendo com que se perceba o quanto uma pessoa surda passa por diferentes intemperes para ser aceita como ser capaz e que precisa de ajuda para lidar com todo o processo que enfrenta ao longo da sua vivência. Para tanto, caracterizou-se a deficiência auditiva em seus tipos e graus, indicou-se os aspectos educacionais envolvidos no ensino da língua de sinais e apresentou-se a importância do trabalho terapêutico com pessoas com deficiência auditiva. Como resultado, viu-se que o ensino da língua de sinais é de suma importância para a otimização do desenvolvimento e construção da autonomia desses sujeitos.

Palavras – Chave: Deficiência auditiva; Inclusão; Atendimento psicológico para o surdo.

ABSTRACT

This article dresses the need for the hearing impaired to have adequate access to psychological treatment as part of the acceptance of the deaf person as capable and autonomous, making it possible to perceive how a deaf person goes through different intemperes to be accepted as being able and who needs help to deal with the entire process he faces throughout his life. To that end, the auditory deficiency was characterized in its types and degrees, it was indicated the educational aspects involved in the teaching of sign language and the importance of the therapeutic work with people with hearing deficiency was presented. As a result, it was seen that the teaching of sign language is of paramount importance for the optimization of the development and construction of the autonomy of these subjects.

Keywords: Hearing impairment, Inclusion, Psychological care for the deaf.

1 INTRODUÇÃO

A deficiência auditiva é caracterizada pela habilidade reduzida da pessoa em ouvir, acarretando dificuldades na comunicação, fazendo com que tenha dificuldade de ouvir diálogos ou outros sons. Antigamente a deficiência auditiva era caracterizada pela habilidade reduzida da pessoa em ouvir, que causa dificuldades na comunicação, mesmo tendo uma linguagem de sinal inexpressível. As pessoas que utilizam a linguagem de sinais tiveram que lutar para serem reconhecidos pela sociedade, pois é um modo de expressar que os ouvintes não queriam dar abertura,

pois não é uma língua de fácil aprendizagem, mas aos poucos com a dominação passou a ser aceita (SOLOMON, 1987).

Aceitar o diferente não é apenas dizer que somos todos iguais. Com a inclusão faz-se necessário pensar como trabalhar para que o ser humano seja visto com suas diferenças, mas que pode agregar e fazer o melhor com o que tem para oferecer. Incluir é importante para o crescimento da pessoa incluída e também para as pessoas que convivem com seres que possuem alguma deficiência, trazer o deficiente auditivo para junto da comunidade auxilia no desenvolvimento e a língua de sinais é um intermédio entre os deficientes auditivos e os que não possuem esta deficiência (CERQUEIRA, 2003).

No Brasil a linguagem de sinais é a Libras (Linguagem Brasileira de Sinais) essa linguagem é como o português aprendido pelos ouvintes, tem suas peculiaridades é uma língua de difícil aprendizagem com as suas características regionais, falar com as mãos para os deficientes é como a comunicação de pessoas ouvintes, bem como as gírias e gosto, no EUA também tem a linguagem de sinais que é interpretada de acordo com a linguagem inglesa, portanto com formato das mãos diferentes de algumas expressões brasileiras (CERQUEIRA, 2003).

A inclusão no Brasil tem sofrido muitas mudanças se assegurando na Lei brasileira que todos temos direitos de ir e vir, tem direito a saúde educação, baseado com o princípio que toda pessoa tem o direito de ser aceita com suas diferenças e compreendido na sua inteireza. Tendo todos direitos iguais tem que fazer valer das leis para que os deficientes auditivos possam se integrar onde quer que estejam, e isso inclui ser atendido por psicólogo (LDB Art.58 ao Art. 60).

Ao abordar sobre inclusão já cria uma resistência, pois incluir não é só ter pessoas com deficiências nos locais exigidos, quando se pensa em incluir tem que da capacidade para a interação entre as pessoas, para incluir pessoas com deficiência auditiva além do respeito é preciso ter tradutor em libras (PFEIFER, 2013).

Assim, o objetivo deste artigo é estudar a deficiência auditiva e o papel da língua de sinais na otimização do desenvolvimento e da qualidade de vida da pessoa surda, indicando a importância da psicoterapia neste processo. O método utilizado foi a revisão bibliográfica do material previamente selecionado conforme o tema. A busca de materiais foi efetuada através da consulta de livros da Biblioteca

Central da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF) e nas bases de dados Scielo, Bireme, Data Capes e BVSPsi.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1 A Deficiência auditiva e suas especificidades

Detectar a deficiência auditiva na infância é de extrema importância. No passado havia poucos recursos disponíveis para isso, o que acarretava num diagnóstico tardio e efeitos danosos ao tratamento da criança. Hoje com o “teste da orelhinha”, pode -se detectar se há deficiência auditiva na criança recém-nascida e qual o grau de audição. Já quando a perda auditiva não é de nascença pode ter outras variantes se dando de forma gradual ou total. Portanto sob o âmbito da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda, medida em decibéis, na zona conversacional as frequências são de 500, 1000 e até 2000 hertz (LIMA, 2006).

A comunicação seja ela verbal ou não verbal é importante, mas pessoas com deficiência tem dificuldade na aprendizagem da língua portuguesa oral e escrita, pois a acessibilidade de pessoas surdas nas escolas é ínfima, que leva a pessoa surda ter que se adaptar através de leitura labial e até mesmo tentar compreender a língua portuguesa e aprender ler e escrever, o que causa um certo atraso na aprendizagem (VIEIRA, 2005).

Na área da saúde existe uma escala de surdez, que se dá em parcial e moderada, a classificação parcial é para pessoas com surdez leve que é classificada de 40 decibéis, para que a pessoa escute algo tem que ser dito em tom bem alto. Já no grau moderado a pessoa tem a classificação de 40 até 70 decibéis, as pessoas nesse grau têm muita dificuldade na percepção mesmo em alta intensidade, possuem um atraso na linguagem e alteração articulatória, portanto no nível de surdez parcial a pessoa ouve ruídos (VIEIRA, 2005).

A classificação mais elevada é surdez severa e profunda, no nível de surdez severa a dificuldade do deficiente aumenta, as palavras se tornam abafadas e mais difícil de entender, principalmente em locais com muito barulho. Já na surdez profunda o indivíduo deve ser tratado desde o nascimento para poder se adaptar (VIEIRA, 2005. Pág.3).

O termo deficiência auditiva é utilizado para identificar a deficiência, mas para se referir à pessoa o correto é dizer surdo. O surdo percebe o mundo por meio de experiências visuais, mas prefere utilizar a linguagem brasileira de sinais, que a cada dia tem sido mais valorizada na comunidade surda e pelos que não tem a deficiência auditiva (VIEIRA, 2005).

A falta da audição tem várias causas, mas a mais conhecida é quando o bebê nasce sem audição. O que pode ocorrer por conta de doenças maternas não tratadas, como a rubéola e a meningite. Portanto a deficiência auditiva pode acontecer antes, durante ou depois do nascimento do indivíduo (LIMA, 2006).

A perda auditiva é a incapacidade parcial ou total do ser perceber o som em uma ou nas duas orelhas, a perda da audição pode ser gradativa ou de uma vez só, um desses motivos da perda gradativa pode ser o envelhecimento, durante a vida escutar música em alto som, uso excessivo de fones de ouvidos, lesões, doença como caxumba, meningite, sarampo e escarlatina (PFEIFER, 2013).

Para evitar a deficiência auditiva a prevenção é a forma mais eficaz de evitar o problema, pelo fato da surdez poder ser transmitida de pai para os filhos. Por isso faz se necessário tratamentos contra a rubéola e meningite são importantes para evitar que seja gerado uma criança com problema de audição. A surdez pode acontecer antes, durante ou depois do nascimento da criança (VIEIRA, 2005).

A mulher quando jovem deve tomar as vacinas indicadas contra rubéola, antes de casar fazer exames pré nupciais para detectar se a mesma não possui alguma doença que possa gerar problemas futuros para os seus filhos, também é importante fazer o pré natal, na gestação deve se fazer o recomendado pelo médico, bem como não tomar medicamentos sem receita, não ingerir substancias como álcool, droga, não entrar em contato com pessoa com rubéola e é importante evitar radiografia durante os três primeiros meses (VIEIRA,2005).

Na infância é importante que a criança tome as vacinas necessárias, evitar acidentes, sons altos entre outros, como em outras doenças a surdez quando mais cedo detectada, mais fácil será de fazer tratamentos adequados, crianças que não tem a deficiência auditiva detectada precocemente tem dificuldade na aprendizagem (VIEIRA, 2005).

Ambientes com muitos ruídos devem ser evitado para não prejudicar a audição em qualquer idade, bem como utilizar fone de ouvidos em grande parte do

dia, a perda da audição por excesso de som pode ser evitada, com o cuidado com a exposição em alta voltagem, com visita regulares ao otorrinolaringologia (profissional especializado em cuidado com o aparelho auditivo), caso haja algo incomum com a audição (VIEIRA, 2005).

O diagnóstico precoce é a melhor maneira de evitar que a deficiência auditiva adquirida durante a vida se agrave, alguns exames como a audiometria auxilia na prevenção, outros exames podem ajudar no diagnóstico e na perda que já acomete a pessoa, além desses pontos se faz necessário identificar o que causou o problema e tratar de forma adequada para que o problema não se agrave caso a perda auditiva não seja total (VIEIRA, 2005).

As pessoas que estão com comprometimento auditivo fazem-se necessário que elas façam acompanhamento com fonoaudiólogo, programas de estimulação precoce e educação especial, essas ações causam uma melhora no desempenho pessoal, como o problema tem várias causas, o tratamento é variado, bem como a retirada do excesso de cera nos ouvidos, ou em tratamentos mais complexos como a cirurgia. Portanto as infecções nos ouvidos devem ser analisadas e tratadas adequadamente, no caso de perda auditiva ser mais avançada é importante o uso de aparelhos auditivos, os aparelhos ampliam o som no ouvido, já as pessoas com a deficiência severa ou profunda o aparelho de audição não melhora a audição (VIEIRA, 2005).

No livro *Vendo vozes* o autor expõe o caso do personagem Joseph, que se dá a partir dos quatro anos de idade do Joseph, que nessa idade ainda não falava, ele foi considerado como um retardado e até mesmo autista, não foi procurado saber até os quatro anos dessa criança o que ele tinha de fato. Com o passar dos anos ele foi para uma escola que lhe permitiu ter contato com a linguagem de sinais, quando isso aconteceu Joseph se sentiu importante em aprender, com isso ele não queria mais sair da escola e nem queria mais voltar para sua casa, quando dava a hora de ir para casa ele ficava muito aflito, pelo fato de quando estava em casa ele voltava ao silêncio, e retomava ao que lhe deixava sem saber como fazer e ser alguém (SACKS, 2010).

No caso do Joseph é possível identificar que quando ele teve acesso a linguagem ele teve novas possibilidades e orientações, bem como novas aprendizagens e ações do mundo, do seu convívio social e as experiências pré-

verbais. Portanto a linguagem não é apenas uma função entre muitas, mas é uma característica muito difusa que se não temos contato com ela é difícil se comunicar, ao falar de linguagem é importante lembrar que a libras é a linguagem dos surdos, que se dá através de sinais feito com a mão, essa linguagem permite que possa ter uma comunicação e possa socializar-se (SACKS, 2010). Diz o autor:

Para Vygotsky uma palavra não se refere a um único objeto, mas um grupo ou classe de objetos. Cada palavra, portanto, já é uma generalização, sendo a generalização um ato verbal de pensamentos e reflete a realidade de um modo bem diferente do refletido pela sensação e pela percepção (SACKS, 2010. Pág.49).

Na história do Joseph é importante ressaltar que quando uma criança não tem acesso à linguagem ela sofre um perigo eminente, que ameaça o desenvolvimento físico, mental e emocional, pelo fato de que quando o ser humano se comunica pode expressar o que pensa se socializar e o mais importante, para que possa fazer uso da linguagem e ter um autoconhecimento de si e conhecimento do mundo em que vive (SACKS, 2010).

Durante os anos 1980 a linguagem de sinal foi proibida, houve um regresso, os deficientes auditivos se quisessem aprender teria que se adequar ao ensino tido como comum, através da linguagem oral e verbal, que os surdos quando aprendia era a partir da leitura labial, que não facilitava a vida deles, pelo contrário forçava eles a se enquadrar no contexto da maioria, em vez de terem apoio para evoluir para o que lhes são mais adequados (INSTITUTO PROMINAS, 2002).

A linguagem de sinal foi aceita novamente a partir de 1970, com a nova metodologia a comunidade que tinha se adaptado a oralização e sinalizações juntas, continuaria tendo que aprender a linguagem materna e a de sinais, teriam que ser bilingues sendo aprendida a linguagem de sinais e a língua portuguesa escrita. Portanto a linguagem de sinais foi aceita novamente, mas o aluno tinha que aprender a escrever na linguagem materna tendo que se sobressair aos demais alunos (INSTITUTO PROMINAS, 2002).

No Brasil a educação para surdos se deu a partir do segundo império, com a chegada do francês Harnest Huet, que tinha se especializado no Instituto de Paris na língua de sinal, para que a linguagem fosse inserida no país, Huet solicitou ao imperador Dom Pedro II, um local para fundar o instituto de surdo- mudo, esse pedido foi realizado em 26 de setembro de 1857 no Rio de Janeiro, atualmente o

instituto tem o nome Instituto de Educação dos surdos (INSTITUTO PROMINAS, 2002).

O INES (Instituto de Educação dos Surdos) passou a utilizar a linguagem de sinais, mas em 1911 começou a usar o oralismo, já em 1951 a professora Ana Rímole de Faria Dória para ajudar as pessoas surdas, implementou na instituição cursos de capacitação para os professores na língua de sinais (INSTITUTO PROMINAS, 2002).

Assim como no Brasil é importante observar que a linguagem de sinais é importante para inserir de forma adequada os surdos, com isso pode dizer claramente que a linguagem se dá pelo reconhecimento e pelos exemplos vividos, portanto como no caso do Joseph que não tinha uma referência ficou os seus primeiros anos isolados do convívio social pleno, uma linguagem completa se dá pelo sistema sensorial, visual, auditiva e vocal e o sistema motor, mas para os surdos a linguagem se dá mais de forma anatômica (braços e mãos) e visual através da leitura labial, a capacidade de comunicação é muito importante na alfabetização de todos os indivíduos no geral (SACKS, 2010).

Quando se pensa na aprendizagem da linguagem de sinais pensa em gestuais, mas a aprendizagem é bem mais complexa, existe níveis linguísticos, bem como a fonológica, a morfologia e a sintática. A fonológica estuda as unidades mínimas que dão forma aos sinais e que fora de um contexto não tem significado é igual uma palavra isolada. Já a morfologia é a mudança de classe dos sinais já existente, que se inserir dentro de um contexto e que requer classe gramática diferente, exemplo: Telefone e telefonar, por fim a sintaxe estuda e analisa combinações das palavras para a formação de estruturas maiores (frases), essas frases na linguagem de sinais se complementam com as expressões visuais, para finalizar a semântica e dar significado ao que está sendo estudado pelo surdo ou por outras pessoas (INSTITUTO PROMINAS, 2002).

3. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS

No livro vendo vozes o autor a princípio relata não saber sobre a situação dos surdos, nem lhe passava pela cabeça que eles conseguiam ter tantos domínios e conhecimentos, quando inserido no mundo da linguagem, o que o autor relata e conseguiu compreender é o que se vê hoje em dia, onde a inclusão aos surdos está

mais sendo exposta, algumas pessoas conhecem, mas não se interessam e não fazem ideia do que se trata (SACKS, 2010).

Ao entrar um pouco na história sobre as pessoas surdas, percebe-se que possuem uma capacidade de linguagem, pensamento, comunicação e cultura, que não se dá de forma automática, mas que precisa de uma educação adequada, a linguagem visual permite que o surdo consiga se inserir melhor no contexto social, com a inserção do surdo na educação, nota-se quão adaptável e rico é o cérebro humano, mesmo que o surdo não tenha tido uma sonorização a aprendizagem da linguagem de sinal se faz necessária e é muito útil para que possam ser inserido no ambiente em que se encontram (SACKS, 2010).

No censo escolar (Inep/ Mec.2013) a política de educação especial estabelece que a inclusão seja prioridade, com isso surge mudanças na oferta de vagas na educação básica, valorizando as diferenças e buscando atender as necessidades, bem como as dos deficientes auditivos “alunos surdos”, mas para que ocorra um inserção adequada não implica só em abrir matriculas para pessoas com deficiência, faz – se necessário bem mais que isso, e se tratando do alunos surdos seria necessário uma tradutora de libras e as adequações necessárias nos materiais didáticos (TEIXEIRA, 2013).

A inclusão se baseia-se numa escola para todos, onde a diferença não importa mais sim a inserção de forma adequada para o aluno, apesar de uma escola para todos ainda ser uma idealização, que acaba se perdendo nas contradições de como inserir o deficiente, no caso dos surdos a situação é bastante agravada, pelo fato de se tratar de um público com características linguísticas peculiares, eles possuem dificuldades para acessar a língua oral (SILVA, 2016).

Uma lei que ajuda a dar respaldo a questão da inclusão é Lei Salamanca, que foi criada em 1994 na Espanha, com a missão de proporcionar as pessoas com necessidades especiais, educação que os ajudem a ser aceitos com suas diferenças, e não está sendo aceito para ficarem segregados, ou isolados como se não tivessem nenhum potencial. Portanto a Declaração de Salamanca tem por objetivo promover uma plataforma que acomode os alunos com deficiência da mesma maneira que os demais e que assegure uma educação de qualidade (PORTAL DO MEC, 2016)

Quando uma pessoa tem deficiência auditiva ela possui um desenvolvimento singular, decorrente da sua condição linguística e cultural, pelo fato de ter dificuldade de acessar a condição oral que ainda hoje é tida como a língua característica. Mas a libras dá um novo significado para a linguagem, pois possibilita que exista uma linguagem que usa as mãos para se comunicar (SILVA; SILVA, 2013)

A linguagem de sinais é pautada na dimensão espacial, com estrutura semântica sintática e gramatical complexa, mas essa linguagem deve ser aprendida o mais cedo possível, as crianças devem ter aulas com pessoas fluentes para que possam ter uma aprendizagem concisa, que possibilite novas orientações e está em convívio com a comunidade em que vivem (SACKS, 2010).

A aprendizagem de uma linguagem não é apenas uma função entre muitas, ela é essencial para o humano, pois o ajuda a ter capacidade de se comunicar e entender o contexto que o cerca. Para o surdo a linguagem que possibilita a comunicação é a língua de sinais, essa linguagem é mais complexa de entender, mas para o surdo a libras é a porta de entrada para a comunicação e entendimento do que está acontecendo em sua volta. Para que a pessoa com deficiência auditiva possa aprender a linguagem de sinal, é necessário que tenha uma professora que seja interprete da linguagem de sinais (SACKS, 2010).

Segundo Sacks (2010) A língua de sinais manuais usada pelos surdos é uma linguagem ideográfica, sendo mais pictórica (se assemelha a pintura) e menos simbólica, enquadrando -se principalmente no nível de representação por imagens. Portanto a linguagem de sinais é capaz de enunciar de modo essencial qualquer coisa que possa ser dita na língua falada, quando se fala algo em libras uma palavra pode ser um gesto ou os sinais expressões divididos, e para que se torna mais simbólico a expressão facial contribui mais para o entendimento do que está sendo dita.

Para o surdo aprender a língua de sinal tem a mesma importância de aprendizagem da linguagem para um ouvinte, oferecer o ensino de libras nas escolas não é privilegiar os surdo é simplesmente inserir o surdo no contexto social. No Brasil existe lei de inclusão, que no papel se apresenta de forma boa e concisa, mas na pratica ainda está bem precária, principalmente quando se trata de inserir um aluno surdo (SILVA, 2016).

O Brasil no âmbito da inclusão teve importante avanço na educação, com o objetivo de transformar a educação especial como sendo uma modalidade de ensino, não uma disciplina isolada só para o surdo, mas que todos os demais alunos possam fazer parte do mesmo aprendizado, que no caso do aluno surdo é a libras (OLIVEIRA, 1996).

Um país como o Brasil que é pioneiro na questão de incluir, está tendo uma visão mais realista da importância de uma pessoa com deficiência auditiva ter um ensino de qualidade que resguarde toda a essencialidade do aluno, apesar de que alguns surdos serem oralizados, se faz necessário nas escolas em que possui um surdo, um professor que seja interprete de libras. Portanto para que a inclusão seja de uma eficácia maior é de suma importância, que professores de os demais que frequenta a escola se coloque no lugar do aluno que precisa de uma atenção diferenciada para que ele possa sentir parte do processo (OLIVEIRA, 1996).

Quando um aluno surdo tem sua inserção de forma adequada no ambiente escolar, ele consegue ver novas possibilidades, e mostrar o seu potencial e isso não traz benefício só para o aluno, mas para todos que estão inseridos no mesmo contexto que ele, pois o aluno que possui deficiência além de aprender ele ensina como a sua deficiência não é um fato limitante, só é um pouco mais complexo, mas faz com que ele cresça como indivíduo com uma independência, que lhe permite conhecer a cada dia mais o que deseja (OLIVEIRA, 1996).

Na educação como um todo o professor tem um papel fundamental na formação do aluno, quando numa sala tem um aluno surdo, a primeira recepção é que ajuda o aluno a se sentir inserido, por isso na vida do aluno com deficiência um bom professor que o acolha e faz com que ele se sinta como um dos alunos, não o diferente que precisa de ser tratado diferente, ajuda no ato confiança, gerando um ótimo aprendizado (OLIVEIRA, 1996).

Inserir um aluno surdo não é fazer um favor ao aluno é trata -lo com respeito e toda dignidade que um ser humano merece, no país como o Brasil a libras deveria ser a segunda língua a ser aprendida uma segunda língua oficial. Portanto se fosse uma segunda língua obrigatória de ser aprendida por todos, não seria necessário a inserção do surdo ele já estaria ambientado com os demais pelo fato de todos já conhecerem sua linguagem (INSTITUTO FEDERAL SANTA CATARINA, 2017).

4 PSICOTERAPIA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Quando se tem uma linguagem acessível para todos não se faz necessário a inclusão, mas no caso das pessoas surdas para que elas possam se comunicar precisam da linguagem de sinal, no caso a Libras, ainda não são todos que tem a possibilidade de aprender a libras, pelo fato do aprendizado não ser tão acessível, a inclusão dos surdos tem que ser feita em vários âmbitos, bem como na educação, na saúde entre outros lugares, mas para que a inserção ocorra precisa de profissionais capacitados (PEREIRA, 2013).

Ao falar de inclusão deve se entender como o surdo se sente, e como se percebe nesse contexto, pois para que o surdo consiga o básico, bem como acesso à escola, ele tem que correr atrás do seu direito, isso sempre levando em consideração que o atendimento especializado deveria ser acessível em todo local público, falar que toda pessoa surda sofre com os empecilhos que tem é generalizar, mas com tantas lutas para serem aceitos faz-se necessário que ele possa buscar atendimento psicológico. Portanto para que um deficiente auditivo possa ter um atendimento psicológico faz-se necessário um preparo adequado do profissional, ou a disponibilidade de um interprete em libras (PEREIRA, 2013).

A psicologia como em outras áreas da saúde, ainda possui um campo restrito quando se fala no atendimento da pessoa surda, para que isso possa ocorrer, existem pesquisas a favor da oralização dos surdos, uma de inserção através das libras ou ajuda-los a serem bilingues, mas com tantas pesquisas pouco se fala de como o surdo se senti nesse meio onde procura ser aceito e não ser tido como o diferente (CASALI, 2012).

A oralização do surdo na psicologia é feito com a reabilitação que ajuda o surdo a ajustar o foco para a cura do problema auditiva, levando ao ajustamento da fala, essa método leva ao surdo a tentar se adaptar a pessoas ouvintes o que pode lhe causar certos intemperes, pois a pessoa surda para entender uma pessoa ouvinte tem que fazer a leitura labial para facilitar a compreensão ou está bem perto da pessoa que está falando, no caso da perda auditiva não seja total mais parcial (CASALI, 2012).

Muito se diz como ajudar os surdos, a linguagem de sinal brasileira, no caso do Brasil é uma língua muito importante, pelo fato de dar oportunidade da comunicação do surdo com as pessoas oralizada, mas ao passar por vários processos de aceitação o surdo precisa ser compreendido na sua inteireza, e para que possa ser compreendido fazer terapia pode ser uma das formas mais viáveis, se levar em consideração que eles têm direito de ser tratados com toda a dignidade que os demais, mais ai está a questão, nos dias de hoje pouco se ver falar de psicólogo que fala libras (CASALI, 2012).

Falando em como os surdos podem se comunicar, o surdo também pode ser bilingue o que leva os deficientes auditivos talvez terem uma carga emocional grande, pois além de aprender a Libras, tem que tentar se inserir com o oralismo, não que aprender coisa novas não seja importante, mas se fosse ao contrario um pessoa oralizada ter que se inserir no mundo dos surdos, por uma questão de ter que aprender para pode ser aceito, seria um baque inicial para a maioria das pessoas que acreditam que apreender libras não se faz necessário levando em consideração que escutamos (CASALI, 2012).

Falar da necessidade de uma pessoa surda ter um atendimento psicológico perpassa em muitos âmbitos, principalmente pelo fato de não possuir uma quantidade significativa de psicólogos que falam a linguagem de sinais, por isso para um surdo ter atendimento psicológico fica bem mais restrito. Portanto para que o deficiente auditivo tenha atendimento em qualquer área, seja da saúde, educação ou em âmbitos sociais, faz -se necessário que nas escolas a Libras seja uma matéria disciplinar, mas para que isso se torna possível é necessário que o governo e a população se conscientize que a pessoa surda não precisa de favores e sim de serem respeitadas como as demais pessoas que também possui diferença (CASALI, 2012).

A terapia voltada para o surdo surgiu nos anos 1950 e 1960, com a psicologia da surdez, isso se deu pelo fato do surdo ser considerado incapaz, com dificuldades de se adaptar e aprender algo, mas o foco não era voltado totalmente para o surdo, mas sim pelo fato dos psicólogos e outras pessoas acreditarem que a deficiência era um problema emocional, social, linguístico e intelectual, mas sem levar em conta que os surdos são capazes de tudo como os demais, mas que precisam ser compreendidos (CASALI, 2012).

A trajetória da psicoterapia em 1960 a 1970 teve uma ascensão e como consequência disso o surdo foi sendo excluído do pouco que já tinha conquistado, nos dias de hoje pouco se ouve falar em atendimento psicológico para os surdos isso é o reflexo de antigamente que o surdo só era auxiliado na maioria das vezes por professores (PEREIRA; MOURA, 2017).

Com a amplificação do atendimento psicológico, a pessoa com deficiência auditiva se tornou inexpressível, não pelo fato dos surdos não procurarem ajudas, mas por não ter profissionais capacitados para atender os surdos, mas alguns terapeutas argumentam que os surdos não são pessoas tão viáveis para serem atendidas, pois para que um atendimento ocorra, o surdo tem que ter um tradutor ou, saber o surdo ser oralizado e para finalizar o terapeuta ser fluente em libras caso seja no Brasil. Muitas tem sido as barreiras para o surdo poder cuidar da sua subjetividade de forma mais adequada. Portanto quando se fala em acessibilidade um atendimento psicológico adequado é fundamental para auxiliar nas lutas para serem aceitos e reconhecidos como os demais, mas com a suas peculiaridades (PEREIRA, 2017).

Após a década de 70 o que começou a ser oferecido para os surdos em relação a um atendimento psicológico era conversa com conselheiros, orientações, instruções com professores ou assistente social, mas sem levar em consideração a sua subjetividade, e que para ajuda- ló a entender a sua subjetividade se faz preciso o acompanhamento de um profissional capacitado para atende- lós. Ao longo dos tempos tem ocorrido mudanças e nos tempos de hoje muito se fala em acessibilidade, mas mesmo ainda tem alguns impasses para que o surdo consiga todos os direitos (PEREIRA, 2017).

Com o conhecimento sobre o que é deficiência auditiva, fica mais fácil adentra as inquietações e medos dos sujeitos que não possui audição, a psicologia tem um papel importante na compreensão do surdo, o que estreita a relação é a falta de profissionais que usam a linguagem de sinal (MACÊDO; TORRES, s.d.)

Na contemporaneidade a surdez é tida pela maioria dos profissionais de psicologia como uma diferença cultural, mas os surdos estão sempre tentando afirmar sua identidade e mostrando que são membros de uma minoria linguística, mais que não são de uma cultura diferente e sim tem uma linguagem que é

diferente, mas possível de a ser adequada a cultura na qual estão inseridos (MACÊDO, s.d.).

No âmbito do atendimento psicológico, a psicologia inclusiva se faz necessário, pois ajuda a capacitar e elucidar o conhecimento de como fazer um atendimento, para tanto se faz necessário a busca de matérias que mobilize e de fácil compreensão do surdo. Portanto a inclusão do deficiente auditivo não é só falar em sinais mais compreende o que significa para o surdo conseguir se expressar (MACÊDO, s.d.).

A psicologia inclusiva será um norteador para estudantes e profissionais de psicologia, pois será a porta de entrada para uma maior oferta de atendimento para pessoa com deficiência auditiva, portanto a psicologia inclusiva é o estudo sobre a psicologia e como trabalhar inclusão, formando uma inter-relação que ajuda e das possibilidades e traz uma funcionalidade a pessoa surda que precisa de um atendimento psicológico (MACÊDO, s.d.).

Um psicólogo que se propõe a trabalhar com a perspectiva de atender um deficiente auditivo tem que pautar seu atendimento dentro de um compromisso social e de forma mais acessível a maioria da população, com o seu serviço voltado para contribuir e tendo um olhar diferenciado para o paciente, sem quer enquadrá-lo e normatiza- ló aos pacientes que são ouvintes, com isso partir do princípio de que o surdo tem que ser entendido no seu contexto e subjetividade (MACÊDO, s.d.).

No Brasil pouco se ouve falar em atendimento psicológico para pessoas surdas, mas no estado do Pará tem uma psicóloga chamada Priscila Mourão que atende pessoas surdas, ela se propôs a atender pessoas com deficiência auditiva, por ter uma experiência com um paciente que foi ao seu consultório por três vezes e não falava nada, com isso ela sentiu que poderia aprender libras para ajudar pessoas surdas (ROSSI, 2016).

A inclusão como uma lei é importante, mas no SUS não oferta atendimento psicológico para os surdos, os profissionais em sua maioria não têm acesso e nem disponibilidade para aprender a libras por não ser uma língua de fácil aprendizagem, mas mesmo com tantos empecilhos se faz necessário que alunos desde a infância até a faculdade aprenda a libras (ROSSI, 2016).

Para a psicóloga Priscila: fazer atendimento psicológico com os pacientes surdos é bem prazeroso, pois permite proporcionar um atendimento que viabiliza um

outro tipo de conhecimento, podendo entender que os surdos têm muito mais a oferecer. Portanto atender a pessoas surda abrange também as demandas de suas famílias para auxiliar na compreensão das suas dificuldades (ROSSI, 2016).

O desafio para um psicólogo trabalhar com essa demanda é proporcionar uma inclusão adequada para a comunidade de pessoas com deficiência auditiva em todos os âmbitos da sociedade, e também incentivar formação para psicólogos na língua de sinais, e buscar auxiliar alunos e professores para que tenha cursos possibilidade de fazer curso de uma forma mais acessível (ROSSI, 2016).

Para a psicóloga Priscila Mourão: Um psicólogo que fala a linguagem de sinais, tem muito a contribuir: “Acredito que a psicologia tem um potencial de fomentar o autoconhecimento da pessoa surda, se crescimento e sua maturidade emocional, proporcionando a ressignificação das questões específicas pela qual o surdo passa e ajuda-los a compreende a angustia e frustrações (ROSSI, 2016).

Falar em libras é amplo e contribui no todo, em relação na área da psicologia o profissional capacitado na língua de sinais contribui para que a pessoa surda aprenda a conviver com suas dificuldades, limitações e possa entender como trabalhar suas potencialidades. Portanto o surdo tendo possibilidade de ter um atendimento psicológico ele se sentirá aceito e acolhido de uma forma mais humana e podendo compreender seus problemas como um todo e conseguir lidar com as dificuldades que estão passando (ROSSI, 2016).

No contexto da psicologia inclusiva encontra-se dificuldade, isso só reforça a importância de se realizar pesquisa no meio acadêmico para compreender e inserir os surdos, capacitando os alunos do início da aprendizagem até a universidade, portanto ainda há um longo caminho, mas isso não pode ser um empecilho para que nós psicólogo possamos ampliar nosso conhecimento e buscar ajudar os seres humanos independente das suas necessidades (MACÊDO, s.d.).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o que se perpassa na situação de uma pessoa com deficiência fica mais fácil compreender o quanto eles lutam para serem inseridos no meio social, para se sentirem aceitos como seres humanos com dificuldades igual ao demais em qualquer ambiente, sem precisar de se respaldar sempre nas leis de inclusão que

garante que eles tem direitos, pois se todo ser humano tem direitos e deveres iguais não seria necessário uma lei para reforçar o direito que os surdos por serem seres humanos já tem.

Quando se fala em educação inclusiva, se deduz que qualquer aluno poderá estudar, mas no Brasil essa inclusão é ainda bem precária, quando a inclusão é de um deficiente auditivo, pois para que um surdo possa estudar precisa fazer requerimento para poder ter um

(a) ou professor (a) interprete em libras, mas pelo fato de ser um recurso que pouco se encontra, ainda existe alunos que não tem acesso a escola.

Na área da saúde é um pouco mais complicado, por exemplo no posto de saúde do meu bairro não existe nenhum funcionário que fala em línguas de sinais, como é possível que um deficiente auditivo diga para o médico ou até mesmo um psicólogo o que está acontecendo com ele, sabe- que para incluir a mudança não vem só dos governantes, mas também da postura da população que não se preocupa em aprender outras língua porque não precisa usa- lá, para uma grande parcela da população a libras não tem utilidade nenhuma.

Em se tratando de incluir o surdo deve ser incluído em todos os aspectos sociais, para que isso ocorra um mínimo de pessoas ouvintes precisariam saber falar em língua de sinais, mais isso não ocorre nem na sociedade e também na área da psicologia, ao fazer um curso universitário a aluno se não pagar não tem acesso a ensino da linguagem brasileira de sinais que é tida como a segunda língua do Brasil, se isso é verídico porque deveríamos ter a matéria libras como obrigatória no processo ensino aprendizagem no lugar da matéria de inglês ou as duas matérias. Por ser uma língua complexa muitos se abstêm de aprende-la ou até oferecer como carga horária.

O deficiente auditivo quando consegui ser atendido por um profissional da saúde, em específico um psicólogo sente- se valorizado, acolhido, pois pode trabalhar os seus problemas tratando de uma maneira adequada e não com qualquer profissional que fale libras. Portanto a psicologia inclusiva valoriza e da autonomia ao paciente surdo de se expressar da melhor forma possível.

Um atendimento para pessoa surda não é um mio mais fácil de atendimento, pois precisa ter uma breve noção de libras, que permite que ambos se comuniquem, se nas faculdades os alunos aprende se a linguagem de sinal, com isso os alunos

que fazem psicologia teria um base para poder começar a utilizar a linguagem de sinais. No Brasil pouco se ouve falar em psicólogos que atende a pessoa com deficiência auditiva, mas os poucos que existem fazem isso de forma dar autonomia para o indivíduo surdo.

Como a inserção ainda está engatinhando, se faz necessário que os profissionais de psicologia tenham um interesse em aprender a língua de sinais e se disporem a ajudar ao ser surdo que não é oralizado, pois o surdo não é aquele que não ouve nada também tem os que são surdos que com ajuda de aparelho conseguem escutar, mas esse também procuram aprender a libras para poder ter acesso a língua caso ocorra um intempere futuro.

Para tanto por se tratar de um jeito pouco comum de atendimento faz -se necessário repensar que o surdo com suas subjetividades e lutas precisam de um profissional que o atende com qualidade, pois como foi descrito ao longo do texto os surdos quando tinham algum problema psicológico era ouvido por o interprete de libras. Portanto a psicologia inclusiva faz- se necessário levando em conta que o psicólogo busca ajudar o ser humano independente do indivíduo ser caracterizado como ser especial, mas não no sentido de ser trata bem, mas por ter uma deficiência.

REFERÊNCIAS

CASALI, D. **Atendimento psicológico ao surdo usuário das libras no município de Itajaí**. Universidade do vale do Itajaí. Programa de Mestrado profissional em saúde e gestão do trabalho. SC, 2012.

CERQUEIRA, F, L. **A inclusão do deficiente auditivo e a aquisição da linguagem brasileira de sinais**. Trabalho de conclusão da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF. Garça. SP, 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre princípio política e práticas na área das necessidades educativas especiais. www.portal.mec.gov.br. Acesso em 16 set 2018.

INSTITUTO FEDERAL SANTA CATARINA. **Aprendendo língua brasileira de sinal como segunda língua** Palhoça. 2017/2018. Disponível em: http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/Apostila_Libras_Basico_IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf. Acesso em 17 set. 2018.

INSTITUTO PROMINAS. Pós-graduação. www.ucamprominas.com.br. Acesso em 27 abr. 2018.

LDB- **Leis de inclusão** Art.58 aos 60. Acesso: 29 mar 2018.

MACÊDO, L, S. TORRES, C, R, V. **1º Seminário luso – brasileiro de educação inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão**. Sem data de publicação.

MARIA, D. LIMA, A. **Educação infantil saberes e práticas da inclusão. Dificuldades de comunicação e sinalização**. Ministério da Educação secretária de educação especial. Brasília 2006.4ed.

OLIVERA, L, A. **NGI. Curso de lei e diretrizes e bases**. Legalização conforme lei número 9,394, decreto presidencial nº 5.154. Registro 343321849. [HTTPS://pav.hotmail.com/B7565856P](https://pav.hotmail.com/B7565856P) 1996. Acesso em: 03/06/2018.

PEREIRA, B, A, M. MOURA, L, L. **Surdez e psicologia clínica: contribuição da literatura**. ISSN. 16.46-69 77 publicado em 01/10/2017.

PFEIFER, P. **Crônicas da surdez**. Ed. Sumus. SP, 2013.

ROSSI. **Atendimento em libras**. Conselho Regional de psicologia. Nº 187. Maio/ junho. 2016.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Companhia de bolsa. SP. 2010.

SILVA, C, M. SILVA, D, N, H. **Libras na educação. O que dizem os profissionais da escola?** Psicologia escolar e educacional. SP. V 20. N1. Janeiro/ Abril.

SOLOMON, A. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Ed. Companhia das letras. 1987.

TEXEIRA, A. **Instituto de estudos e pesquisa educacionais. Censo escolar da educação básica**. Resumo técnico/ instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais. Brasília, 2014.

VIEIRA, J, L, P. **Cartilha convivendo com a surdez**. Igreja Batista Memorial. SP, 2015. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com>. Acesso em 17 set. 2018.

ASPECTOS GERAIS DA LESÃO MEDULAR E O USO DA PSICOLOGIA COMO AGENTE DE QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE

GUILHERME, Thaís Amanda
CRUZ, Reinaldo Pereira da

RESUMO

Este artigo tem como alvo abordar a lesão medular em seus aspectos gerais, etiológicos, bem como, de que maneira a Psicologia, através da TCC (terapia Cognitiva Comportamental), pode ajudar o paciente acometido com essa patologia a recuperar sua autoestima, autoconfiança e superar os possíveis quadros depressivos diante de tamanho trauma sofrido. A lesão medular não é considerada uma doença para óbito, porém apresenta muitos impedimentos aos pacientes desde as mais simples funções como usar seus reflexos ou mover seus membros, como as mais complexas: locomover-se, sua higiene pessoal e como em muitos casos até alimentar-se sem a ajuda de terceiros. A Psicologia nesses casos pode ser um agente que promove bem-estar e qualidade de vida do paciente em conjunto com uma equipe de saúde multidisciplinar. Este trabalho é uma revisão bibliográfica, narrativa, de autores que versam sobre lesão medular, somado ao estudo de artigos científicos e a captação de citações que concatenem a ideia desse trabalho. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica acurada em sites de cunho científico como Scielo, Pepsic, publicações científicas e ainda material cedido pela FASU (Faculdade de Ciências da Saúde) que colaboraram para a construção desse artigo.

Palavras-chave: Lesão medular; Psicologia; qualidade de vida; TCC.

ABSTRACT

This article has as the aim to talk about the spinal cord injury in its general aspects, etiologic, as well, the manner as Psychology; through the CCT (Cognitive and Compartmental Therapy) can help the patient that suffers with that pathology to recover its self-teem, self-confidence and to overcome the possible depressive episodes face the suffered trauma. The spinal injury is not considered a disease for death, thus, it presents lots of impechements to the patient since the most simple function as to use reflexes or move its member, as the most complexes: move, its personal hygiene and in many cases feed itself without help. Psychology in that cases can be the agent to promote wellbeing and quality of life in the patient's life joint to a multidisciplinary crew. This paper is a bibliographical review narrative, about author that verse about spinal injury, add to the studies of science articles and the capitation of citations the connect the ideas about it. For that was done one great bibliographical research I science sites as Scielo, Pepsic, science magazines and yet material had given by FASU (Faculdades de Ciências da Saúde) that helped to construct that article

Keywords: Spinal cord injury; Psychology; quality of life; CCT.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais encontra-se no entorno social pessoas que sofrem de lesão medular, entretanto pouco ainda tem se caminhado no processo de compreensão dessa doença e como a psicologia pode contribuir para amenizar o sofrimento dos portadores e oferecer-lhes uma melhor qualidade de vida.

As lesões medulares (L.M) sem ampliam atualmente, sobretudo por conta do aumento da violência urbana. Muitas causas são geradoras das lesões medulares, dentre elas negligência nas vacinações, acidentes de trânsito, doenças crônicas e outros.

A cada milhão de pessoas no mundo, em média de 30% a 40% das pessoas sofrem L.M. No Brasil, é possível estimar que de cinco a seis mil pessoas por ano sejam vítimas de tal comprometimento. O índice de vítimas de L.M. é crescente, porém há uma diminuição dos agravamentos por conta dos avanços nos tratamentos. (CASALIS, 2003)

Segundo Vall Braga & Almeida (2006) além de sua gravidade, a LM exige um programa de reabilitação longo e oneroso, que na maioria das vezes ajuda na adaptação do indivíduo à sua nova condição. Esse processo de reabilitação, no entanto, vai para além da prevenção dos danos causados pela lesão e objetiva principalmente melhorar da qualidade de vida através da independência funcional, tal qual aumento da autoestima e inclusão social desses pacientes.

O trabalho de Silva (2004) contribui para a compreensão desta representação psíquica das ações motoras (andar, correr, movimentar-se, comer, urinar e fazer sexo, por exemplo) na medida em que apresenta o corpo humana sendo a representação de um organismo integrado pela funcionalidade e capacidade de gerar prazer e gratificação. A Lesão Medular pode gerar comprometimento severo da função motora, com mudanças de potencial funcional e grau de independência. Desta forma, a dificuldade ou incapacidade para a realização de movimentos físicos poderá ser percebida de modo muito negativa, caso o sujeito apresente dificuldade em perceber outras capacidades, potenciais e alternativas através das quais possa obter satisfação de suas necessidades e anseios.

De acordo com Fecho e Pacheco et al (2009) as lesões geram alto custo para o governo, e principalmente acarretam importantes alterações no estilo de vida

do paciente. Ela causa perda parcial ou total da motricidade e sensibilidade, além de comprometimento vasomotor, intestinal, vesical e sexual.

O indivíduo é adjetivado de acordo com aquilo que ele faz, através da atividade que realiza. Entretanto, com o decorrer do tempo, passa a ser substantivado relativo a esta atividade. Tal qual o sujeito que sofre uma LM.

Com a ocorrência da LM inicia-se uma "coisificação" do sujeito, distanciando-o da ação que originou a atribuição desta nomeação. O indivíduo com Lesão Medular pode ser um exemplo desta coisificação, pois antes de conhecê-lo de fato e saber características suas, muitos podem pressupor sobre aquilo que ele é ou não, capaz de fazer e produzir, partindo unicamente da informação de que ele tem uma condição limitada e não do que ele realmente é. (FECHIO e PACHECO et al, 2009).

Os autores Fechio e Pacheco et al (2009) salientam a falta de locomoção como a primeira perda notada pelo paciente após a lesão e a sua primeira questão dirigida ao médico nos momentos iniciais após o acidente.

Em trechos dos relatos autobiográficos dos escritores Pecci (1980) e Paiva (1982) apud Fechio e Pacheco et al (2009) ambos portadores de Lesão Medular, faz-se presente, além de todas as outras preocupações, à incapacidade de andar e a paralisação dos movimentos físicos que muitas vezes são encarados como impossibilitadores de um transitar no mundo, com autonomia e liberdade.

Fechio e Pacheco (2009) versam que a lesão medular evidencia, com a perda da integridade física, a mudança da imagem corporal e a desestruturação psíquica, sendo assim, a participação do profissional da área psicológica é vital para a orientação na reestruturação psíquica perdida após a lesão sendo de suma importância para retoma de consciência corporal, não baseada no que se perdeu, mas no que resta de chances de vida qualitativa para aquele paciente.

De acordo com Silva (2004) o profissional em Psicologia também apresenta importante contribuição ao relacionar a aceitação de recursos instrumentais utilizados na reabilitação à percepção e elaboração da deficiência. Segundo este autor, dificilmente haverá a incorporação da cadeira na representação que o indivíduo faz de si, já que este instrumento evidencia a deficiência e contraria o conceito anteriormente estabelecido de andar através das próprias pernas. Desta forma, a percepção do sujeito poderá tornar-se positiva, com a ajuda do psicólogo

quando o instrumento for relacionado a uma imagem que valorize as potencialidades que ele pode oferecer.

A sexualidade pode ser considerada um fator importante no processo de reabilitação, pois a limitação sexual e, segundo Fechio e Pacheco (2009), costuma ser uma das mais frustrantes na medida em que envolve imagens, conceitos e valores estruturados antes da Lesão medular e assim a terapia pode vir a ser um instrumento de reabilitação de tudo que se tornou impossível aos olhos do paciente.

Portanto, objetivo geral deste artigo é apresentar a lesão medular, suas causas, consequências, bem como, analisar como essa doença afeta o cotidiano e a autoimagem do paciente, sua autoestima, autoconfiança e pode ser o causador de um quadro depressivo. Visa perceber como ele lida com a desestruturação de sua imagem com a perda dos movimentos, dores, perda da mobilidade, sexualidade e funções diárias. Desta maneira, o objetivo específico deste trabalho seria descrever como essa patologia acomete o paciente e como ela pode ser tratada e amenizada, oferecendo a ele maior qualidade de vida através da TCC (Terapia Cognitivo Comportamental), dentro das limitações com as quais ele deverá lidar diante da menor e maior gravidade de sua lesão, sob influência do trabalho terapêutico psicológico a ser desenvolvido.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Método

O método usado neste artigo monográfico foi a revisão bibliográfica narrativa, em que através de autores especializados no assunto foi feita a busca de citações de forma direta e indireta; uma pesquisa que foi realizada entre fevereiro e agosto de 2018 e conta com artigos científicos selecionados e relacionados ao tema, a partir de dados coletados em sites de publicações de cunho científico como; Scielo, Pepsic, Google Acadêmico entre outros, utilizando as palavras chave: lesão, medular, Psicologia e qualidade de vida. Dentro do processo de pesquisa foram feitas consultas em livros e periódicos acadêmicos da biblioteca da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral, sites especializados em Psicologia e na área de Lesão Medular.

2.2 Aspectos gerais sobre lesão medular

A lesão medular traumática gera pujante impacto nos níveis do desenvolvimento humano, não tratamos em condição letal, mas em condições que limitam o paciente em suas mais necessárias demandas, bem como, em seu estilo de vida (MURTA; GUIMARAES 2007).

As principais causas da lesão medular traumática são os acidentes de trânsito, ferimentos com arma de fogo ou acidentes em mergulho. A agressão traumática resulta em uma secção ou dilaceração parcial ou completa dos feixes dos nervos da medula espinhal, implicando em perdas sensoriais, motoras, sexuais, Descontrole de esfíncteres da bexiga e do intestino e complicação potencial nas funções respiratórias, térmica e circulatória, espasticidade e dor. (GALVIN ; GODFREY, 2001 p 57)

A medula espinhal se caracteriza por uma massa cilindroide de tecido nervoso situada dentro do canal vertebral e ocupa desde o canal occipital até a segunda vertebra lombar. Esta é achatada no sentido ântero-posterior com um calibre não uniforme por apresentar duas dilatações chamadas de intumescência cervical e intumescência lombar. Tais dilatações correspondem a áreas de conexões com as grossas raízes nervosas dando origem ao plexo branquial e lombossacral que são destinadas a inervação dos membros superiores e inferiores. (CEREZETTI ; NUNES, 2012).

A medula é responsável pela condução nervosa e é o centro nervoso sendo que através dos feixes e fibras realiza o transporte de influxo nervoso e, desta forma a corrente sensitiva chega às regiões periféricas, pelas raízes posteriores, elevando-se ao encéfalo pelos feixes ascendentes. Dentro da corrente motora que vem do encéfalo descendo ao longo da medula pelos feixes piramidais diretos e cruzados, e assim, saindo através das raízes anteriores dos nervos raquidianos, indo aos músculos e realizando a contração sob a influência do impulso nervoso, (CEREZETTI ; NUNES, 2012).

Dentro desse panorama apresentado da formação medular as lesões podem apresentar-se em duas categorias etiológicas, a saber: traumáticas e não traumáticas, sendo a primeira de maior incidência na população adulta mundial. As lesões podem ser tipicamente divididas em: tetraplegia quando acomete o tronco, membros superiores e inferiores e músculos respiratórios e paraplegia que compromete o tronco de maneira parcial ou completa dos menos inferiores. (SOUZA; ARAUJO, 2013).

As limitações impostas por esta condição diminuem a exposição o organismo a contingências de reforço positivo e aumentam a possibilidade de sua exposição a contingências aversivas, com repercussão importante sobre as relações familiares, afetivas, sociais e ocupacionais. (KENNEDY et al, 2000 p 57).

Desta forma, a busca no aprimoramento no tratamento da lesão medular após a segunda guerra trouxe maior alento ao paciente e o avanço nos estudos da psicologia demonstra ser eficientes no trato da recuperação da autoestima e autoconfiança e na reconstrução da imagem quebrada pela perda dos movimentos e perda da liberdade de locomoção.

2.2.3 Consequências diretas da lesão medular

Para Delise (2002) apud Lima e Torres (2014) a Lesão Medular é uma condição onde a pessoa vive uma fragmentação da sua visão corpórea, esta resulta em pujantes limitações das atividades físicas, que resultarão em alterações drásticas nas funções motoras, sensoriais e autônomas do indivíduo, adicionando também, as limitações na sua sexualidade.

A lesão medular gera um pesado conflito psicológico, gerando inúmeras mudanças no aparato da aparência, no funcionamento do corpo e no dia-a-dia da pessoa. Podemos caracterizar como completa ou incompleta o trauma na coluna vertebral. Nas lesões completas há apartação de ação sensitiva e motora, incluindo os segmentos sacrais abaixo do nível do trauma, entretanto já nas incompletas têm-se agravamento de algumas estruturas medulares, deixando outras funcionando, havendo conservação parcial de função sensorial/motora abaixo do nível da lesão. (BARBOSA, 2003)

Desta forma, segundo Lima e Torres (2014) quando o indivíduo tem este quadro de lesão, ele sofre mudanças em inúmeras funções, estas afetam o corpo como um todo, pois compreende-se o ser na esfera biopsicossocial, neste sentido também vê-se grande dificuldade de consentir com esse inesperado momento.

Os prejuízos são visíveis nos reflexos psicológicas, sociais e econômicas, no entanto, isso já é de se esperar, já que as pessoas com LM tendo em vista as emoções variantes entre desamparo, fraqueza, depressão, rejeitam o novo modo de vida, a autoimagem distorcida e a insegurança, destarte, irão aturar as dolorosas e

abruptas mudanças. Tudo isso, gera no paciente emoções negativas de insegurança, temor e ansiedade, que são bem difíceis de corrigir.

Torna-se visível diante do fenômeno da doença, a alteração de todo o escopo de vida do indivíduo, mas não somente ele, mas te todo o seu entorno familiar. Nestes quadros, o indivíduo tem uma clara percepção de que sua vida muda, esta vai desde o aparato físico, de forma assustadora, até a mudança de hábitos, outrora saudáveis e que agora são influenciados pela situação deficiente e incapaz. (LIMA; TORRES, 2014).

Para Lima e Torres (2014) quando o paciente adiciona todos esses eventos e entende que houve uma mudança na vida, que neste momento suas capacidades estão limitadas e que depende de terceiros, gera então um profundo sentimento de pesar e uma extensa dificuldade de acolher o momento, pois encontra-se diante de barreiras difíceis de serem vencidos, muitos não conseguem ressignificar esse período fazendo pensar até mesmo na morte.

A identidade é composta por um conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais que servem para expressá-la. Esses elementos, além de caracterizar e identificar o indivíduo, também faz a sua representação simbólica.

Ciampa (2001) compreende a identidade como um procedimento de transformação metamorfofísica permanente na qual o espaço temporal cingi distintos momentos e distintos fatores, estes passam a influir nas relações que o indivíduo estabelece com o meio e suas relações interpessoais.

Os autores Lima e Torres et al (2014) postulam que as pessoas com lesão medular completa e incompleta encontram objeções ao estabelecer suas alianças relacionais no aspecto interpessoal, tudo ocorre em função do déficit que a sociedade encontra para tratar essas diferenças, como também, a forma de enfrenta-las, tudo isso gera uma intimidação a ética e a moral.

Os profissionais da área psicológica propõem a importância da contextualização do corpo com a deficiência no processo de reversão dos rótulos gerados, esta ação gera uma mudança gramatical, ou seja, os nomes e adjetivos igualam o indivíduo à deficiência comumente.

De acordo com Lima e Torres (2014) o labor da reabilitação do indivíduo com lesão medular poderá ser mais eficiente e produtivo quando houver uma equipe

multidisciplinar, todos empenhados na melhora e na qualidade de vida do lesado medular.

Verifica-se o constrangimento, a humilhação e o mal-estar psicológico e social ocasionado pelo estigma e também pelo preconceito resultante, onde as pessoas referem-se ao indivíduo não pelo nome, mas sim tomando-se como referência a marca que possui, sendo rotulado e desqualificado, gerando sentimentos de inferioridade e depreciação que agravam ainda mais a sensação de inadequação e rejeição do meio, levando a deterioração da identidade. (BERTO; BARRETO, 2011 p 179).

Segundo Puhlmann (2000) acredita-se naquilo que favorece e impulsiona o paciente, este é o seu ambiente, pois através dele é possível construir formas efetivas nas adaptações do lesado, em suas ordens orgânicas e psicológicas, na socialização e na reabilitação afetivo-sexual. É fundamental o trabalho em sintonia da equipe multiprofissional, este processo eficiente se dá a compreensão que cada um tem de si, a forma como dividem os resultados favoráveis e contrários e como eles envolvem a família do lesado, pois será a família o grande aporte do paciente.

É a partir deste trabalho híbrido, onde há partilhas de conhecimentos e experiências, que pode-se garantir um atendimento eficiente onde a Psicologia ganha destaque no processo de resignação e resgate dos valores pessoais e da autoimagem do paciente.

2.3 O papel da Psicologia no tratamento de paciente com lesão medular que apresenta quadro depressivo

Quando se trata da temática lesão medular não se pode limitar suas consequências apenas na esfera motora e seus efeitos, mas é importante compreender que tais consequências podem alcançar as inúmeras funções vitais do indivíduo. Não somente enxergam-se as consequências no lesado, mas elas se estendem ao entorno do paciente, atingindo família, amigos e a própria sociedade. Há um ônus emocional imensurável para o lesado medular. Toda a autonomia, antes em perfeito estado, deixa de ser uma realidade, com a doença a pessoa passa a perder sua independência e autossuficiência, perde significativamente as funções corporais e, não obstante tudo isso, passa a ser dependente de outras pessoas para realizar suas necessidades básicas (HAMMEL, 1995 apud CONCEIÇÃO e AUAD et al 2010).

De acordo com Elliot (2003) logo após a lesão medular acontecer o indivíduo pode apresentar sinais bem acentuados da depressão. Esta doença impede a

pessoa de fazer inúmeras atividades que antes eram corriqueiras, algumas delas vão serão realizadas com muita dificuldade e outras impossíveis. O lesado passa também por outras dificuldades, ele tem insônia, alteração no apetite, disfunção sexual e autoimagem negativa. (ELLIOT et al 2003).

Para Conceição e Auad et al (2010) com a lesão medular crônica o indivíduo precisa aprender a lidar todos os dias com as dificuldades que a sociedade impõe, pois esta não está preparada para a inclusão de indivíduos com necessidades especiais. Entretanto, não há um consenso entre os autores sobre a depressão no próprio indivíduo advinda de sua infância e sua formação psicológica ou se o indivíduo apresenta apenas episódios de depressão por conta da lesão medular.

Estudos indicam que o predomínio dos episódios de depressão é maior entre pessoas com lesão medular recente variando entre 10 a 30%. Contudo, alguns membros da equipe de reabilitação aderem de forma contumaz à ideia de que os distúrbios psicológicos sempre são enormes em indivíduos que apresentam lesões mais altas, do que entre pessoas com paraplegia ou lesões incompletas. (HAMMELL, 1995).

2.4 A aplicação da TCC (Terapia Cognitivo Comportamental) como um dos possíveis tratamentos psicológicos para pacientes com Lesão Medular

2.4.1 A TCC como um dos possíveis tratamentos na Lesão Medular

Para Beck (2006) a tríade cognitiva de distorções que devem ser trabalhadas durante a TCC e que não divergem no caso de pacientes com lesão medular

O modelo cognitivo de Beck (2006) para a depressão traz alguns pontos fundantes chamadas de tríade cognitiva e distorções cognitivas. Essa tríade cognitiva apoia-se que existe uma visão negativa de si mesmo, esta visão cria um senso de inadequação frente ao mundo que se vê, principalmente nas relações em que está inserido, levando a um forte sentimento de desesperança. As pessoas que são geradas por esses pensamentos e visão negativa criam um falso senso de que a realidade nunca vai melhorar, de que o indivíduo nunca servirá para nada, ou nunca será feliz. Desta forma, tais pensamentos se associam à ideia de suicídio, o desalento se intensifica, logo, a morte passa a ser identificada pelos depressivos

como a possibilidade de exterminar a dor ou o sofrimento psicológico, ou seja, um escape frente o cenário insuportável.

Segundo Beck (2006) as distorções cognitivas, que são compreendidas como erros sistemáticos na percepção e no processamento de informações, ocupam lugar central na depressão ou no quadro depressivo. As pessoas com depressão tendem a estruturar suas experiências de forma absolutista e inflexível e este modelo de pensamento resulta em erros de interpretação quanto ao desempenho pessoal e ao julgamento das situações externas com relação a si mesmo e o mundo que a cerca. Por isso a TCC ajuda na mudança de essa tríade cognitiva mudando, a maneira como lidar com os pensamentos, a forma de enxergar-se e a mudança do comportamento.

Para Leahy (2003) a TC da depressão é um processo de tratamento que leva os pacientes a modificarem crenças e comportamentos que produzem certos estados de humor e que são cíclicos, ou seja, vão e voltam. As estratégias terapêuticas da abordagem cognitivo-comportamental da depressão devem trabalhar três fases: 1) foco nos pensamentos automáticos e esquemas depressogênicos; 2) foco no estilo da pessoa relacionar-se com outros; e 3) mudança de comportamentos a fim de obter melhor enfrentamento da situação problema.

Para Leahy (2003) uma das vantagens da TC é a participação ativa do paciente no tratamento, de modo que ele é auxiliado e auxilia a: identificar suas percepções distorcidas; reconhecer sua forma de pensar negativa e buscar pensamentos alternativos que demonstrem a realidade mais de perto. O paciente encontra as evidências que sustentam os pensamentos negativos e os alternativos; e o próprio paciente gera pensamentos mais apurados e dignos de crédito, que são associados a determinadas situações em um processo chamado reestruturação cognitiva.

A TCC baseia-se na capacidade de pensar de forma realista, ou seja, na ampliação do entendimento sobre a realidade. Quando se trata a depressão, a TCC traz uma vasta importância clínica, ela propõe um caminho real de auxílio para compreender as verdadeiras crenças que não estão vinculadas aos fatos, isto ajudará o crivo do paciente quando for julgar os pensamentos geradores da depressão, essa leitura de realidade é quase sempre associada aos lesionados medulares. (LEAHY, 2003)

Pode considerar que o objetivo primevo do tratamento é gerar a redução dos sintomas, neste processo não se descarta o comportamento, pois ele pode ser autopunitivo na pessoa com lesão medular.

De acordo com Powell e Abreu (2008) a primeira estratégia, o agendamento e o monitoramento de atividades, pode ser uma ferramenta poderosa usada nos pacientes com depressão e que no caso do paciente lesionado pode mostrar sua progressão diante das atividades que não conseguia fazer e passou a conseguir.

Na TCC observa-se a conjuntura do lesionado para assim definir as sessões preliminares, estas darão dados para a conceituação cognitiva ou formulação do caso.

Após os passos preliminares, o paciente estará ciente dos pensamentos ou crenças que geram ou mantem o comportamento depressivo, então estrutura-se sessões centradas nas técnicas que colaborarão com o paciente no manejo dos sintomas. (POWELL; ABREU 2008)

O sentimento derrotista e de letargia são marcas da depressão. Estes sentimentos são responsáveis por gerar bloqueios às tarefas propostas pela terapia, assim com, constatar os benefícios presentes nas tarefas, quando não a própria rejeição no caso dos pacientes lesados.

A TCC objetiva-se em colaborar para a melhora da depressão ou quadro depressivo e dar ao paciente autonomia diante da patologia.

É de mui valia encorajar o paciente a confrontar os conflitos ligados à depressão ou quadro depressivo, isto resulta na autonomia e na independência do paciente, ajudando-o a se fortalecer em suas competências. (BECK, 1979 apud POWELL; ABREU, 2008).

2.4.2 A terapia cognitivo-comportamental no tratamento de sujeitos acometidos por LM

A TCC se utiliza de técnicas cognitivas que podem ser encontradas em inúmeras literaturas. Entre as técnicas encontramos o Registro de pensamentos disfuncionais este manejo amplifica a objetividade e auxilia que o indivíduo se recorde dos eventos, pensamentos e sentimentos sucedidos entre as sessões. Normalmente, o paciente traz uma carência de capacitação para descrever seus

pensamentos disfuncionais e pensamentos automáticos, indicando os estados emocionais presentes.

Segundo Fachio e Pacheco (2009) os fatores internos de influência que dizem respeito à estruturação psíquica e a reorganização a padrões de comportamento através da mudança de pensamentos prévios à lesão são características e traços pessoais necessários para o enfrentamento da L.M a serem desenvolvidos pela TCC.

Para obtenção de resultados satisfatórios registra-se a emoção do paciente e avalia-se o grau de emoção (numa escala de 0 a 10 ou 0 a 100). Para ajudar o paciente, comparações com o máximo de emoção (por exemplo, tristeza) podem ser úteis para uma avaliação mais realista. (POWELL; ABREU, 2008).

De acordo com Ciampa (1986) as palavras do outro são decisivas no processo de constituição dos pensamentos e, por conseguinte, a formação da identidade. O indivíduo interioriza as atribuições endereçadas a ele e assim forma o que pode se tornar de fato algo que passa a reconhecer como seu. Inicialmente esta relação é clara e direta, entretanto com o passar do o tempo torna-se mais velada e indireta. Através da atividade social o indivíduo recebe um papel e torna-se alguém com um significado simbólico socialmente compartilhado e assim os pensamentos de grande importância para aquisição de uma imagem real.

Os registros de pensamentos dentro desta folha também incluem uma coluna de evidências, bem como uma coluna para gerar o pensamento alternativo sobre a situação. Finalmente, pede-se ao paciente que quantifique o quanto acredita no novo pensamento, assim como a intensidade da emoção. (POWELL; ABREU, 2008).

De acordo com Powell e Abreu (2008) a duração do tratamento e remissão dos sintomas depende dos pacientes. Alguns pacientes necessitarão de um número maior de sessões para o tratamento com TCC, normalmente a terapia prioriza o atendimento em curto-prazo, com um número de sessões variando de 6 a 20.

A TCC demonstra ser a terapia adequada ao lesionado medular já que ela atende aos quesitos de quadros de cuidado à depressivos e que no caso do paciente pode ser oriundo de outros momentos mais que pode ser agravado por conta das limitações provocadas pelo acidente, e como o paciente lidará com elas, bem como, a baixa estima que vem através de pensamentos falsos e devem ser submetidos a testagem e ao tratamento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se observar, o número de acidentes com lesão medular completa a incompleta aumentou muito nos últimos anos, porém por conta, dos avanços dentro da medicina o paciente hoje goza de muitos tratamentos que amenizam seu estado. Entretanto, diante dos tratamentos médicos oferecidos existem ainda os psicológicos oriundos das perdas que paciente sofre como movimento, mobilidade e acessibilidade, desde as atividades mais simples como ir ao banheiro sozinho ou como as mais complexas como ir ao mercado, buscar os filhos na escola e viajar. Tais perdas trazem uma gama de sentimentos que podem afetar muito a autoestima e autoconfiança do paciente trazendo lhe um quadro de depressão ou até tornando mais severo um quadro já existente.

Profissionais da área psicológica podem oferecer ajuda a esses pacientes através de terapias que resgatem essas perdas e que o preparem sua nova realidade, dando ferramentas para trabalhar os momentos depressivos de forma a compreender sua origem e testar sua veracidade.

A TCC é uma abordagem que pode ser utilizada no processo terapêutico de pacientes com lesão medular, pois contempla os quesitos de tratamento de quadros depressivos em que, no caso do paciente, pode ser oriundo do acidente ou outros momentos de sua vida e que se pode ser agravado por conta das limitações provocadas pelo acidente. Essa terapia traz ao paciente condições para lidar com pensamentos negativos que geram comportamentos depressivos e que resultam na baixa estima. A TCC pode fazer a testagens dos pensamentos dentro do crivo real ou irreal e, dessa forma, descobrir se esses pensamentos encontram-se dentro da realidade ou se devem ser submetidos à testagem para que sejam ou não extirpados de mente do paciente trazendo-lhe pensamentos condizentes com sua real situação face à LM.

A TCC age como um filtro por onde os pensamentos são avaliados e resignificados de acordo com a dinâmica da terapia e do envolvimento do paciente nesse processo para que o ele alcance controle de seus pensamentos, tenha ações e atitudes saudáveis que o levam a uma qualidade de vida com saúde mental.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V.R.C. **A vivência da sexualidade de homens com lesão medular adquirida**. 2003. 229f. Dissertação de Mestrado, USP-SP 2003. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/>. Acesso em: ago de 2014.

BECK, A.T.: The current state of cognitive therapy: a 40-year retrospective. **Arch Gen Psychiatry**. v.62, n.9 p.953-9. 2005.

BERTO, C.D; BARRETO, D.B.M. **Pessoas com lesão medular traumática: As alterações biopsicossociais e as expectativas vividas**. Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba. 2011. Disponível em http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/718/pdf_219. Acesso em Ago. de 2018.

BUTLER, A.C. et al :The empirical status of cognitive-behavioral therapy: a review of meta-analyses. **Clin Psychol Rev**. v.26, n.1, p.17-31. 200. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516444620080006004 Acesso em: ago de 2018

CASALIS, M.E.P. **Lesão medular** São Paulo: Editora Roca; 2003. p. 41-6

CEREZETTI, C.R.N.; NUNES, G.R. et al: Lesão medular traumática e estratégias de enfrentamento **Revista O mundo da saúde** v.36 n.2, 2012.

CIAMPA, A.C.: **Psicologia Social** São Paulo: Ed Brasiliense, 2001. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/1/420_614_publipg.pdf Acesso em: set de 2018

CONCEIÇÃO, M. I. G.; AUAD, J. C. et al. Avaliação da depressão em pacientes com lesão medular **Rev. bras. Ter. Comport. Cogn.** v.12; n.1-2. p.45 São Paulo, jun./2010 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452010000100003. Acesso em: set 2018

ELLIOT, T. R. Depressão após lesão da medula espinhal. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.25, n.1, p.51-54. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452010000100003. Acesso em: set 2018.

FECHIO, L.M.; PACHECO B. M. K. et al: A repercussão da lesão medular na identidade do sujeito **Revista Acta fisiátrica**. v.16, n.1, 2009. Disponível em: http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=120. Acesso em: ago 2018

GALVIN, L. R; GODFREY, H.P.D: **The impact of coping on emotional adjustment of spinal cord injury(SCI)Review of Literature and application of the stress appraisal and coping formulation Spinal Cord**. v. 39, p.57 2001.

HAMMELL, K. W. . Spinal Cord Injury Rehabilitation. Norwell: Chapman & Hall. 1995
Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452010000100003. Acesso em set. 2018

KENNEDY,P. et al: A longitudinal analysis of psychological impact and coping strategies following spinal cord. **British Journal of Health Psychology**, p 57. 2000

LEAHY, R.L.: **Cognitive therapy techniques: a practitioner's guide**. New York: Guilford Press; 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516444620080006004. Acesso em: set. 2018

LIMA, C. G. TORRES, P.F.I. et al: Aspectos psicológicos associados à sexualidade do lesado medular **Revista Estação Científica** - Juiz de Fora nº 12 dez 2014 Disponível em http://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/04.pdf Acesso em: set de 2018.

POWELL, V. B.; ABREU, N et al: Terapia cognitivo-comportamental da depressão **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.30 suppl. 2 São Paulo; p 576-577 out./ 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516444620080006004 Acesso em: set. 2018

PUHLMANN, F. A revolução sexual sobre rodas: conquistando o afeto e a autonomia. São Paulo. O nome da rosa, 2000.

MURTA, G. S.; GUIMARAES, S. S: **Enfrentamento à lesão medular traumática**. Universidade Católica de Goiás Universidade de Brasília Estudos de Psicologia 2007 p 12. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2007000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: jun de 2018

SALVADOR, L.A., TARNHOVIT, E.G.: **Estudo comparativo da qualidade de vida em indivíduos com trauma raquimedular praticantes e não-praticantes de atividades físicas, utilizando o questionário genérico SF-36**. Disponível em <http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/traumato/raquimedular/raquimedular.html> . Acesso em: jun de 2018.

SOUZA, E.P.D; ARAUJO,O. F. et al : Principais Complicações do traumatismo Raquimedular nos pacientes internados na unidade de neurocirurgia do hospital de Base do Distrito federal **Revista Comunicação de ciências da saúde** . 24, n.4, 2013.

VALL, J., BRAGA, B. B. V.; ALMEIDA, C. P. Estudo da Qualidade de Vida em pessoas com lesão medular Traumática. **Revista Arq Neuropsiquiatr** 2006; v.64, n.2-B; p.451-455. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/anp/v64n2b/a19v642b.pdf> Acesso em: jun de 2018.

SILVA, L.C.A. **A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2004.

MULHERES DE MEIA-IDADE: A NÃO ACEITAÇÃO DA IDADE CRONOLÓGICA E AS TRANSFORMAÇÕES PSÍQUICAS E BIOLÓGICAS

PRATES, Elisangela
YAZAWA, Thaís

RESUMO

A fase da meia idade, é uma etapa da vida que acomete as mulheres, ocorre juntamente com o período da menopausa e conseqüentemente durante o processo de envelhecimento, provocando diversas transformações tanto psíquicas quanto biológicas, acarretando assim a não aceitação cronológica. O objetivo da pesquisa foi analisar a vivência das mulheres de meia-idade, com o intuito de verificar quais as transformações que o correm no período da menopausa. O método utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semidirigida, com questionário contendo perguntas sociodemográficas e específicas sobre a menopausa. A análise dos dados identificou quais os fatores que influenciam na autoaceitação de dessas mulheres de meia-idade. Os resultados obtidos foram através das análises dos dados de cunho quantitativo. Verificou-se que há diversos fatores que corroboram para as alterações tanto psíquicas quanto biológicas e que acometem a não aceitação cronológica decorrente do envelhecimento, que é um processo natural e irreversível, como a insônia que acometem de 50% a 75% das mulheres nesta fase da vida levando-as necessidade do uso de medicamentos para dormir.

Palavras chave: menopausa, meia-idade, envelhecimento, sexualidade.

ABSTRACT

The middle age phase, and a stage of life that affects women, occurs along with the period of the menopause and consequently during the process of aging, causing several transformations both psychic and biological, thus causing a non-chronological acceptance. The aim of the study was to analyze the experience of middle-aged women to verify the changes that occur during the menopause period. The method used for data collection was a semi-directed interview, containing sociodemographic and specific questions about menopause. Data analysis identified which factors influence self-acceptance of middle-aged women. The data were compared with the quantitative data. It has been found that there are several factors that corroborate that both psychic and biological changes that affect a non-chronological acceptance resulting from aging, which is a natural and irreversible process, such as insomnia that affects 50% to 75% of women, in this phase of life leading to the custom of using sleeping pills.

Keywords: menopause, middle age, aging, sexuality.

1 INTRODUÇÃO

A meia-idade feminina é uma etapa do desenvolvimento onde o climatério e a menopausa estão inseridos. Esta etapa está associada no senso comum como um estilo de vida marcado pelas atividades familiares, como o casamento, os filhos e pelas atividades de trabalho remunerado. (DUARTE, 2006, p. 37).

Este estudo é sobre as mulheres de meia-idade, aspectos como a não aceitação cronológica, as consequências psíquicas e biológicas que acarretam no decorrer dessa fase. Tendo como objetivo geral deste trabalho identificar quais os fatores na autoaceitação de mulheres nesta fase de meia-idade. Os respectivos objetivos subsequentes englobam realizar entrevista e realizar revisões bibliográficas dos temas: menopausa, meia-idade, envelhecimento e sexualidade.

O termo meia-idade, foi utilizado a partir do momento em que se constatou um aumento da expectativa de vida dos indivíduos, em específico das mulheres. O termo meia-idade apareceu pela primeira vez nos dicionários em 1895 (LACHMAN, 2004 *apud* PAPALIA, 2013), quando a expectativa de vida começou a se prolongar.

Do ponto de vista cronológico, a meia idade é demarcada em torno da faixa etária de 40 a 60 anos, contudo, a passagem do ser humano pelos ciclos da vida envolve os processos biológicos do envelhecimento, mas que são vivenciados simbolicamente e sócio-historicamente construídos (ANTUNES, 2013, p. 177).

Diante da fase apresentada, há nesse período da menopausa diversas mudanças, que são definidas por Lima (2016) como “o fim dos ciclos sexuais femininos, período no qual cessa a atividade do ovário na liberação de folículos e, portanto, a capacidade reprodutiva feminina”. E como a sociedade influencia nesse processo de envelhecimento e na autoestima das mulheres, de acordo com Vilhena (2005, p.113) “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher”.

As mudanças corporais, hormonais e psicológicas podem ser chamadas de Climatério, palavra que tem origem no grego – *Klimacter* e significa período crítico (SILVA et al., 2006 p. 18). Por momento crítico pode-se compreender por ser uma fase em que a mulher passa por diversas transformações, tanto psíquicas como biológicas e isto está diretamente interligado com o estilo de vida do indivíduo.

Para Valença (2010, p.165), “o climatério é um fenômeno biopsicossocial que representa a fase de transição entre a menacme (período compreendido entre a menarca e a menopausa) e a senectude (velhice) e abrange a transição do estágio reprodutor para o não reprodutor”.

De acordo com Feitas et al (2004, p. 122), “o climatério é, portanto, um processo de mudanças físicas e emocionais para a mulher, que ainda recebe a influência de múltiplos fatores, sua história de vida pessoal e familiar, seu ambiente, cultura, costumes, as particularidades pessoais, psiquismo, dentre outros.”

A menopausa corresponde ao último ciclo menstrual da mulher, que acaba, proporcionando a incapacidade reprodutora. Assim, Lima (2016) afirma que “a menopausa é o fim dos ciclos sexuais femininos, período no qual cessa a atividade do ovário na liberação de folículos e, portanto, a incapacidade reprodutiva feminina”.

A menopausa apresenta diversos sintomas e sinais que ocorrem nas mulheres, alguns apresentam mais sintomas outras menos, existem alguns que são mais comuns de se apresentarem. (VALENÇA, 2010).

Alguns dos sintomas mais comuns durante essa fase de acordo com Mori et al (2006) são ondas de calor, sudorese, insônia, secura vaginal, irritabilidade, sintomas depressivos, ansiedade e outros.

Uma das alternativas mais usuais e indicada para o tratamento durante essa fase da menopausa para as mulheres é a terapia de reposição hormonal. Pois é indicada devido a sua atuação em regularizar a diminuição da produção de estrogênio que é acomete as mulheres nesse período.

As mulheres quando entram na fase da menopausa, se deparam com a ocorrência da diminuição da produção de estrogênio e uma alternativa para regularização desse hormônio é a Terapia de reposição hormonal, que utiliza-se de hormônios sintéticos e naturais para que colaborem com a melhora de alguns sintomas decorrentes desse período da fase em que as mulheres se encontram. (MOLLE et al,2004; MENDONÇA, 2004; GRINGS et al 2009 *apud* de QUEIRÓS 2014).

Os fatores socioculturais podem influenciar as mulheres, apresentarem insatisfações corpóreas, em relação a concepção da beleza, estabelecida pela sociedade o que ocasiona uma queda da qualidade de vida dessas mulheres e conseqüentemente uma baixa na autoestima (TAFARELLO, 2015, p.249).

Para Valadares (2010), a sexualidade é uma mistura de intimidade, afeição, conexão, autoprazer, autoimagem, além do contexto relacionado ao gênero, à etnia e à comunidade. “Os aspectos biológicos da sexualidade, no entanto, tomados como naturais, são supervalorizados enquanto os demais são considerados como fatores culturais, sujeitos a diferenças geográficas, históricas, temporais e espaciais” (GONÇALVES, 2009, n.p).

De acordo com Alves et al (2015), as mulheres também enfrentam preconceitos na fase do climatério, pois a sociedade acredita que as mulheres fora do período de reprodução não possam ser capazes de exercer sua sexualidade normalmente.

Carvalho (2002), em seus estudos, destaca que os fatores de ordem psicológica correspondem respectivamente emocionais e cognitivos associados a experiência sexual. Algumas emoções podem influenciar, como raiva, vergonha ou culpa podem estragar em relação aos sentimentos de prazer. Já os fatores cognitivos influenciam na capacidade de manter a concentração nos estímulos sexuais, fazendo com que ocorra a distração a atividade sexual. A imagem corporal e a autoestima também influenciam em aspectos centrais da sexualidade feminina.

Segundo Semíramis (2012), a sociedade propaga uma imagem da mulher com os corpos todos esculpido pela magreza, utilizando-se de estereótipos padronizados como sinônimos de beleza mundial, e a mídia reforça esses padrões em seus programas televisivos. Por isso as mulheres estão sempre procurando a perfeição de uma aparência invejável.

A mídia tem grande influência quando o assunto é a beleza, aos padrões e estereótipos, mostrando sempre corpos magros como sinônimo de beleza e que ser magro é ser saudável. De acordo com Ribeiro (2016 *apud* KALB 2018, p.02), “esses meios de comunicação enfatizam a importância de ter um corpo magro e jovem para que tais mulheres sejam aceitas pela sociedade, sendo essas características muito importantes para serem consideradas belas e saudáveis”.

Conforme Freyre (1987) *apud* Goldenberg (2005), para manter essa juventude as mulheres utilizam artifícios como tinturas para os cabelos, cosméticos e cirurgias plásticas, propagam a imagem da mulher bela e jovial, sendo assim a busca das senhoras, a juventude.

Para Borges (2017, p.19), “o envelhecimento é um fenômeno natural,

universal, irreversível e não ocorre de forma simultânea e igualitária nos seres humanos. Envelhecer faz parte da vida e, visto à luz dos conhecimentos atuais, não há nada que se possa fazer para alterar esse processo”.

Segundo Sschneider (2008), a velhice é uma etapa da vida que se caracteriza por suas particularidades e estabelece relações com aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. “O envelhecimento é um fenômeno que atinge todos os seres humanos, independentemente. Sendo caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligados intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais” (BRITO e LITVOC, 2004 *apud* FECHINE,2012, p. 108).

A globalização contribui para o avanço de técnicas que prometem resultados rápidos para amenizar as marcas da idade no processo de envelhecimento, isso afeta mais o público feminino, pois as mulheres são consideradas mais vaidosas, porque tentam a todo custo parecer mais joviais. Sardenberg (2002), afirma, que o envelhecimento é um processo natural, que todas as pessoas passaram por esse processo e que a sociedade mostra o envelhecer como algo vergonhoso e que as pessoas tentam combater algo que é natural a todo custo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Material e métodos

A presente pesquisa é de natureza quantitativa, sendo que para a realização dessa pesquisa pode-se contar com um grupo de mulheres de um asilo, localizado na cidade de Duartina – SP, totalizando 10 (dez) mulheres, Os critérios para participar da entrevista é de que as mulheres deveriam conter acima de 60 (sessenta) anos de idade, ter vivenciado o período da menopausa e a exclusão dessa participante deveria ser caso ocorresse a recusa verbal em participar da pesquisa.

As mulheres com idade igual ou superior a sessenta anos, que aceitaram participar voluntariamente, responderam a uma entrevista semidirigida, composta por 15 (quinze) perguntas, sendo as iniciais as perguntas sociodemográfica contendo 5 (cinco) e as outras eram específicas ao tema.

As perguntas corroboraram para constatar informações relacionadas vivência dessas mulheres, nesse período de transformações que decorre para o evento da menopausa, visando analisar quais são as transformações que ocorrem nesse período e como elas impactaram na vida dessas mulheres.

2.2 Resultados e discussão

Os resultados obtidos dessa pesquisa serão mencionados de acordo com a relevância que eles têm impacto de acordo com a análise desses dados.

É possível verificar que estudos apontavam em uma determinada época a queixa em relação a insônia, enquanto nessa pesquisa constatou-se uma porcentagem menor em relação há alteração da qualidade do sono. De acordo com análise dos dados constata-se que 30% sentiram alterações na qualidade do sono, enquanto 20% informaram que não tiveram alterações. Algumas informaram que utilizam medicação calmante para dormir, correspondendo a 35% conseguem dormir com calmante e 35% não toma nenhuma medicação para induzir o sono.

A literatura aponta que esse é um dos sintomas que acometem mulheres nessa fase da vida. No entanto para Vigeta (2007, p.378) “Há estudos demonstrativos de que “50 a 75% das mulheres queixam-se de insônia para iniciar o sono, despertares frequentes e sonolência diurna durante a menopausa e a pós-menopausa”

A partir das informações apresentadas foi possível verificar que a maioria das participantes obtiveram a diminuição da libido, representada por 80% das entrevistadas, já a porcentagem de 20% informou que não ocorreu a diminuição da libido decorrente da fase da menopausa.

E dos dados coletados pode-se verificar que em relação a incontinência urinária constatou-se que 70% das mulheres entrevistadas sentiram ou sentem incontinência urinária. E apenas 30% afirmaram que não sentiram.

Referente ao assunto sobre a alteração do humor, pode-se constatar das mulheres entrevistadas 67% disseram que não obteve alteração de humor, enquanto apenas 17 % informação que tiveram alterações no humor, sendo que 8% das que apresentaram essas alterações informou a irritabilidade e outros 8% informaram o humor triste como uma alteração de humor.

Outros dados analisados e com grande importância sobre as alterações psíquicas das entrevistadas foi se já ocorreu com as mesmas e foi possível analisar que 90% das mulheres informaram que não apresentaram nenhuma alteração psíquica, e apenas 10% informou que já teve alterações e decorrente de uma depressão. E em relação se as participantes sentiram ondas de calor e como foi essa experiência. Dos dados analisados verifica-se que 70% das mulheres entrevistadas sentiram ondas de calor no período da menopausa. Enquanto 30% disseram que não sentiram os fogachos (ondas de calor). E outro dado pertinente é em relação à secura vaginal. Pode-se verificar que 50% das mulheres apresentaram secura vaginal, enquanto os outros 50% das mulheres informaram não sentiram.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender o processo que as mulheres de meia-idade enfrentam durante a não aceitação da idade cronológica e as transformações psíquicas e biológicas. Com isso, pode-se identificar quais os fatores que influenciam a não aceitação da idade cronológica de mulheres de meia-idade.

Observou-se que o entendimento do envelhecimento e as mudanças psíquicas e biológicas eram verbalizadas de acordo com o nível de escolaridade das entrevistadas. Isso contrariou a hipótese de que todas as mulheres pudessem descrever esse processo de transição.

Em conformidade com os exemplos das revisões bibliográficas, a menopausa é uma fase decorrente do climatério, período de transição entre a fase reprodutiva e a senectude, onde ocorre alguns sintomas que persistem na menopausa.

O estudo demonstra o entendimento das mulheres sobre as mudanças de seus corpos conforme as alterações biológicas e psíquicas na fase da menopausa, apesar de não esgotar o assunto.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. R. P. et al. Climatério: a intensidade dos sintomas e o desempenho sexual. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 64-71, 2015.

ANTUNES, D. C. C. **Abordagem da menopausa nos cuidados de saúde**

primários: a visão de dois centros de saúde 2014. Dissertação de Mestrado. Disponível em <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/31473>> Acesso em 20 ago 2018.

BORGES, E. O envelhecimento populacional: um fenômeno mundial. **o envelhecimento populacional um fenômeno**, 17.2017. researchgate.net
CARVALHEIRA, A. A., & ALLEN-GOMES, F. A disfunção sexual na mulher.

DUARTE, C. P., dos Santos, C. L.; Gonçalves, A. K. A concepção de pessoas de meia-idade sobre saúde, envelhecimento e atividade física como motivação para comportamentos ativos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.23 n.3, 2002.

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, v.1; n.20, 2015.

FREITAS, K. M., de Vasconcelos Silva, Â. R.; DA SILVA, R. M. Mulheres vivenciando o climatério. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v.26, n.1, p. 121-128., 2008.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v.17n.2, p. 65-80.2005.

GONÇALVES, R.; MERIGHI, M. A. B. Reflections on sexuality during the climacteric. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 17, n.2, 160-166. 2009.

KALB, S. K. Valorização do corpo e sofrimento psíquico: a mídia como mediadora dos padrões hegemônicos de beleza. 2018.

LIMA, G. G., da Glória Batista, M. M.; MAGALHÃES, E. Aspectos biopsicossociais da meia idade desencadeados pela menopausa. 2016. Disponível <http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: 01 set 2018.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. A vida ouvida: a escuta psicológica e a saúde da mulher de meia-idade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v.3 n.2, p.36-78,2003.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.17, n.2, 177-187.2004.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2013.

SARDENBERG, C. M. B. **A mulher frente à cultura da eterna juventude**: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona. 2002.

SEMÍRAMIS, C. **Corpo feminino, beleza e diversidade na mídia**, 2012. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/corpo-feminino-beleza-e-diversidade-na-midia/>> Acesso em: 2 set 2018.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, v.25, n.4, 585-593.2008.

SILVA, M. P. Corpos disciplinados, indivíduos civilizados: **A etiqueta**. Disponível em: actacientifica.servicioit.cl/.../gt/GT26/GT26_PereiraDaSilva.pdf. Acesso em: 15 set 2018.

TAFARELLO, R., do Nascimento Júnior, J. R. A.; DE OLIVEIRA, D. V. Qualidade de vida e autoestima de mulheres praticantes de musculação e ginástica em academia. **Cinergis**, v. 16, n.4, 2015

VALADARES, Ana Lúcia Ribeiro et al. Sociocultural adaptation of the short personal experiences questionnaire (SPEQ) in Brazil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 32, n. 2, p. 72-76, 2010.

VALENÇA.C. N.; MEDEIROS G. R. Concepções de mulheres sobre menopausa e climatério. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v.11, n.1,2010.

VIGETA, S. M. G. Alterações do sono e menopausa: uma revisão da literatura. **Cienc Cuid Saude**, v.6, n3, p.377-383,2007.

VILHENA, J., Medeiros, S.; VILHENA Novaes de, J. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, v5, n.1, p.109-144.2005.

NEUROMARKETING

CARVALHO, Gustavo Ferreira³
BORGES, Lígia Cristine Ferreira⁴
BORGES, Luciano⁵

RESUMO

O marketing digital é uma importante ferramenta empresarial que visa atender as necessidades dos clientes em adquirir produtos e até mesmo serviços com grande facilidade de compras, pesquisas e informações. Entender como ocorrem os processos de tomada de decisão a partir do estudo das atividades cerebrais do consumidor através das técnicas neurocientíficas, contribuiu para que as técnicas já existentes do marketing digital sejam ainda mais assertivas e conseqüentemente coloque o produto ou serviço em ascensão. Portanto independente do ramo de negócio da empresa conhecer sobre o marketing digital e neuromarketing possibilitara adotar as melhores estratégias de marketing para seu empreendimento.

Palavras-chave: Marketing; Digital; Neuromarketing; Comportamento do Consumidor.

ABSTRACT

Digital marketing is an important business tool that aims to meet the needs of customers in acquiring products and even services with great ease of shopping, research and information. Understanding how decision-making processes occur through the study of brain activities of the consumer through neuroscientific techniques has contributed to the already existing techniques of digital marketing being even more assertive and consequently placing the product or service on the rise. Therefore regardless of the business line the company knows about digital marketing and neuromarketing will enable you to adopt the best marketing strategies

³Concluinte do ensino médio pela Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco. E-mail: gustavoudia23@gmail.com;

⁴Graduada em Ciências Contábeis; Bacharel em Direito pela Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, Pós-graduação em Direito Civil, Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior, MBA em Empreendedorismo, Marketing e Finanças pela Faculdade Futura. E-mail: bgsligia@gmail.com;

⁵Concluinte do curso de Administração pela Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC. Concluinte em Pós-graduação em Marketing Digital, MBA em Liderança Sustentável e Coaching Executivo, MBA em Logística Operacional, MBA em Gerenciamento de Processos de Negócio - BPM pela Faculdade Futura. E-mail: bgs luciano@gmail.com.

for your venture.

KEYWORDS: Marketing Digital; Neuromarketing; Consumer Behavior.

1 INTRODUÇÃO

Através da internet, atualmente milhares de pessoas ficam conectadas por diversas horas e através dela pagam, pesquisam e compram o que precisam. Como muito bem elucidado por BARATA (2011) “A tendência pela busca de métodos mais rápidos e práticos de comunicação adquire no mundo atual papel de relevância na vida dos indivíduos.”

Ao longo dos anos o Marketing passou por mudanças, evoluindo e adaptando de acordo com as necessidades do mercado, passamos do marketing tradicional para o marketing digital onde os canais digitais são os principais meios usados. E atualmente além das questões já trabalhadas como estratégias no marketing digital, temos outro ponto importante que é o perfil do consumidor e como podemos ativar o seu desejo de compra.

É nítido o quanto a tecnologia com seus inúmeros aplicativos, auxilia em atividades administrativas, financeiras, portanto a competição no mundo digital também existe, sendo necessário buscar estratégias e técnicas para que seu produto e/ou serviço seja conhecido, lembrado, comprado e fidelizado. Diante dessa necessidade temos o neuromarketing, uma importante técnica, que leva em consideração o comportamento do consumidor.

O consumidor é influenciado por diversas questões, os quais se referem aos aspectos culturais, sociais e psicológicos e estes fatores agrupados com as vivências do ciclo de pessoas que cada indivíduo convive, se tornam fundamentais para delimitar seu comportamento e determinar suas escolhas e desejos. Aliando essas questões as estratégias do marketing digital colocamos o produto em ascensão, pois o que está sendo ofertado de maneira correta despertará gatilhos no cérebro de quem está comprando criando essa necessidade, desejo em querer adquirir esse produto.

2. MARKETING DIGITAL

A internet como podemos observar diariamente, já está inserida na cultura

contemporânea, mesmo que a maior parte das pessoas não tenha conhecimentos tão profundos sobre ela. O mercadonão pôde mais ignorar o crescimento da rede e para se sentir parte desta evolução precisa se adaptar e se inserir neste mundo virtual. Como nos ensina Sheth et. al., (2002) caracterizou o marketing digital “como uma forma de se fazer marketing mediante ações de comunicação que as empresas utilizam com recursos digitais, podendo ser representados via Internet”.

Pode até parecer um conceito simples, porém com a constante evolução da tecnologia, usar os meios digitais corretos, junto com a melhor estratégia diante de inúmeros recursos, exige que a empresa esteja focada, obtenha conhecimento para decidir em quais ações deve investir e qual o melhor meio para promover a empresa e seus produtos.

O Marketing digital possui muitas vantagens como por exemplo: a comunicação entre consumidor e empresa não é tão acessível no marketing tradicional como é no marketing digital. O Marketing Digital, por meio das redes sociais, aproxima a empresa do consumidor,, suas campanhas terão alcance mundial, com ferramentas adequadas de marketing é possível coletar informações e dados sobre as pessoas que navegam pela Internet, possibilita que pequenas e médias empresas sejam vista e tenha atenção dos consumidores assim como as grandes marcas do mercado, o retorno é alto e o investimento é muito menor do que em mídias tradicionais, pela internet é possível avaliar, muitas vezes em tempo real, os resultados de cada uma das suas ações de marketing online.

Entretanto, apesar de parecer complexo e desafiador, o Marketing Digital se tornou uma enorme oportunidade para as empresas reforçarem sua marca e multiplicarem suas oportunidades de negócio, já que, cada vez mais, a internet vai fazer parte da vida das pessoas.

Sheth et. al., (2002) explica que “na era industrial, os profissionais de marketing começavam e dirigiam o processo de troca. Na era da internet, os clientes definem de que informações, oferta que necessitam e que preços estão dispostos a pagar”.

2.1 Evolução do Marketing Digital

O marketing digital vem se alastrando cada vez mais no mundo moderno e seus impactos sobre a formas das marcas se relacionarem com seu público-alvo também. Por isso, acompanhar as mudanças de comportamento e novas tecnologias é fundamental para o sucesso do negócio.

Uma das principais evoluções do marketing digital é o aparecimento de novas opções na área dos links patrocinados, como na plataforma do Google, através do seu Google Ads.

A maneira de se fazerem pesquisas também evoluíram, está em alta as pesquisas por voz, feitas em aplicativos como o Google Assistente, Google Home, Alexa e Siri. De acordo com o site Thee Design “Atualmente, um terço das 3,5 bilhões de buscas feitas no Google diariamente são pesquisas de voz”.

Agora quando o assunto é divulgação e promoção das marcas, as maneiras tradicionais estão sendo deixadas de lado, a grande aposta são os influenciadores digitais que cada vez mais ganharam espaço nas redes sociais realizando as campanhas online, independente de qual produto ou ramo o negócio. Este é um ramo que cresce aceleradamente no Brasil e no mundo, ao mesmo tempo em que se torna cada vez mais profissionalizado.

Os anúncios já são feitos no Facebook e no Instagram, porém a tendência é que continuem crescendo na medida em que a plataforma aumente as opções de publicidade. Os anúncios cada vez mais ficam mais sofisticados, permitindo segmentações para que a mensagem chegue corretamente ao público alvo almejado.

Um dos sites mais famosos e que está em constante evolução, sendo criado para o armazenamento e compartilhamento de vídeos em formato digital de forma gratuita é o YouTube, propriedade do Google, o canal pode ser customizado, sendo possível colocar o nome da marca, imagem de fundo e descrição. Podemos considerar o site como uma plataforma de marketing, cada vez com mais opções são usadas inclusive para atingir os objetivos comunicacionais empresarias, levando em conta as estratégias do marketing digital.

O marketing digital revelou ao mercado uma interação nunca antes vista entre consumidor e marca, permitindo uma precisão maior na comunicação, tornando o mercado mais desafiador.

3. NEUROMARKETING

Com o passar dos anos o marketing tem evoluído, acompanhando as tendências do mercado e principalmente o comportamento do consumidor, devido a isso surgiu o neuromarketing definido por Kimura (2016) “uma atividade ou pesquisa de marketing que estuda a essência do comportamento do consumidor”. Nele são usados o conhecimento e as técnicas neurocientíficas para atingir o inconsciente que aliado a outros fatores como: cultural, psicologia dentre outros, indicam caminhos mais eficazes para a comunicação. Entende-se que a evolução do neuromarketing é mais complexa, configurando-se assim como um campo recente e em crescente evolução, que rompe fronteiras disciplinares da Neurociência e do Marketing.

No contexto de marketing digital o neuromarketing vem auxiliar nas estratégias de atração, relacionamento, principalmente devido à alta competitividade do ambiente online, ou seja, junta se toda estratégia, conhecimento e evolução do marketing nessa era digital com o conhecimento científico do comportamento do consumidor. Para Lindstrom (2009, p. 15), o neuromarketing visa entender “os pensamentos, sentimentos e desejos subconscientes que impulsionam as decisões de compra”.

O termo neuromarketing só veio a ser cunhado em 2002, por Ale Smidts, professor de Marketing na Erasmus University, na Holanda. A partir de então, o termo passou a ser amplamente utilizado (LEWIS; PHIL, 2004; SOLNAIS et al., 2013).

O Neuromarketing leva em conta a atenção, emoção/motivação e a memória, portanto alguns questionamentos básicos são feitos para essa análise como: no item: atenção: o meu produto, embalagem, anúncio ou comercial chama atenção? Como ser pertinente e relevante para o consumidor? Já no quesito: Emoção/motivação: quanto e quais emoções a comunicação gerou no consumidor?

E por fim na Memória: minha marca/produto ficou na memória? O quanto a memória de longa duração foi estimulada pela comunicação?

Respondendo essas perguntas será possível entender o comportamento do consumidor do seu produto e com as técnicas de marketing chegar a melhor estratégia para seu negócio.

3.1 Aplicação do Neuromarketing

Aplicar o Neuromarketing no Marketing Digital contribui em um aumento considerável nas vendas, especialmente para as empresas que focam suas vendas pela internet. A neurociência diz que o comportamento de alguém (inclusive de compra) é realmente motivado por estruturas irracionais do cérebro (sistema límbico).

Comprar pela internet remete a ideia de comprar no conforto da sua casa, de maneira mais rápida e prática, o que eleva a possibilidade do consumidor adquirir um produto por impulso, emoções que todo o apelo lhe causa. O Neuromarketing no Marketing Digital faz com que essas emoções sejam evocadas com mais eficiência.

Durante as compras pela internet os sentidos mais usados são a visão e a audição, portanto estimular estes sentidos é uma estratégia digital que desperta sensações de quem está do outro lado. Chegar também até a memória e emoção de uma pessoa de maneira fácil é possível através do STORYTELLING, como nos explica Kimura(2016) "Story significa: O fato, o acontecimento, a mensagem central que você deseja transmitir e Telling: é a ferramenta que você utilizará para transmitir essa mensagem. É o roteiro, a estrutura da narrativa".

Nossas memórias são formadas pela repetição ou pela emoção, aliando as boas estratégias de comunicação, as marcas podem transmitir mensagens de amor, respeito, confiança, segurança, status, tranquilidade, etc. Todas estas emoções criam vínculos entre marcas/produtos e clientes e influenciam o comportamento de pessoas, usando adequadamente esta estratégia cria-se um relacionamento entre a marca e o consumidor, fazendo com que estes produtos/serviços sejam lembrados pelos consumidores e conseqüentemente comprados.

Por mais que as pessoas busquem comodidade ao comprar pela internet, elas também desejam ter todas as informações do produto que está adquirindo, por

isso investir em um material autoexplicativo de fácil compreensão e que contenha uma mensagem direta, faz com que o produto tenha maior aceitabilidade.

Importante lembrar também que uma imagem pode ser um fator decisivo na hora do consumidor escolher um produto, portanto investir em cores, design e formas apropriadas, facilita o reconhecimento e o processamento da informação no cérebro.

Inconscientemente nosso cérebro é egoísta, ele busca sensações de pertencimento, de seres únicos, produtos que permitem os consumidores a sentirem essas sensações tendem a fidelizar seus clientes, observe clientes que possuem cartões vips ou acesso as áreas vips de aeroportos, esses são exemplos de clientes que se sentem únicos para aquela empresa.

Portanto, conhecer o produto e entender quais emoções, quais sentidos, desejos e memórias que ele vai ativar no cérebro do consumidor, ajudará adotar estratégias eficazes para ascensão dos negócios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o marketing como ação no mercado vai muito além do que acreditar que o marketing está ligado apenas à venda ou propaganda. Sua ação vai muito além, subentende-se como um processo social e de gestão, que procura satisfazer necessidades dos consumidores e se faz resultante da grande concorrência que invade o mercado, atribuindo-lhe também a tarefa de fazer com que o produto ou serviço vendam-se por si só. Nesse contexto surge a valorização do cliente, tornando-o soberano em suas exigências, que, se satisfeitas, tornar-se-ão responsáveis pela esperada fidelização do cliente e conseqüente sucesso da empresa.

Percebe-se que o Marketing Digital tende a crescer ainda mais e para que um produto tenha sucesso no mercado, não basta apenas um produto bom é necessário levar essas informações, vantagens até o consumidor final e para isso a melhor maneira é utilizar estes recursos.

Por essa razão, muitas das estratégias e ferramentas do marketing aliadas ao conhecimento científico do comportamento do consumidor tende a ser usado cada vez mais, nesse contexto, é importante que haja domínio das ferramentas disponíveis, o que vai propiciar boa aplicação do trabalho de marketing no meio

digital e assim conquistar o sucesso da empresa na internet entendendo qual a sensação, desejo seu produto causa ao seu cliente.

Através dessas novas plataformas que evoluíram ao longo dos anos e a compreensão das técnicas do neuromarketing, empresas e clientes possuem maior acessibilidade, relacionamento e interatividade, o uso das mídias digitais contribui auxiliando a marca a conseguir definir melhor futuras ações e produtos que serão de interesse desse público. O uso em conjunto de publicidade online, site, blog, e-mail marketing e redes sociais traz flexibilidade para a empresa, contribuindo também para elaboração de estratégias para campanhas e ações.

O neuromarketing ganhou espaço no contexto organizacional, como um fator que auxilia as empresas a estarem de acordo com o comportamento do mercado consumidor, contribuindo com novas formas de aperfeiçoar seus produtos ou serviços e gerando maiores lucros e competitividade entre as empresas. O neuromarketing traz uma série de técnicas e ideias para conseguirmos ter conteúdos efetivos nos negócios.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gislene Freitas e RIOS, Riverson. **Estratégias do Marketing Político Digital aplicadas à campanha presidencial de Barack Obama**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BARATA, L. **A nova abordagem do Webmarketing aliada ao comportamento do consumidor**. f. 108. Dissertação (Mestrado em Publicidade e Marketing) – Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa, 2011.

BLACKWELL, Roger D. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo – Cengage Learning, 2009.

CAVALLINI, Ricardo. **O Marketing depois de amanhã**. São Paulo: Ed. do Autor, 2008.

CINTRA, Flávia Cristina. **Marketing digital: a era da tecnologia on-line**. Investigação, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 6-12. 2010. Disponível em: Acesso em: 13 maio 2019.

COBRA, M. **Administração de Marketing: A análise do mercado de consumo e o comportamento do consumidor**. São Paulo: Atlas, 1992.

GABRIEL, Martha. **Marketing na Era Digital**. São Paulo: Novatec, 2010.

GODIN, Seth. **Marketing IdeiaVirus**. Trad. Heitor Pitombo - Rio de Janeiro: Campus, 2001.

KIMURA, Fernando. **Neuromarketing**. Disponível em <https://www.sas.com/content/dam/SAS/pt_br/doc/events/ci-forum-2016/e-book%20neuromarketing%20kimura.pdf>. Acesso em: 10 jun.2019.

LINDSTROM, M. **A lógica do consumo: Verdades e mentiras sobre por que compramos**. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KOTLER, Philip & Keller, Kevin Lane (2006). **Administração de Marketing**. Ed. Pearson Education. 12. ed. São Paulo: Pearson Education.

SHETH, J. N; ESHGHI, A; KRISHNAN, B C. **Marketing na Internet**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SOLNAIS, C. et al. **The contribution of Neurosciences to consumer research: A conceptual framework and empirical review**. *Journal of Economic Psychology*, v. 36, p. 68-81, 2013.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital**. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

VALLE, Alberto. **Tendências do Marketing Digital em 2019**. Disponível em <<https://www.academiadomarketing.com.br/tendencias-do-marketing-digital-em-2019/>>. Acesso em: 01 jun.2019.